

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS:
UM ESTUDO TRANSVERSAL COM HOMENS E MULHERES
PERTENCENTES A TRÊS GRUPOS ETÁRIOS**

ELIETE JUSSARA NOGUEIRA

ORIENTADORA: PROF^A. DR^A. ANITA LIBERALESSO NERI

2001

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS:
UM ESTUDO TRANSVERSAL COM HOMENS E MULHERES
PERTENCENTES A TRÊS GRUPOS ETÁRIOS**

ELIETE JUSSARA NOGUEIRA

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Eliete Jussara Nogueira e aprovada pela comissão julgadora.

Data: 30/08/2001

Assinatura: _____
Orientadora

Comissão Julgadora:

2001

© by Eliete Jussara Nogueira, 2001.

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNI CAMP**

Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Nogueira, Eliete Jussara.

N689r Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres
pertencentes a três grupos etários / Eliete Jussara Nogueira. – Campinas, SP:
[s.n.], 2001.

Orientador : Anita Liberalesso Neri.

Dissertação (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Interação social. 2. Idosos. 3. Psicologia. 4. Ciclo vital humano.
5. Envelhecimento – Aspectos psicológicos. I. Neri, Anita Liberalesso. II.
Universidade Estadual de Campinas. III. Título.

01-0121-BFE

AGRADECIMENTOS

Ao Roberto, por caminharmos juntos, nos bons e maus momentos, pelo encorajamento constante e por tantos anos de carinho. Aos meus filhos queridos, André e Pedro, pelos abraços e sorrisos de apoio por entenderem a importância deste trabalho para mim.

À Professora Doutora Anita Liberalesso Neri, pela orientação, pela oportunidade de novamente trabalharmos juntas, pelo comportamento profissional que incentiva a busca de um conhecimento responsável, toda a minha admiração.

À Uniso - Universidade de Sorocaba, pela concessão de uma bolsa de estudos do programa PICDT - CAPES, que financiou parcialmente esta pesquisa e pelo incentivo para meu crescimento profissional.

À Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, pela oportunidade de realizar o curso de doutorado e conviver com professores altamente qualificados.

Ao atendimento dos funcionários, em especial à Nadir Camacho, sempre atenciosa.

Aos colegas do Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento, entre eles: Lucila, Andréa, Cinara, Marinéia, Alberto, Meire, Regina, Marilim e Sueli, uma convivência muito importante, pelas discussões e contribuições teóricas e pela relação de amizade cultivada.

Às pessoas que colaboraram, cada uma a sua maneira, para a realização deste trabalho: às auxiliares de pesquisa Sheila e Jocely, pelo empenho e cuidado nas instruções das entrevistas; à Tereza e Jane por indicar e ajudar a localizar algumas das pessoas entrevistadas, e principalmente as pessoas que gentilmente colaboraram para responder esta pesquisa.

Aos meus pais, minha irmã e a tantos outros amigos que fazem parte da minha rede de relacionamentos, que, em momentos distintos, cada uma a seu modo ofereceram apoio para a construção deste trabalho, meu muito obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
<i>As fases do desenvolvimento na vida adulta e critérios para sua demarcação</i>	<i>4</i>
<i>As relações sociais no contexto do desenvolvimento humano.....</i>	<i>11</i>
<i>Conceitos de rede de relações e de rede de apoio social.....</i>	<i>17</i>
<i>A configuração da rede de relações sociais: associações com desenvolvimento e envelhecimento bem sucedidos.....</i>	<i>18</i>
<i>Um estudo transversal sobre a rede de relações sociais na vida adulta em homens e mulheres pertencentes a três grupos etários.....</i>	<i>22</i>
OBJETIVOS.....	25
MÉTODO	26
<i>Sujeitos.....</i>	<i>26</i>
<i>Instrumentos</i>	<i>33</i>
<i> Questionário para caracterização dos sujeitos.....</i>	<i>33</i>
<i> Diagrama da rede social da vida adulta.....</i>	<i>34</i>
<i> Questões complementares.....</i>	<i>36</i>
<i>Procedimento.....</i>	<i>37</i>
RESULTADOS	40
<i>Estrutura da rede de relações sociais na vida adulta.....</i>	<i>40</i>
<i> Tamanho da rede social.....</i>	<i>41</i>
<i>Características das pessoas apontadas como componentes da rede social dos sujeitos</i>	<i>42</i>

<i>Grau de proximidade</i>	<i>44</i>
<i>Natureza das relações sociais.....</i>	<i>45</i>
<i>Funções da rede de relações sociais</i>	<i>48</i>
<i>Apoio emocional.....</i>	<i>48</i>
<i>Apoio instrumental</i>	<i>53</i>
<i>Apoio informativo.....</i>	<i>57</i>
<i>Satisfação relatada com a rede de relações sociais</i>	<i>63</i>
<i>Satisfação com o número de pessoas na rede social.....</i>	<i>63</i>
<i>Satisfação com a rede social comparada com a de outras pessoas.....</i>	<i>64</i>
<i>Satisfação com a rede social atual.....</i>	<i>65</i>
<i>Comparações intra e intergrupos.....</i>	<i>66</i>
<i>Resumo dos resultados</i>	<i>77</i>
DISCUSSÃO.....	80
CONCLUSÕES.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
ANEXOS.....	109

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. <i>Distribuição dos sujeitos do Grupo I - Jovens - segundo critério de gênero e idade</i>	26
TABELA 2. <i>Distribuição dos sujeitos do Grupo II - Meia idade - segundo critério de gênero e idade</i>	26
TABELA 3. <i>Distribuição dos sujeitos do Grupo III - Idosos - segundo critério de gênero e idade</i>	27
TABELA 4. <i>Tipo de arranjo domiciliar segundo o grupo etário e o gênero dos sujeitos</i>	33
TABELA 5. <i>Resultados do teste x^2 para as comparações entre homens e mulheres jovens (Grupo I)</i>	68
TABELA 6. <i>Resultados do teste x^2 para as comparações entre homens e mulheres adultos de meia idade (Grupo II)</i>	71
TABELA 7. <i>Resultados do teste x^2 para as comparações entre homens e mulheres idosos (Grupo III)</i>	73
TABELA 8. <i>Resultados do teste x^2 para as comparações entre os grupo de idade (adulto jovens, adultos de meia-idade e idosos)</i>	75
TABELA 9. <i>Resultados do teste x^2 para as comparações entre os grupos conforme o critério de sexo (150 homens e 150 mulheres)</i>	76

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1.</u> Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos) segundo o estado civil.	27
<u>Figura 2.</u> Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos), segundo a escolaridade.	28
<u>Figura 3.</u> Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que trabalham.....	28
<u>Figura 4.</u> Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que são aposentados.....	29
<u>Figura 5.</u> Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexo), segundo a renda financeira.....	29
<u>Figura 6.</u> Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos), segundo o estado civil.	30
<u>Figura 7.</u> Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos), segundo a escolaridade.....	31
<u>Figura 8.</u> Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que trabalham.....	32
<u>Figura 9.</u> Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que estão aposentados.	32
<u>Figura 10.</u> Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculino, feminino e ambos), segundo a renda financeira.	32
<u>Figura 11.</u> Número médio de homens, mulheres e a soma de ambos, que foram apontadas pelos sujeitos jovens (GI), de meia idade (GII) e idosos (GIII), para compor a rede social.	41
<u>Figura 12.</u> Porcentagem de pessoas colocadas na rede social, separadas de acordo com o grau de afetividade apontada pelos sujeitos.....	42
<u>Figura 13.</u> Percentual de pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas, da rede social indicada pelos sujeitos.....	43
<u>Figura 14.</u> Porcentagem de homens e de mulheres da rede social, apontados pelos sujeitos.....	43
<u>Figura 15.</u> Porcentagem de pessoas próximas, muito próximas e distantes, que foram apontadas pelos sujeitos jovens (GI), de meia idade (GII) e idosos (GIII) para compor a rede social.	44
<u>Figura 16.</u> Porcentagem de pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas, apontadas pelos sujeitos dos grupos GI (jovem), GII (meia idade) e GIII (idoso).....	44
<u>Figura 17.</u> Porcentagem de homens e de mulheres da rede social, apontadas pelos sujeitos nos grupos GI (jovem), GII (meia idade) e GIII (idoso).	45
<u>Figura 18.</u> Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e de outros tipos apontados pelos sujeitos.....	46
<u>Figura 19.</u> Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outras, distribuídas de acordo com o grau de proximidade afetiva muito próximo, próximo e distante, indicados pelos sujeitos (Masc. Fem e Ambos).....	46

<u>Figura 20.</u> Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outras, da rede do grupo Jovem(GI), meia-idade(GII) e idosos(GIII), indicados pelos sujeitos (Masc., Fem. e Ambos).....	47
<u>Figura 21.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas como fontes de apoio emocional.....	48
<u>Figura 22.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto como fontes de apoio emocional.....	49
<u>Figura 23.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram amigos, familiares, relacionamentos íntimos e outros tipos de relações como fontes de apoio emocional.	49
<u>Figura 24.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas afetivamente muito próximas, próximas e distantes, como fontes de apoio emocional.	50
<u>Figura 25.</u> Porcentagem de pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas apontadas como fontes de apoio emocional pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).	50
<u>Figura 26.</u> Porcentagem de homens e mulheres apontados como fontes de apoio emocional pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII), e pelos idosos (GIII).....	51
<u>Figura 27.</u> Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outros tipos de relações mencionados como fontes de apoio emocional pelos homens e mulheres jovens (GI), adultos de meia-idade (GII) e idosos (GIII).	52
<u>Figura 28.</u> Percentual de pessoas segundo o grau de proximidade afetiva, apontadas para apoio emocional pelos sujeitos dos grupos: GI, GII e GIII.	52
<u>Figura 29.</u> Porcentagens de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas como fonte de apoio instrumental.....	53
<u>Figura 30.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontam pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto como fontes de apoio instrumental.....	54
<u>Figura 31.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram amigos, familiares, relacionamentos íntimos e outros tipos de relações como fontes de apoio instrumental.....	54
<u>Figura 32.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas afetivamente muito próximas, próximas e distantes como fonte de apoio instrumental.	55
<u>Figura 33.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas como fonte de apoio instrumental pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).....	56
<u>Figura 34.</u> Porcentagem de homens e mulheres apontados como fontes de apoio instrumental pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).....	56
<u>Figura 35.</u> Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outros tipos de relações mencionados como fontes de apoio instrumental pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII).	57
<u>Figura 36.</u> Porcentagem de pessoas que oferecem apoio instrumental apontadas como afetivamente muito próximas, próximas e distantes pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade(GII e idosos (GIII).....	57

<u>Figura 37.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas como fontes de apoio informativo.	58
<u>Figura 38.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas do mesmo sexo e sexo oposto como fonte de apoio informativo.	59
<u>Figura 39.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontam amigos, familiares, relacionamentos íntimos e outros tipos de relações como fontes de apoio informativo.	59
<u>Figura 40.</u> Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas afetivamente muito próximas, próximas e distantes como fontes de apoio informativo.	60
<u>Figura 41.</u> Porcentagem de pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas apontadas como fontes de apoio informativo pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII), e pelos idosos (GIII).	60
<u>Figura 42.</u> Porcentagem de homens e mulheres apontadas como fontes de apoio informativo pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).	61
<u>Figura 43.</u> Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outros tipos de relações mencionados como fontes de apoio informativo pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII)	62
<u>Figura 44.</u> Porcentagem de pessoas que oferecem apoio informativo apontadas como afetivamente muito próximas, próximas e distantes pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII).	62
<u>Figura 45.</u> Porcentagem de homens e mulheres que indicaram muita, mais ou menos e pouca satisfação com relação ao tamanho da sua rede de relações sociais	63
<u>Figura 46.</u> Porcentagem de sujeitos masculinos e femininos jovens (GI), meia-idade (GII) e idosos (GIII) que indicaram muita, mais ou menos e pouca satisfação com o tamanho da sua rede de relações sociais	63
<u>Figura 47.</u> Porcentagem de homens e mulheres que indicaram estar muito, moderadamente e pouco satisfeitos com sua rede social, em comparação com a de outras pessoas da mesma idade.	64
<u>Figura 48.</u> Porcentagem de homens e mulheres do GI (jovens), do GII (meia-idade) e do GIII (idosos), que indicaram alta, moderada e baixa satisfação com a sua rede social, em comparação com a de outras pessoas da mesma idade.	64
<u>Figura 49.</u> Porcentagem de homens e de mulheres que indicaram alta, moderada e baixa satisfação global com a sua rede social atual	65
<u>Figura 50.</u> Porcentagem de homens e mulheres jovens (GI), na meia-idade (GII) e idosos (GIII) que indicaram alta, moderada e baixa satisfação global com sua rede atual de relações sociais.	65

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Questionário dos dados pessoais dos sujeitos.....	110
Anexo 2. Diagrama da rede social na vida adulta.....	111
Anexo 3. Quadro de resposta sobre a rede social do diagrama.....	112
Anexo 4. Questões complementares.....	113
Anexo 5. Exemplo do roteiro para a coleta de dados.....	114
Anexo 6. Tabela dos números dos respondentes para cada pesquisador.....	117

NOGUEIRA, E. J. . **Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação UNICAMP. 2001. xix + 117pp.

RESUMO

Relações sociais significativas permitem o desenvolvimento do *self*, dão sentido às experiências e podem oferecer apoio, importantes elementos no processo de adaptação, principalmente em momentos de transição da vida adulta. Este trabalho relata um estudo comparativo com 150 homens e 150 mulheres pertencentes a três grupos etários: adultos jovens (25-35 anos), que eram na maioria casados, trabalhadores e com nível educacional médio ou superior; adultos de meia-idade (45-55 anos), casados, trabalhadores e com nível educacional fundamental ou médio; idosos (65-75 anos), a maioria dos quais eram casados, tinham nível educacional fundamental e estavam aposentados. Os sujeitos foram entrevistados sobre o tamanho, a natureza e as funções da rede de relações sociais, assim como sobre a satisfação com ela. Utilizando um diagrama da rede social foram obtidas informações sobre: o número de pessoas na rede, a idade, o gênero, o tipo de relacionamento e o grau de proximidade afetiva dos componentes da rede social. Foram identificadas as fontes principais de apoio emocional, instrumental e informativo, e avaliada a satisfação com a própria rede social atual, quando comparada com a rede de pessoas da mesma idade e com o número de componentes. Foram feitos testes estatísticos sobre a significância das diferenças entre grupos de gênero e idade. O número médio de componentes foi de 15 pessoas. Os jovens relataram a maior rede (M=19) e os idosos a menor (M=12). Havia mais mulheres do que homens nas redes, mas os homens citaram mais homens e as mulheres, mais mulheres. Os jovens citaram mais pessoas mais velhas e de meia-idade e os idosos mais pessoas mais novas. As mulheres se dão mais com pessoas mais novas do que os homens. Os idosos relataram possuir mais relacionamentos muito próximos afetivamente do que os demais sujeitos. As redes dos idosos e dos de meia-idade privilegiaram relações familiares. O cônjuge foi apontado como importante fonte de apoio por homens de meia-idade; os filhos principalmente pelas mulheres de meia idade e idosas. Os jovens apontaram mais amigos do que os outros grupos. As mulheres foram as mais indicadas como fonte de apoio emocional e instrumental; para o apoio informativo, os homens citam mais homens e as mulheres, mais mulheres. As pessoas escolhidas como a principal fonte de apoio emocional, instrumental e informativo são as muito próximas em termos afetivos. A satisfação com o número de pessoas na rede, com a rede quando comparada com a de outras pessoas da mesma idade, foi alta em todos os grupos. A satisfação com a rede atual foi mais alta entre os idosos, principalmente entre as mulheres idosas. Os dados foram interpretados na perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida, levando-se em conta normas e papéis etários.

Palavras-chave: 1. Interação social. 2. Idosos. 3. Psicologia. 4. Ciclo vital humano. 5. Envelhecimento. 6. Aspectos psicológicos.

NOGUEIRA, E. J. **Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupo etários.** (*Social Network in Adulthood and Aging: Comparisons by Age and Gender Criteria*). Tese de Doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001, xix+117pp.

ABSTRACT

Social networks have strong influence on the development of self and are related to a sense of personal well-being. They help adults to make sense of life experiences, mostly when adverse. They assume several structures and functions along adulthood and aging and across genders. We carried out a cross-sectional study involving 300 men and women equally assigned to three groups aged 25 to 35, 45 to 55, and 65 to 75. Procedure involved structured interviews cued by a social network diagram through which the subjects identified their significant others on three levels of affective closeness. They informed about the family, intimacy or friendship nature of these relationships, as well as who were the main providers of instrumental, informative and emotional support. Current satisfaction with social network was assessed through questions asking for a global evaluation in comparison with others of the same age, and with past five years. Statistic analysis showed significant differences between the size of network of the young ($M=19$) and aged adults ($M=12$). There was a significantly larger proportion of women than men in the networks of all groups, independently of age and gender criteria, but subjects tended to indicate people of same gender as their most significant relationships. The young adults' significant others were mostly people older than them; in middle and old age this trend was inverse. Women indicated more young people as their most significant relationships than men did. The aged and middle-aged adults reported having the largest network of very close relationships, that in general were members of their family or intimacy nucleus. These people were the main providers of emotional, instrumental and informative support. In all groups women were the main sources of emotional support, whereas men were more mentioned as sources of informative support. Independently of age and gender, subjects reported high satisfaction with their social network, but the highest scores pertained to aged women. Data were suggestive of socio-emotional selectivity and regulatory functions of social networks to individuals and groups.

Key words: 1. Social relations. 2. Aged people. 3. Psychology. 4. Life-span. 5. Aging. 6. Psychological issues.

NOGUEIRA, E. J. **Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupo etários.** (*Réseau de rapports sociaux: une étude transversale d'hommes et des femmes de trois groupes d'âge*). Tese de Doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação. UNICAMP, 2001, xix + 117pp.

RÉSUMÉ

Les rapports sociaux significatifs permettent le développement du *self*, donnent un sens aux expériences et peuvent servir comme source d'appui, éléments importants dans le processus d'adaptation, surtout pendant des moments de transitions de la vie adulte. Ce travail relate une étude comparative sur 150 homes et 150 femmes distribués sur trois groupes d'âge: jeunes adultes (25-35 ans), en majorité mariés, actifs et d'un niveau d'enseignement secondaire ou supérieur; adultes mûrs (45-55 ans), mariés, actifs et d'un niveau d'enseignement primaire ou secondaire; personnes âgées (65-75 ans), en majorité mariés, d'un niveau d'enseignement primaire et retraités. Les sujets ont été questionnés sur la grandeur, la nature et les fonctions du réseau de leurs rapports sociaux, ainsi que sur leur degré de satisfaction envers lui. Un diagramme du réseau social a été utilisé pour obtenir des informations sur : le numéro de personnes présentes dans le réseau, l'âge, le sexe, le type de rapport et le degré de proximité affective des composants du réseau social. Les sources principales d'appui sentimental, instrumental et informatif ont été identifiées, ainsi que la satisfaction par rapport au propre réseau social actuel comparé au réseau de personnes du même âge et au numéro de composants. Des tests statistiques ont été faits sur la signification des différences entre les groupes de sexe et d'âge. Le numéro moyen des composants était de 15 personnes. Les jeunes possédaient le plus grand réseau (M=19) et les personnes âgées le plus petit (M=12). Il y avait plus de femmes que d'hommes dans les réseaux, mais les hommes citent plus d'hommes et les femmes plus de femmes. Les jeunes ont cité plus de personnes plus âgées et mûres et les personnes âgées ont indiqué plus de personnes plus jeunes. Les femmes préfèrent plus les personnes plus jeunes que les hommes. Les personnes âgées disaient avoir plus de rapports affectivement très proches que les autres sujets. Les réseaux des personnes âgées et mûres privilégiaient les rapports de famille. L'épouse a été mentionnée comme source d'appui importante par les hommes mûrs; les femmes mûres et âgées ont surtout mentionné leurs enfants. Les jeunes ont plus souvent évoqué leurs amis que les autres groupes. Les femmes ont été les plus indiquées comme sources d'appui sentimental et instrumental; en ce qui concerne l'appui informatif, les hommes citent plus d'hommes et les femmes plus de femmes. Les personnes choisies comme principale source d'appui sentimental, instrumental et informatif sont les personnes les plus proches en termes affectifs. La satisfaction par rapport au numéro de personnes dans le réseau et envers le réseau comparé à celui d'autres personnes du même âge était grande dans tous les groupes. La satisfaction par rapport au réseau actuel était plus grande entre les personnes âgées, surtout entre les femmes âgées. Les données ont été interprétées dans la perspective du développement tout au long de la vie, en considérant les normes et les rôles d'âges.

Mots-clés: 1. Interaction sociale. 2. Personnes âgées. 3. Psychologie. 4. Cycle vital humain.
5. Vieillesse. 6. Aspects psychologiques.

INTRODUÇÃO

A vida adulta é uma realidade heterogênea, múltipla e complexa, caracterizada por papéis, status e compromissos evolutivos que ligam o indivíduo à família, à comunidade e ao trabalho, contextos em que se espera que atue de forma produtiva e em conexão com os semelhantes. Estabilidade e mudança são aspectos essenciais desse processo. Algumas mudanças que acontecem nos anos adultos podem ser observadas facilmente, no dia-a-dia. Jovens transformam-se em homens e mulheres de negócios e em cientistas. As pessoas mudam de cidade e de profissão, casam-se, têm filhos e criam-nos, ascendem na carreira e aposentam-se, tudo isso de modo entrelaçado e num longo processo de construção da própria trajetória de desenvolvimento.

Essas e outras mudanças têm origem em necessidades individuais, emocionais e sociais de indivíduos inseridos em contextos sociais. Ao longo do desenvolvimento adulto as pessoas atendem a normas e expectativas do grupo e respondem à sua rede de relacionamentos sociais. As relações sociais contribuem para a elaboração do *self* e da imagem social, ligam as pessoas e têm funções informativas, emocionais e instrumentais, que se expressam de maneiras específicas nos vários contextos e idades da vida adulta.

Os adultos selecionam ativamente aspectos de seu ambiente físico e social e são afetados pelas experiências assimiladas no ambiente. Segundo Mead¹ (apud Kimmel, 1990), o ser humano é um ser social com mente e *self* individualizados, criados pela interação ativa do indivíduo com a sociedade. As influências biológicas, psicossociais, econômicas, físicas, culturais e políticas se influenciam mutuamente, o que significa que a pessoa afeta e é afetada pelas experiências sociais, culturais ou biológicas ao longo do seu curso de vida.

A psicologia clássica do desenvolvimento apropriou-se de termos e conceitos da biologia, para explicar a trajetória de vida do ser humano. Assumiu que as fases da infância e adolescência são caracterizadas por crescimento ligado a processos intrínsecos de mudança, que são seqüenciais, ordenados, orientados à meta (o adulto ajustado) e dependentes de mecanismos genético-biológicos. Nesse enfoque, a fase adulta era vista como uma decorrência do desenvolvimento precedente e como um período em que nada acontecia de notável. Admitia-se que, depois, vinha a fase de contração no desenvolvimento, correspondente à velhice, que seria caracterizada por perdas e declínio biológico, social e psicológico (Neri, 2001b).

O envelhecimento populacional, que ocorreu em várias partes do mundo desenvolvido, e os avanços da pesquisa longitudinal e das investigações sobre a velhice provocaram uma mudança nessa ótica. Existe hoje uma visão mais abrangente em que se admite que desenvolvimento e envelhecimento são processos correlatos, que incluem tanto ganhos quanto perdas, ao longo de toda a vida humana. O paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (*life span*) é largamente aceito e influente na psicologia contemporânea. Não se restringe mais ao estudo da velhice, mas é utilizado por todos os pesquisadores do desenvolvimento humano, que o consideram como fenômeno presente ao longo da vida toda (Neri, 2001 d).

¹ MEAD, G.H., 1934/1964 . *Mind, self and society*. In: Strauss(Ed.). George Herbert Mead: On social

Na medida em que a sociedade tem expectativas e prescreve padrões de comportamento para seus membros, ela contribui para a construção de trajetórias de vida individuais e sociais. Estas se espelham no cumprimento de tarefas evolutivas, no desempenho de papéis e na exibição de competências, crenças e valores que uma dada sociedade convencionou serem apropriados aos seus membros, em diferentes momentos de suas vidas. Quando as pessoas cumprem as normas e os papéis etários correspondentes às tarefas evolutivas definidas pela sociedade em que estão inseridas, tendem a vivenciar um senso de normalidade. O fato de indivíduos pertencentes à mesma coorte etária tenderem a cumprir coletivamente um dado conjunto de normas e papéis sociais faz com que compartilhem experiências e contem com o apoio dos semelhantes para ultrapassarem as demandas dos novos papéis e status etários (Neri, 2001 a). Além da idade, o gênero e a classe social são condições que determinam a construção dessas experiências conjuntas (Debert, 1999)

O desenvolvimento adulto que se dá de acordo com o esperado e que é vivenciado pela maioria das pessoas, é comumente designado como normal ou normativo (Neri, 2001a). Além desse significado associado ao aspecto modal dessa experiência na população, a idéia de normalidade inclui também a de ajustamento psicossocial. Isso porque um dos critérios de julgamento da adequação de uma ocorrência comportamental é justamente o fato de ser comum no grupo. O que é raro é visto como fora da norma e, em vários contextos, apontado como socialmente desviante. Segundo as concepções clássicas da psicologia o adulto ajustado é a meta do desenvolvimento. No entanto, durante décadas, a psicologia deu pouca atenção aos eventos que permitem às pessoas serem bem-sucedidas como adultos, ou que sociedades e grupos floresçam (Neri, 2001 b). Ao contrário, sempre chamaram mais atenção dos estudiosos os desvios e patologias desse período, e não os eventos que determinam que as pessoas, famílias e sociedade sejam mais ajustadas, felizes e produtivas (Neri, 2001 c).

A avaliação que a sociedade faz sobre o grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade, diz respeito à idade social. Dessa forma, as

idades cronológicas em que ocorrem as experiências de vida na idade adulta inicial, meia-idade e velhice, podem variar no tempo histórico de uma sociedade. Circunstâncias econômicas e sociais determinam quem e por que será chamado de jovem, adulto ou idoso e como será tratado por uma sociedade.

As fases do desenvolvimento na vida adulta e critérios para sua demarcação

Todas as sociedades dividem o tempo em unidades relevantes, dentro das quais devem emergir papéis e comportamentos, que funcionam como indicadores da idade social do indivíduo. Essas unidades constituem um relógio social que serve para demarcar as idades consideradas como apropriadas ao desempenho de tarefas psicossociais, comumente designadas como tarefas evolutivas. A idade cronológica funciona como um indicador dos padrões de comportamentos esperados para os indivíduos, a partir das pistas de natureza biológica e comportamental que oferecem aos semelhantes.

Infância, adolescência, vida adulta e velhice em parte são fases construídas socialmente, por meio de normas reguladoras que determinam as exigências e as oportunidades de cada segmento etário na ordem social, por exemplo: com que idade ir à escola, casar, trabalhar, aposentar-se, normas essas que mudam com o tempo. Vamos encontrar, nos textos clássicos de Havighurst (1951), uma argumentação que dá espaço à consideração de fatores sociológicos e psicológicos na construção de tarefas evolutivas.

Segundo esse autor, as tarefas evolutivas são desafios normativos, no sentido que afetam a maioria dos indivíduos que pertencem a um dado grupo etário. São produzidos conjuntamente pela maturação biológica, pela pressão cultural da sociedade e desejos, aspirações e valores que fazem parte da personalidade do indivíduo. Compreendem habilidades, conhecimentos, e atitudes que a pessoa deve adquirir em dado momento de sua vida. A maior estruturação do *self*, associada ao domínio das tarefas, resulta em senso de ajustamento pessoal, satisfação e aceitação social.

Para Havighurst, as tarefas evolutivas organizam-se em torno de sete pólos: crescimento físico, desempenho intelectual, ajustamento emocional, relacionamento social, atitudes diante do Eu, atitudes diante da realidade e formação de padrões e valores. As tarefas evolutivas, distribuem-se nas seguintes fases:

1. Primeira infância - A criança aprende a caminhar, falar, comer alimentos sólidos e a controlar os esfíncteres; aprende as diferenças sexuais; a formar conceitos simples da realidade social e física e aprende a relacionar-se emocionalmente com as pessoas.

2. Segunda infância - A criança forma atitudes com relação a si mesma; ganha habilidades físicas e motoras para jogos comuns; aprende a conviver com crianças da mesma idade, aprende a ler escrever e calcular; alcança independência pessoal e desenvolve escalas de valores morais e sociais.

3. Adolescência - Aceitação do corpo físico, estabelecimento de relações novas e mais maduras com amigos de ambos os sexos, alcance de independência emocional dos pais, escolha e preparação para uma profissão, para um casamento e para a vida familiar, desenvolvimento de habilidades intelectuais e um sistema ético de conduta.

4. Idade Adulta Inicial – É o período da constituição da família, do início e do estabelecimento da carreira profissional, criar filhos, assumir responsabilidades cívicas e comunitárias, e encontrar um grupo social afim.

5. Idade Adulta média – Compreende a culminância da carreira profissional, o complemento da educação dos filhos, e depois, adaptação às mudanças fisiológicas da meia-idade, a manutenção do padrão de vida alcançado e a adaptação à velhice dos pais.

6. Velhice – Coincide com o afastamento dos papéis adultos e a exigência de ajustamento às perdas físicas e sociais próprias do período. Estabelece uma filiação com seu grupo de idade.

Levinson (1986), também trabalhou com o conceito de tarefas evolutivas, restringindo a sua análise à idade adulta. Utilizou o conceito de estrutura de vida, que definiu como o padrão de relações entre o *self* e o mundo, e privilegiou as relações interpessoais. Os indivíduos constituem o auto conceito, a auto estima e são reconhecidos como adultos, nas relações interpessoais, há parceiros centrais e periféricos. Levinson descreveu da seguinte forma o que chamou estações da vida adulta:

?? Transição do início da vida adulta - 17 - 22 anos- tarefa evolutiva: sair da adolescência e dar os primeiros passos para o mundo adulto, explorar possibilidades e fazer escolhas.

?? Entrando no mundo adulto - 22 a 28 anos - criam-se as primeiras e importantes estruturas; constituição de família e estabilidade de vida.

?? Transição dos 30 anos - 28 a 33 anos - Reavaliar as escolhas dos vinte anos e fazer mudanças necessárias.

?? Estabelecimento - 33 a 40 anos - Cria-se uma nova estrutura de vida, mais estável que a primeira. Geralmente envolve compromissos mais sérios no sentido profissional, de obter sucesso no trabalho.

?? Transição da meia-idade - 40 a 45 anos - Reexame da estrutura da vida, o enfoque está em responder a questão: "o que foi que eu fiz com a minha vida? "

?? Entrada na Meia-idade - 45 a 50 anos - Criar novas estruturas de vida, foco está em criar os filhos e novas tarefas profissionais, e servir de conselheiro aos mais jovens.

Não há dúvida de que, sob o impacto de diferentes eventos sócio-culturais, a demarcação cronológica das fases do desenvolvimento pode sofrer alterações. Entretanto, o conceito de tarefas evolutivas permanece atual e é largamente utilizado na recente literatura sociológica (Settersten e Mayer, 1997) e psicológica (Baltes, 1991; Heckhausen 2000).

Erik Erikson (1965, 1998 e Erikson, Erikson e Kivnick, 1986) propôs uma teoria do desenvolvimento psicossocial que também descreve tarefas a serem realizadas em diferentes estágios da vida. Em consonância com a visão psicanalítica na qual desenvolveu seus trabalhos, o autor postula a existência de necessidades geneticamente determinadas que se desdobram em seqüência, ao longo da vida. O desdobrar de cada uma dá origem a tensões que se resolvem, mediante a interação com as condições oferecidas pelo meio sócio-cultural. Ou seja, a sociedade oferece limites e oportunidades para o desenvolvimento do eu, que se torna cada vez mais complexo e integrado com o avançar da idade.

Erikson entendia o desenvolvimento como uma passagem por uma série de estágios, cada um com seus objetivos, conflitos e realizações. Em cada estágio, o indivíduo enfrenta uma crise ou conflito evolutivo entre duas condições opostas e complementares. A maneira como o indivíduo vivencia cada crise e desenvolve maneiras de lidar com os conflitos evolutivos de determinada fase terá um efeito na auto-imagem e na visão de sociedade daquela pessoa. Os estágios da teoria de Erikson serão descritos, a seguir:

1. Fase bebê - Confiança X Desconfiança - O bebê deve formar uma primeira relação afetiva e de confiança com o cuidador, ou então pode desenvolver uma sensação de desconfiança, provocando comportamentos de insegurança.

2. Infância inicial - Autonomia X Vergonha e dúvida - As energias da criança estão voltadas para o desenvolvimento de habilidades físicas, tais como, caminhar, segurar, controlar os esfíncteres, comportamentos que lhe trazem maior autonomia, independência, mas se não forem bem conduzidos isso pode levar à vergonha e à dúvida.

3. Idade do brinquedo - Iniciativa X Culpa - a criança continua seu desenvolvimento em busca de mais autonomia, aumentam os comportamentos de tomada de iniciativa, mas, o excesso de individualismo, pode levar a sentimentos de culpa.

4. Idade escolar - Trabalho X inferioridade - a criança deve lidar com novas exigências de aprender habilidades novas, com repertórios que às vezes não domina, e, portanto, pode correr o risco de ter sensações de inferioridade.

5. Adolescência - Identidade X Confusão de papéis - o adolescente deve lidar com vários contextos sociais e construir identidade na profissão, na escola, na política, na religião e nos relacionamentos de amizade e de amor.

6. Jovem idade adulta – Intimidade X Isolamento - o desenvolvimento da capacidade de estabelecer intimidade é a tarefa vital do adulto jovem, entendendo-se intimidade como uma relação mútua de afeto e confiança. Ela é fundamental ao cumprimento das tarefas de procriar e cuidar da prole, o que envolve o estabelecimento de relações próximas com um parceiro do sexo oposto e a constituição de um núcleo familiar. O fracasso na realização da intimidade traduz-se em isolamento e, em muitos contextos, em senso de desajustamento às normas sociais.

7. Idade madura ou meia-idade - Geratividade X Estagnação - A geratividade diz respeito à motivação e ao envolvimento, com a continuidade e o bem-estar das futuras gerações, o que envolve preocupações e ações de apoiar, ajudar, cuidar, manter e criar no sentido cultural. A geratividade, está associada tanto a um desejo inato de imortalidade quanto às demandas culturais (McAdams, Hart e Maruna, 1998)

8. Velhice - Integridade x desespero - no oitavo estágio, espera-se que o indivíduo atinja a meta evolutiva de auto-aceitação, auto-realização e a consciência da finitude. A velhice exige que a pessoa reúna todas as experiências prévias e se apóie nelas, mantendo-se consciente e criativa com uma nova dignidade. A sabedoria é a força básica que emerge da resolução do conflito entre a integridade e o desespero (Erikson, 1998).

Segundo Erikson, a seqüência dos estágios é invariante através das culturas, mas, dependendo dessas condições, as idades de ocorrência deles podem variar. Sua teoria é uma das mais influentes na moderna psicologia do envelhecimento. Ao assumir a noção de que o desenvolvimento é um processo que dura todo o ciclo vital, que as tensões evolutivas já vividas permanecem latentes nas fases subseqüentes, podendo vir a ser vivenciadas de novas formas, sob o impacto de novas questões internas e externas, o autor deu uma contribuição substancial ao estabelecimento do paradigma dialético na nascente concepção de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life span*), a partir dos esforços de Riegel (1976), que seria seguido por vários outros autores (ver revisão em Neri, 1995 e 2001 a).

Nessa perspectiva de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life span*), o contexto sócio-histórico e os processos internos e externos de adaptação do ser humano são importantes para entender o desenvolvimento, que é visto como processo multidirecional, multidimensional e sujeito á ação de muitas causas em interação.

Independentemente de marcos cronológicos estritos, uma vez que vários fatores contribuem para adiantar ou acelerar o cumprimento de tarefas evolutivas, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o início da vida adulta exige que as pessoas façam importantes escolhas quanto à profissão, ao casamento, à procriação e ao estilo de vida, e que passem das ambições da adolescência para a maturidade, como adultos. Espera-se que o jovem escolha e desenvolva a carreira profissional, interesse-se pela própria independência econômica e torne-se autônomo para a tomada de decisões, embora conectado à família e aos amigos.

Em diferentes contextos nacionais e de classe social, esse período pode englobar um número maior ou menor de anos de vida, e envolve o alcance de maturidade sexual, psicológica e social, para o jovem ter oportunidade de tornar-se autônomo, formar uma família e estabelecer-se na profissão. Tais mudanças geralmente causam transições em papéis e status e exigem novas habilidades pessoais e sociais.

Quando se tornam claras as alterações biológicas que anunciam o final da vida reprodutiva e o aparecimento de sinais do envelhecimento biológico, a sociedade, a psicologia, a sociologia vão se interessar por demarcar nova fase da vida adulta (meia-idade). A idade cronológica do início da velhice é delimitada pela sociedade que, ao fazê-lo, dá origem a um processo de restrição no acesso aos bens e oportunidades sociais normalmente oferecidas aos adultos não- idosos. Essa restrição é gradual e seletiva, mas pode ser abrupta, quando a esperança de vida de uma população aos 45 ou 50 anos é pequena. Com o aumento da longevidade e a melhora da qualidade de vida dos adultos e dos idosos, diferentes sociedades passam a reconhecer uma nova fase no ciclo vital, à qual são dados vários nomes, como por exemplo, meia-idade, idade madura, maturidade, terceira idade e outros (Neri, 2001 a).

Porém, a definição de uma idade intermediária entre a vida adulta e a velhice apresenta dificuldades análogas às envolvidas na demarcação de outros períodos de transição, como por exemplo a adolescência e a juventude. Por exemplo, a existência de variações entre os países de desenvolvimento mais e menos avançado quanto às tecnologias disponíveis para facilitar e melhorar a qualidade de vida das suas populações idosas e para aumentar a sua longevidade. Outra dificuldade é referente à diversidade em papéis sociais atribuídos aos adultos mais velhos, em diferentes países, ao longo de suas vidas. Em sociedades mais tradicionais são reservados aos mais velhos as funções de conselheiros e orientadores, ao passo que, nas sociedades em rápida mudança, não apenas esses papéis tendem a desaparecer, como também tende a ocorrer um mascaramento das diferenças das atribuições aos idosos e a outros grupos etários.

Há cerca de 40 anos esperava-se que as mulheres tivessem filhos mais cedo do que hoje e a emancipação dos filhos era um sinal de que a mãe estava velha. Hoje as mulheres engravidam mais tarde e muitas, aos 50 anos, estão ainda às voltas com filhos adolescentes (Carter e McGoldrick, 1995). Ao mesmo tempo, os novos padrões de comportamento associados à crescente profissionalização das mulheres, ao aumento das taxas de divórcio e de recasamento, à proliferação de oportunidades e de incentivos para cuidar da própria aparência e saúde e à ênfase na libertação das mulheres do jugo masculino criaram novas formas de viver a maturidade. Se antes ela era marcada pelo afastamento e pela depressão pela perda dos atrativos e dos papéis, hoje em dia ela pode abrir novas perspectivas para as mulheres. Hoje, em muitos contextos, o desempenho feminino tradicional, como o maternal e o de cuidadora, bem como as transições antes consideradas típicas da vida adulta para a meia-idade, são menos claras e menos universais, muito embora existam limites gerais impostos pela biologia e pelas normas sociais.

A velhice caracteriza-se por declínio biológico, tendência à revisão de vida, afastamento social e perdas em papéis e em status. Em relação aos períodos precedentes, ela é mais interpretada como mudanças negativas, do que alterações vistas como progressos ou ganhos evolutivos. Porém, as perdas em estruturas e funções podem ser compensadas com a ajuda de um ambiente favorável, por oportunidades de convívio social, pela tecnologia e pelos esforços dos indivíduos (Baltes e Baltes, 1991).

O relacionamento social é uma necessidade humana básica, interligada com o autoconceito e a motivação. Em todas as fases da vida existe necessidade de afiliação e de aprovação, assim como de reconhecimento do outro, para a formação da identidade. Contribuem para tanto as redes de relações sociais apoiadas por relações familiares, e não familiares, de intimidade, de amizade, formais, informais, entre outras. As relações sociais se expressam em diversos graus de importância e de proximidade afetiva para as pessoas, podem ser de tamanho restrito ou ampliado e desempenham funções específicas em diferentes momentos e contextos da vida (Antonucci e Akiyama, 1985).

As relações sociais no contexto do desenvolvimento humano

A necessidade e a importância das relações sociais podem ser observadas desde a fase bebê, nas relações de apego entre a mãe e a criança. Influenciado pelo pensamento psicanalítico, ao qual acrescentou conceitos etológicos, Bowlby (1990) argumentou que essas relações de apego se desenvolvem porque têm valor de sobrevivência para a espécie e incluem não só cuidados básicos como também demonstrações de carinho e atenção. Relações de apego, que transmitem sensações de segurança e conforto na presença do outro, favorecem o desenvolvimento cognitivo, o autoconceito e as habilidades sociais da criança. Ao longo da vida, as relações sociais tornam-se mais participativas, incluem outras pessoas, que não os pais, abrem possibilidades de a criança estabelecer apegos seguros com outros significativos.

Ainda segundo Bowlby (1990), relações seguras de apego na fase bebê e na infância, permitem a formação de um padrão ou modelo para o indivíduo relacionar-se produtivamente com outros, auferindo as vantagens afetivas, sociais e cognitivas desse processo. As relações de apego são recíprocas e iniciam-se gradativamente. Nos recém-nascido, manifestam-se em comportamentos de chorar ou acalmar-se quando a mãe se aproxima, de fazer contato visual, e de segurar-se nas pessoas. Assim que são emitidos e, dependendo das reações dos adultos que cercam a criança, esta discrimina as interações relevantes, e os vínculos vão sendo construídos. No caso da criança, o comportamento social é baseado em motivações ligadas a necessidades de sobrevivência e de afetividade, também dos pais. Ao longo da vida, os relacionamentos afetivos e sociais podem encontrar várias motivações internas e externas, para se desenvolverem.

Um adolescente pode se relacionar com amigos da mesma idade, para compartilhar experiências semelhantes ou trocar informações sobre si mesmo. Um adulto estabelecer relações de intimidade, por motivos sexuais. Um idoso pode relacionar-se com médico por motivo de saúde, com antigos amigos por motivos afetivos e com os filhos porque precisa de ajuda instrumental. Enfim, o comportamento social pode ter várias motivações que levarão as pessoas a se relacionarem com outros significativos, ou seja, com parceiros

sociais importantes para o desenvolvimento do *self*. Essas relações podem ser de natureza familiar, conjugal, de amizade, companheirismo, vizinhança, profissional, ou religiosa, entre outras.

A dinâmica do grupo familiar é muito poderosa no desenvolvimento da criança, sendo sua casa o ambiente onde irá apresentar quase todos os seus repertórios básicos. Além de prover os bens, o sustento dos filhos, a educação informal e a preparação para a educação formal, o papel dos pais consiste em transmitir valores culturais de diversas naturezas (religiosa, moral, intelectual). Eles também influenciam o senso de cooperação e de reciprocidade das crianças. Pais sensíveis, responsivos e pró-sociais deixam transparecer o sentimento de pertencer, de amar e ser amado, o que reforça as expectativas da criança de que suas necessidades serão atendidas e fortalecem as ligações com os outros.

Com a aquisição de habilidades cognitivas e sociais, o vínculo da criança com os pares conquista espaço na vida delas. As relações de competição e cooperação têm oportunidade de modificar o seu pensamento, suas aspirações e condutas sociais, e de ensiná-las a colaborar, dividir, competir, rivalizar, chefiar, submeter-se, ganhar, perder e esperar a vez. Assim, não só a família é um socializador importante: as interações com outras fontes ampliam a rede social da criança, contribuindo para aumentar a sua competência adaptativa. Ao longo do desenvolvimento, família e amigos intercalam papéis de importância na vida da pessoa, sempre relacionados à manutenção do bem estar e da saúde. Eventos normativos e não normativos, experienciados com o apoio emocional da família e das amigadas, assumem um papel relevante no desenvolvimento sócioemocional de seus integrantes e na construção da rede de apoio social de cada um.

A importância dos relacionamentos sociais aumenta gradualmente na infância e na adolescência, quando, além dos familiares, a rede social inclui certo número de adultos, de crianças e jovens de fora da família e de outras pessoas pertencentes a um número cada vez maior de contextos sociais. As relações com iguais assumem uma importância crescente para a criança e para o adolescente, na medida em que medeiam a construção da identidade e a aquisição de papéis sociais e que permitem o compartilhar. Contudo, podem oferecer

riscos, nas quais as habilidades do adolescente serão desafiadas, estabelecendo situações de crise (Erikson,1998).

Na vida adulta, as relações sociais ampliam-se em complexidade, diversidade e heterogeneidade, e mantêm sua importância para o desenvolvimento do self, da auto-estima e dos mecanismos de auto-regulação. Também ajudam a superar as transições evolutivas, por meio do manejo das emoções nos aspectos afetivos e cognitivos e porque oferecem retroinformação.

A observação empírica de que as relações sociais diminuem com a idade levou pesquisadores a construir grandes teorias explicativas para o envelhecimento humano. A teoria da atividade sugere que a redução das relações sociais, com a idade avançada, é o resultado de uma progressão de perdas, por exemplo: do cônjuge, do amigo, da saúde, o que representaria uma progressão simbólica da morte. Porém, a diminuição das interações sociais não se dá mutuamente, mas é imposta externamente. Portanto, depende do idoso evitar ou retardar o seu afastamento social, por intermédio da atividade. Mantendo a atividade, mantém os papéis e motivação, o que tem efeitos benéficos para a sua saúde, o seu prestígio e a sua auto-imagem (Havighurst e Albrechet, 1951).

A teoria do afastamento interpretou o desengajamento do idoso da vida social como uma resposta preparatória e adaptativa para a morte que se aproxima. O afastamento entre o idoso e a sociedade é natural, adaptativo e mútuo, ou seja, não só a sociedade abandona o idoso, mas também o idoso, voluntariamente, se afasta dos compromissos emocionais e das relações sociais (Cummings e Henry,1961).

A teoria do afastamento e a teoria da atividade explicam apenas em parte o que ocorre com as relações sociais na velhice. Porém, quando se fala do processo de envelhecimento, cada vez mais deve ser observada a especificidade de cada grupo. As pessoas podem se afastar de certos relacionamentos e aproximar-se de outras áreas de contato social, dependendo de sua motivação, de suas competências, das oportunidades

sociais de que dispõem, as quais refletem a história de vida pessoal, o contexto atual e passados de relações, o nível educacional e de renda e as experiências pessoais.

O modelo comboio de relações sociais (Kahan e Antonucci, 1980) e a teoria da seletividade sócioemocional (Carstensen,1995) permitem entender outras facetas das relações sociais na fase adulta e na velhice, na vida contemporânea. O modelo comboio social foi elaborado de acordo com a perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida e baseia-se na noção de que as pessoas são acompanhadas e interagem constantemente com uma rede de relações significativas, durante sua história pessoal. Ajudadas, acompanhadas e apoiadas por essa rede, desenvolvem o *self* e realizam tarefas evolutivas.

As características do indivíduo e da situação influenciam o número, a natureza e os tipos de relações sociais, que por sua vez interferem no bem estar e a saúde global das pessoas. Segundo este modelo, durante toda a vida, o indivíduo tende a manter estável o tamanho da rede social, assim como o grau de importância de seus componentes. Assim, os relacionamentos formam uma estrutura hierárquica segundo o critério de proximidade e significado afetivo. Eles evoluem no tempo, como resultado de experiência adquirida, das expectativas pessoais e sociais e das situações compartilhadas. Os indivíduos vão se cercando de pessoas que os protegem, que contribuem para sua socialização e que influem em sua qualidade de vida (Antonucci e Jackson,1997; Franssen e Knipscheer,1990; Mootz, 1990). As relações interpessoais auxiliam as pessoas, mas também podem ser negativas, e ao invés de protegê-las, podem torná-las mais frágeis e inseguras (Antonucci, 1991).

A teoria da seletividade sócioemocional focaliza as propriedades funcionais e motivacionais da interação social (Carstensen,1995). Para este enfoque, com a idade, as pessoas tornam-se mais seletivas quanto ao número de indivíduos com as quais mantêm relacionamentos. Assim, a escolha está associada à regulação emocional que, juntamente com a aquisição de informação e o desenvolvimento e a manutenção do autoconceito, é uma das metas da interação social.

A aquisição de informação inclui não somente a coleta de fatos objetivos, mas também dados subjetivos relevantes para o indivíduo. A transmissão de informação não pára em nenhum estágio da vida, porém sua obtenção por intermédio de meios sociais segue uma trajetória ao longo do desenvolvimento. Durante a infância, a maior parte das informações são conseguidas com outras pessoas, pela interação social. Com o passar da idade, adquirimos habilidades que permitem ter informações pôr outros meios, por exemplo, a leitura e os meios de comunicação de massa, o que significa menor dependência de parceiros sociais.

As pessoas buscam relacionamentos sociais que confirmem suas autopercepções, que lhes forneçam feedback e com quem possam se comparar. O desenvolvimento do *self* é mais evidente na juventude, e implica na exposição a um número vasto de pessoas parecidas e diferentes, o que ajuda a entendermos quem somos. À medida que o autoconceito está firmemente desenvolvido, a manutenção implica em outras estratégias de comparação, com um número reduzido de indivíduos (por exemplo, só com os de status na área). As pessoas mais velhas aceitam mais suas capacidades, e trocam feedback com outros que, ao longo do tempo, se tornaram mais confiáveis.

Carstensen (1995, 1997) defende a idéia de que, com a idade, os contatos sociais são avaliados, procurados ou evitados, principalmente com base na sua qualidade afetiva. Quando se envelhece, os objetivos sociais de curto prazo tendem a focalizar os aspectos emocionais dos relacionamentos e não mais, preponderantemente, os aspectos informativos (Carstensen, 1997b; Lang, Staudinger e Carstensen, 1998; Lansford, Sherman e Antonucci, 1998; Gross e Fung, 1997). Na seleção da quantidade e da qualidade das relações, dois fatores exercem influência: o contexto social refletido nas oportunidades que o ambiente oferece para a adaptação aos padrões sociais e para o desenvolvimento de sentimentos de inclusão, e as características da personalidade, estas associadas ao bem-estar subjetivo, à satisfação social.

Do ponto de vista dessa teoria, com o passar da idade, a interação social passa então, a ser cada vez mais incentivada pela regulação da emoção e cada vez menos

motivada pela possibilidade de obtenção de informação ou pelo atendimento das necessidades de afiliação com parceiros sociais desconhecidos. A diminuição do número de pessoas da rede social é gradual, refletindo uma relativa perda de significado de alguns motivadores. Com a idade, as pessoas passam a depender mais de estratégias internas de regulação emocional, mas as relações continuam sendo importantes, quer como pontos de referência, quer como fontes de parceiros sociais, de manutenção do autoconceito, de ajuda instrumental e de apoio emocional. Ou seja, muda a função das relações sociais, mas permanece a sua importância (Baltes e Carstensen, 1999; Carstensen, 1995).

Em resumo, as pessoas aprendem sobre o mundo e sobre si mesmas por meio de seus relacionamentos com outros significantes. Mudanças ocorrem na vida, por exemplo, a passagem de solteiro para casado, o período de namoro dos filhos, a aposentadoria, a escola dos filhos, o divórcio, enfim, situações de crise em geral que envolvem a vida adulta. Neste contexto, as pessoas aprendem com situações passadas, constroem uma rede de contatos que pode ser útil nas transições, que podem ser positivas ou negativas, esperadas ou inesperadas, mais ou menos estressantes, raras ou comuns à maioria.

Conceitos de rede de relações e de rede de apoio social

O termo rede social descreve uma estrutura de indivíduos com uma relação designada para a pessoa focal, bem como uma frequência média de contatos e uma específica proximidade geográfica. A rede social é uma forma de capital social com potencial para influenciar a troca de apoios de várias naturezas (Coleman, 1988, apud Ajrouch, Antonucci e Janevic, 2001). É fonte de ajuda em tempos difíceis, de informação em tempos de necessidade e fonte de conforto em tempos de aflição. As características da rede social afetam a probabilidade, bem como a qualidade e o tipo de apoio, mas uma rede multifacetada, difusa e ampla é mais útil na solução de problemas do que uma rede restrita e estática (Antonucci e Akiyama, 1985).

A rede de relações sociais da vida adulta representa a totalidade dos vínculos estabelecidos entre as pessoas ao longo do ciclo vital. As relações guardam entre si hierarquias que lhe conferem características de rede. Podem ser formais ou informais, mais ou menos próximas afetivamente, de livre escolha ou definidas pelo parentesco, estabelecidas no trabalho, no lazer, na comunidade e na vizinhança, contínuas ou intermitentes. Podem exercer funções de apoio instrumental, emocional e cognitivo. Sua configuração, em termos de tamanho e natureza, associada, às funções que desempenham na vida, tem muito a ver com o contexto em que as experiências sociais podem ser vivenciadas ao longo da vida.

Os relacionamentos sociais são dinâmicos por natureza, variam de pessoa para pessoa, de situação para situação e conforme o tipo de interação. Dependendo do contexto relacional e situacional, assim como das necessidades do indivíduo, valores, preferências, estabelecem-se as características da rede social. Uma variante da rede de relações sociais são as rede sociais de apoio, que são grupos hierarquizados de pessoas que mantêm entre si laços de relações de dar e receber (Veja e Martinez, 1996).

Segundo Antonucci e Akiyama (1985), as pessoas são capazes de hierarquizar seus relacionamentos, ou seja, quando perguntadas sobre os relacionamentos sociais, os adultos são capazes de refletir e escolher um componente em detrimento de outro, o que permite mapear e inferir a existência de uma rede social, de acordo com a proximidade afetiva de seus integrantes, entender quem são as pessoas muito importantes e próximas, e saber que pessoas são mais distantes em termos afetivos.

A configuração da rede de relações sociais: associações com desenvolvimento e envelhecimento bem sucedidos

As redes de relações sociais podem ser analisadas segundo vários critérios, conforme os seguintes atributos: quantidade de pessoas, número de homens e mulheres, número de parentes (da família nuclear, de origem ou extensa), número de amigos (da escola, da igreja, do trabalho, de infância, recente) e número de vizinhos; idade e gênero

dos integrantes; frequência de contatos; proximidade geográfica e afetiva entre a pessoa focal e os membros da rede.

O tamanho da rede refere-se ao número de pessoas que a compõem. A quantidade de componentes de uma rede social pode indicar facilidade ou dificuldade do indivíduo em se relacionar socialmente. Porém, uma rede com poucos integrantes não implica necessariamente em prejuízos para as pessoas. Ao desenvolver o conceito de solidão emocional como um evento relativamente independente do isolamento social, Weiss (1973) enfatizou que o elemento crítico na determinação de uma experiência pessoal negativa ou estressante em relação à rede social é a avaliação pessoal sobre o grau em que ela satisfaz as necessidades e é compatível com as aspirações de cada um.

Capitanini (2000) investigou sentimentos de solidão em mulheres idosas que viviam sozinhas e verificou que, mesmo tendo rede restrita e formada por amizades recentes, as mulheres se diziam satisfeitas e capazes de compensar eventuais sentimentos de solidão por meio de estratégias pessoais.

Em sentido complementar, Gatz e Zarit (1999) afirmam que o aumento da rede social na velhice não é um benefício universal. Aumentar o senso de controle nos relacionamentos sociais parece trazer resultados melhores. Bisconti e Bergeman (1999) salientam que um número de pessoas maior na rede realmente pode significar um benefício, quando a pessoa está diante de eventos de transição, ocasião em que uma rede numerosa pode aumentar as chances de receber apoio de amigos ou pessoas da rede. Contudo, é importante considerar as características de personalidade do indivíduo e sua história de vida, que determinam quais as preferências sociais, inclusive em termos de número de componentes da rede social.

O tamanho da rede sofre variações ao longo do desenvolvimento. Na infância, o número de componentes depende das relações familiares e não apenas da criança. Na adolescência e na vida adulta inicial, o número de pessoas da rede social tende a ser grande pela necessidade de afiliação e de associação dos jovens. Na velhice, ela tende a diminuir.

Classicamente admite-se que o tamanho da rede social dos idosos é medida de sucesso, mas a teoria de seletividade emocional, desmente essa idéia (Carstensen, 1997a).

A frequência dos contatos sociais, assim como o tamanho, também variam com a idade. Os idosos tendem a ter contatos menos frequentes que os jovens (Antonucci e Akiyama, 1987). A proximidade física e afetiva é um outro indicador de viabilidade e probabilidade de trocas de apoio com os membros da rede social, que pode fornecer informações sobre a eficácia de capital social do indivíduo.

Pensada em termos estruturais, a rede de relações sociais também pode ser descrita pela frequência das interações entre os membros, bem como da reciprocidade, da durabilidade e da intensidade das relações interpessoais. Pode ainda ser avaliada em seus aspectos quantitativos e qualitativos, sem esquecer que a quantidade deve ser observada em conjunto com a qualidade. Além disso, é preciso considerar a personalidade e o repertório do indivíduo para manter e ampliar sua rede de relações, para lidar com os eventos negativos do ciclo vital e para buscar ativamente melhorias para sua qualidade de vida (Antonucci e Jackson, 1997; Antonucci, 1994).

As experiências e expectativas compartilhadas ao longo da vida representam o apoio social que as pessoas desenvolvem nas suas relações, variando em gênero, quantidade e natureza das relações, não sendo tão importante o número de relacionamentos que as pessoas têm, mas o bem-estar subjetivo. É importante não confundir apoio social com interação social, porque nem todo relacionamento oferece apoio e alguns podem ser, na verdade, estressantes ou frustrantes.

Antonucci e Jackson (1997) definem apoio social como aquelas transações interpessoais que implicam ajuda, afeto ou afirmação, advindas de fontes de natureza familiar, vizinhos, amigos, ou relações amorosas Kahn e Antonucci (1980) ressaltam a importância da reciprocidade nas relações de apoio: o indivíduo recebe e proporciona, isto é, troca apoio social. A família e os amigos são descritos como principais fontes de apoio social. A família está associada a cuidados de longo prazo, doenças, tarefas com idosos,

assuntos financeiros, ajudas próximas ao apoio instrumental. Os amigos estão mais ligados a satisfação emocional, a fazer confidências, a compartilhar problemas e alegrias pessoais (Antonucci, 1990). Entre amigos preponderam as relações mútuas, de livre escolha e de gratificação pela ajuda recebida. O senso de dever em dar ou receber apoio da família e a obrigação de se relacionar podem acarretar efeitos adversos sobre o bem-estar subjetivo (Antonucci e Akiyama, 1985). No estudo de Capitanini (2000) mulheres idosas que viviam sozinhas deram destaque à família, localizando-a muito próxima afetivamente, mesmo que a frequência dos contatos sociais fosse menos do que com os amigos.

O apoio positivo em situações adversas proporciona recuperação mais rápida em idosos adoentados (Mootz, 1990), melhora as funções imunológicas na velhice (Cassel e Cobb, 1976 apud Antonucci e Akiyama, 1985) e está associado a melhores resultados de tratamentos físicos e psicológicos (Rowe e Kahn 1998; Bisconti e Bergeman, 1999). Sua importância deriva do fato de o ser humano gostar de sentir-se protegido, trocar experiências e interagir com outras pessoas (Aneshensel, Pearlin, Mullan, Zarit e Whitlach, 1995). A escassez de apoio social é um poderoso fator de risco para a saúde do indivíduo (Unger, McAvay, Bruce, Berkman e Seeman, 1999). Contudo, apoio excessivo, desnecessário ou não contingente pode causar mais prejuízos do que benefícios, assim como estados de desamparo e de dependência aprendida (Pavarini e Neri, 2000), além de prejuízos a autonomia, a independência e a auto-estima. Receber apoio pode levar o indivíduo a sentimentos de gratidão ou a sentimentos positivos, que aumentarão a probabilidade de que venha a ajudar a outrem no futuro.

Além de afetarem a sobrevivência, as relações sociais podem possibilitar aquisição de informação, o desenvolvimento e a manutenção do autoconceito e a regulação da emoção (Carstensen, 1997b). Outra função da rede social está relacionada ao apoio sócio-emocional. Quando baseadas na reciprocidade e na solidariedade, as relações sociais podem proporcionar confiança, ajuda emocional ou instrumental, influenciando o bem-estar global e também a saúde física das pessoas idosas (Franssen e Knipscheer, 1990; Dykstra, 1995).

A função de apoio instrumental está fortemente relacionada com a competência e a adaptação dos indivíduos em momentos críticos de seu desenvolvimento, quando seus recursos são desafiados, como por exemplo, no envelhecimento, em situações de dificuldade, em doenças, por ocasião do nascimento dos filhos, em movimentos migratórios e na velhice, entre tantas outras situações em que a pessoa não consegue dar conta sozinha de suas demandas de desenvolvimento. Nesses momentos, se o indivíduo se vê cercado de pessoas que o protegem e ajudam, os efeitos tendem a ser benéficos. Porém o contrário, a ausência ou um apoio negativo podem tornar a pessoa mais vulnerável. O apoio social pode, assim, favorecer ou dificultar a adaptação e aumentar ou reduzir a probabilidade de desenvolvimento e de envelhecimento bem-sucedidos. Essa informação básica tem fortes implicações para a prevenção, assim como para a intervenção na vida adulta e na velhice (Antonucci e Jackson, 1997).

Os apoios recebidos têm relação com o controle percebido, com o bem-estar subjetivo global e com a satisfação com a rede de relações sociais. Essas três condições relacionam-se com desenvolvimento e com envelhecimento bem-sucedidos (Antonucci e Jackson, 1997; Diener e Suh, 1997). Examinar os processos subjacentes a esses constructos independentes pode pavimentar o caminho para a melhor compreensão de como eles contribuem para a melhor adaptação aos efeitos do envelhecimento e de eventos de transição da vida adulta.

Satisfação com a rede social

A satisfação relatada com a rede de relacionamentos sociais está ligada à qualidade de vida. Um aspecto de qualidade de vida é o bem-estar subjetivo (BES), ou seja, a avaliação da própria pessoa sobre sua vida. Além dos julgamentos cognitivos sobre a vida, o bem-estar subjetivo inclui reações afetivas, que são avaliações emocionais que se expressam em termos de maior ou menor agradabilidade. Emoções desagradáveis indicam que o indivíduo sente que há algo de errado em sua vida, e emoções agradáveis sinalizam a crença de que as coisas vão indo bem (Diener e Suh, 1997).

O bem-estar subjetivo é um importante componente da qualidade de vida porque reflete uma avaliação do próprio indivíduo e, portanto, apóia-se no que a pessoa acredita ser importante, de acordo com seus padrões. Gatz e Zarit (1999) reafirmam que indicadores objetivos, tais como renda e saúde física, não são suficientes para compreender o bem-estar e a satisfação de vida. Os aspectos subjetivos devem ser considerados, incluindo, portanto, a avaliação subjetiva do indivíduo, uma variável psicológica.

No que se refere à investigação das relações sociais, a satisfação relatada oferece uma medida subjetiva que indica o quanto as pessoas estão satisfeitas com sua rede social atual, podendo comparar com a seus relacionamentos anteriores ou com suas expectativas futuras. Os parâmetros para a avaliação são pessoais e subjetivos, mas influenciados por normas sociais e pela história de vida.

Um estudo transversal sobre a rede de relações sociais na vida adulta em homens e mulheres pertencentes a três grupos etários

Como vimos, a rede de relações sociais pode ser estudada sob vários aspectos. Dada sua importância, têm sido objeto de estudo da psicologia: o contexto social, as interações, as escolhas, as diferenças sociais entre homens e mulheres, entre outros aspectos das relações sociais no desenvolvimento humano. Entender a evolução das relações sociais ao longo da história de vida do indivíduo é um desafio a ser ultrapassado pela psicologia. Descrever a configuração da rede de relações sociais na vida adulta pode contribuir para entender como este aspecto influencia o processo de adaptação do desenvolvimento adulto ao longo de transições evolutivas.

Os relacionamentos sociais, tão importantes para os indivíduos em todo o ciclo vital, têm pesos diferentes de acordo com a época de vida das pessoas, dependendo do gênero; do status conjugal; da presença ou da ausência de filhos; do tipo de arranjo domiciliar; da personalidade; de questões culturais, educacionais e políticas, e do contexto como um todo. Além disso, é preciso lembrar que estes aspectos se combinam aos efeitos da estrutura e da função da rede social, em diferentes momentos da vida.

Com o estudo sobre as relações sociais pode-se identificar a estrutura da rede, quanto ao número de pessoas que a compõem e quanto à natureza dos relacionamentos que as pessoas estabelecem. Pode-se também saber qual a função que desempenha para diferentes grupos etários, a fim de entender a troca de experiências entre as pessoas em diferentes momentos do ciclo vital.

Dados de pesquisa e observações cotidianas permitem apontar para a existência de diferenças de gênero no comportamento social. As mulheres em geral são descritas como habilidosas, socialmente envolvidas e agregadoras de pessoas. Os relacionamentos sociais são mais incentivados entre elas, que têm uma rede mais extensa. Os homens adultos, pelas características do contexto e pelas exigências da sociedade, normalmente parecem mais preocupados com o trabalho e a profissão, e menos com a manutenção de relações sócio emocionais. Pela necessidade de afiliação e de construção da própria identidade, os jovens costumam ter uma rede social mais ampla.

A função de apoio emocional e instrumental é preponderantemente atribuída à mulher, pelo papel social de cuidadora (cuidar da casa, da família, dos doentes), enquanto o apoio informativo é desempenhado mais por homens de fora das relações familiares, principalmente entre os jovens

Pretende-se descrever e comparar a rede de relações sociais em termos de tamanho, natureza e funções, segundo os relatos de homens e mulheres em três momentos do ciclo vital. As pessoas que pertencem a diferentes grupos etários, tendem a desempenhar papéis sociais, ter experiências e responder a expectativas etárias próprias, cumprem diferentes tarefas evolutivas e talvez tenham com sua rede de relações sociais, diferentes tipos de interação. Será investigado também o grau de satisfação com o tamanho da rede social atual, bem como a satisfação relatada com a rede de relações quando comparada à de pessoas da mesma idade, e com o número de componentes da rede.

Parece ser relevante buscar compreender a vida adulta por um ângulo positivo, bem como descrever as diferenças em comportamentos e processos existentes entre adultos

pertencentes a diferentes grupos etários, tanto para avançar teoricamente, quanto para pensar no desenvolvimento de intervenções educacionais, clínicas e sociais que se ajustem à realidade adulta brasileira.

OBJETIVOS

1. Com este estudo pretende-se descrever e analisar a configuração da rede social na vida adulta, considerando os seguintes elementos:

?? A estrutura da rede em termos do tamanho (número de pessoas na rede), da idade, do gênero e do grau de proximidade afetiva dos componentes.

?? A estrutura da rede em termos da natureza dos relacionamentos (parentesco, intimidade, amizade e outras).

?? As funções de apoio oferecidas pela rede (emocional, instrumental e informativa), em relação à idade, ao gênero, ao grau de proximidade afetiva de quem o oferece e da natureza da relação que tem com o sujeito.

2. O segundo objetivo é caracterizar e analisar a satisfação relatada com a rede de relações sociais como um todo e com o seu tamanho especificamente. Nesta avaliação os sujeitos levarão em conta seus próprios parâmetros.

MÉTODO

Sujeitos

Foi realizado um estudo comparativo de caráter transversal, envolvendo 300 adultos selecionados por critérios de gênero e idade. Foram compostos três grupos com 50 homens e 50 mulheres cada um. O grupo I era composto por indivíduos entre 25 e 35 anos, o grupo II por indivíduos entre 45 e 55 anos e o grupo III entre 65 e 75 anos. Todos residiam em Sorocaba, cidade de médio porte do estado de São Paulo, e foram convidados a participar em escolas, ambientes de trabalho, clubes e comitês políticos. Especificamente os idosos foram convidados em clubes de aposentados e centros de convivência. Portanto, a participação foi voluntária.

Em cada um dos grupos houve distribuição proporcional dos sujeitos, conforme critério de idade e gênero, dado esse que aparece nas Tabelas 1,2 e 3.

TABELA 1. Distribuição dos sujeitos do grupo I - Jovens - segundo critérios de gênero e idade

Gênero	Idades											Total
	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
Masculino	8	1	4	7	4	5	6	3	3	0	9	50
Feminino	11	3	2	2	6	3	7	1	3	4	8	50
Ambos	19	4	6	9	10	8	13	4	6	4	17	100

TABELA 2. Distribuição dos sujeitos do grupo II - Meia-idade - segundo critérios de gênero e idade

Gênero	Idades											Total
	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	
Masculino	10	5	3	4	0	5	5	3	4	0	11	50
Feminino	8	2	6	5	3	1	1	6	4	4	10	50
Ambos	18	7	9	9	3	6	6	9	8	4	21	100

TABELA 3. Distribuição dos sujeitos do grupo III - Idosos - segundo critérios de gênero e idade

Gênero	Idades											Total
	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	
Masculino	8	6	3	3	3	4	4	3	4	3	9	50
Feminino	10	3	3	4	2	6	4	4	4	4	6	50
Ambos	18	9	6	7	5	10	8	7	8	7	15	100

Considerando as respostas das 300 pessoas entrevistadas e dividindo-as segundo o gênero, temos os seguintes dados com relação ao estado civil: 66% são casados, 15% são solteiros, 12% são viúvos e 7% separados, como pode ser visto na Figura 1. O número de casados prevaleceu entre os sujeitos. Entre solteiros e separados o número de homens e mulheres se equilibra. Apenas no caso de viúvos há uma diferença expressiva: há 32 mulheres e apenas 4 homens nessa condição.

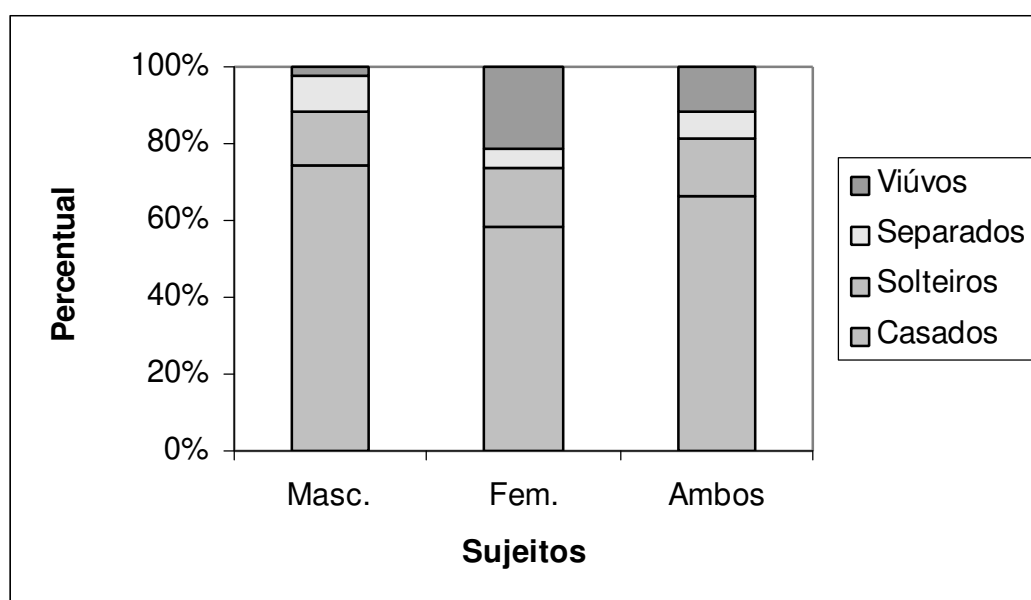


Figura 1. Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos) segundo o estado civil.

Quanto à escolaridade, a maioria cursou a escola elementar (38% têm quatro anos de escolaridade, 15% têm oito); 25% frequentaram o ensino médio e 20% cursaram o ensino superior. Noventa e quatro por cento dos sujeitos responderam que não estão estudando no momento.

Dos sujeitos entrevistados, 55% trabalham atualmente (32% de homens e 23% de mulheres), 45% disseram que não estão trabalhando (Figura 3). Trinta e cinco por cento dos

sujeitos estão aposentados por tempo de serviço, idade ou invalidez (Figura 4). Quanto à renda, 55% responderam que possuem renda própria e 43% renda familiar; três pessoas não responderam; as mulheres informaram mais sobre a renda familiar que os homens (Figura 5).

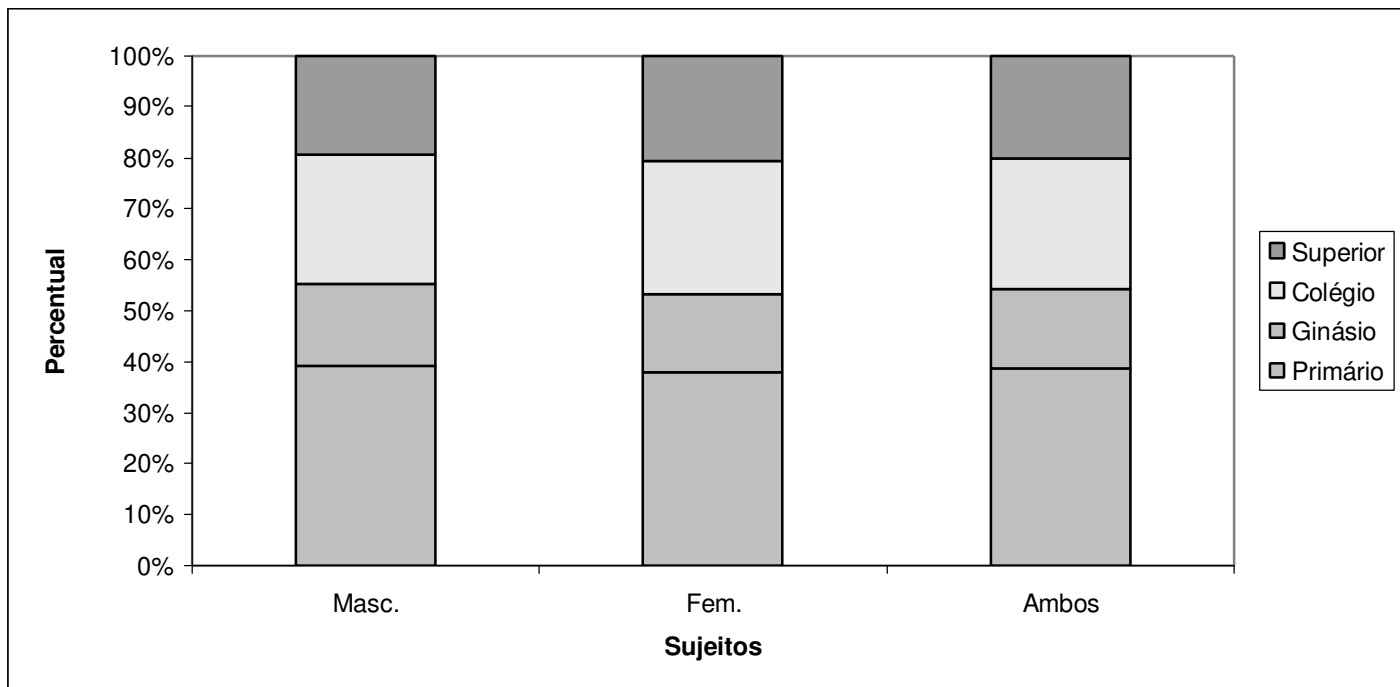


Figura 2 . Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos), segundo a escolaridade.

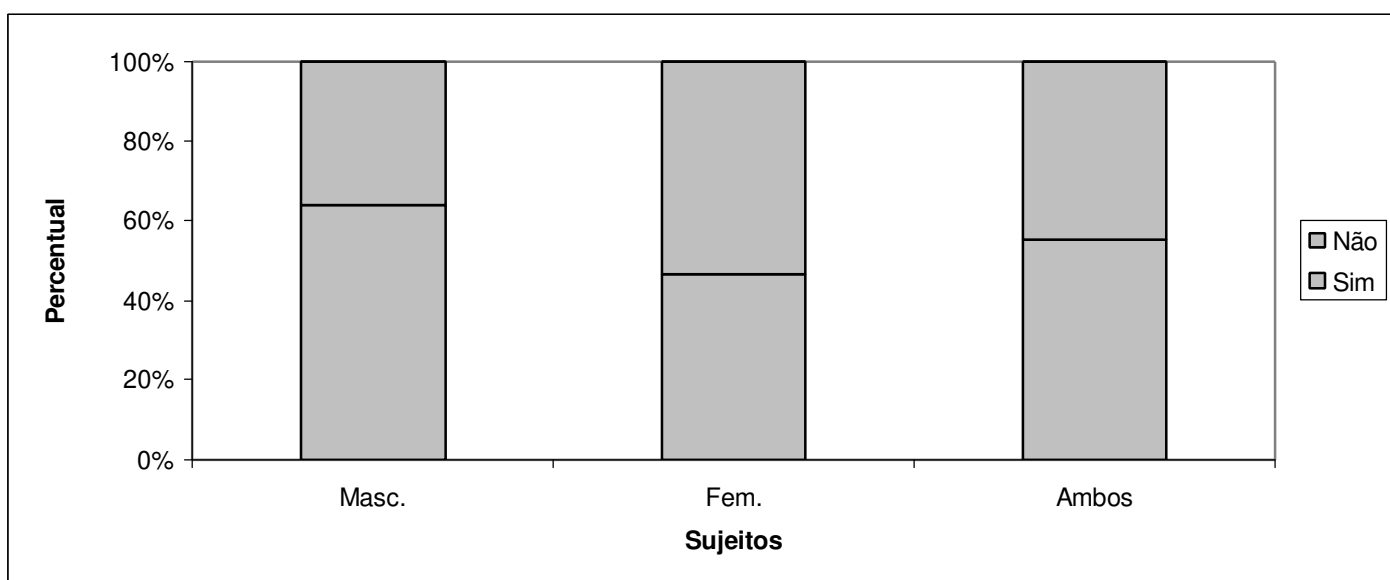


Figura 3. Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que trabalham.

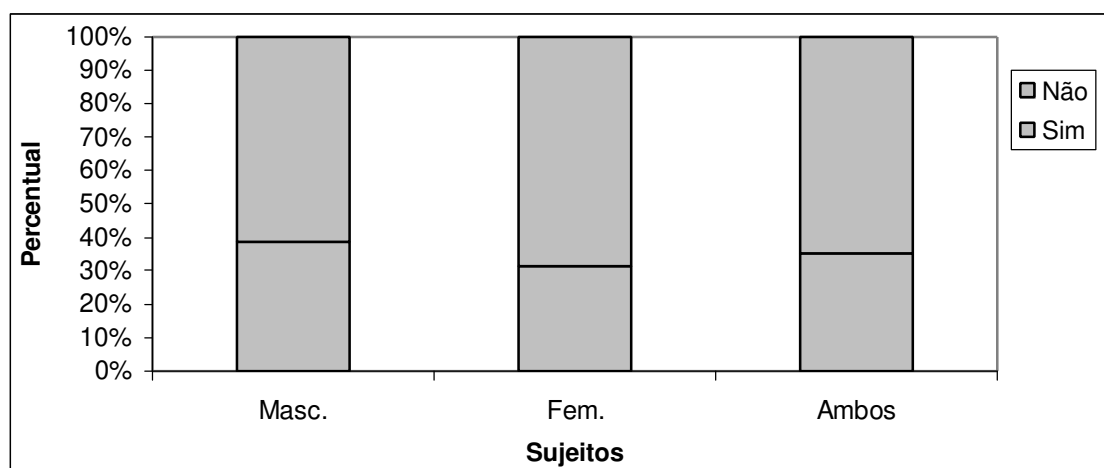


Figura 4. Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que são aposentados.

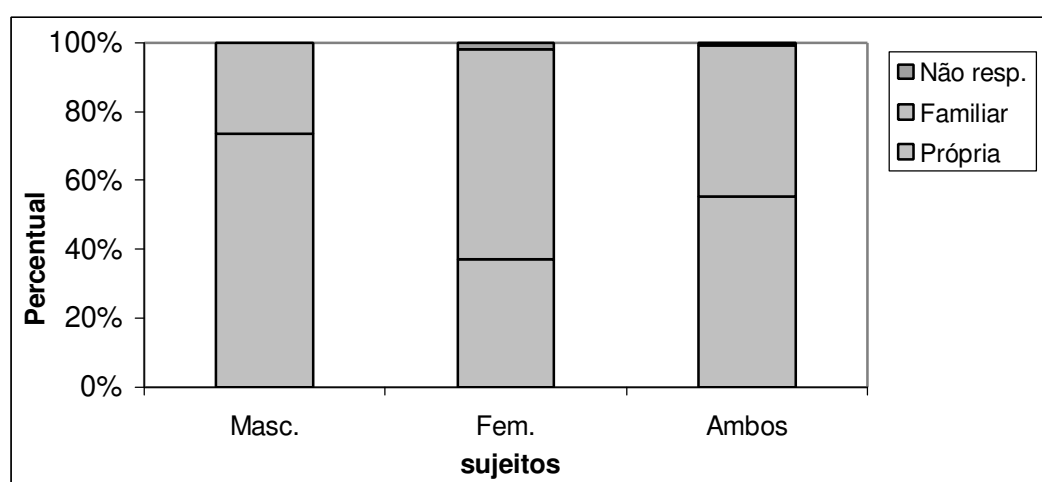


Figura 5. Percentual de sujeitos (masculinos, femininos e de ambos os sexo), segundo a renda financeira.

Quanto ao arranjo domiciliar, a maioria dos sujeitos mora com a família: 38% com cônjuge e filhos, 20% apenas com o cônjuge, 17% apenas com os filhos e 12% com os pais, 10% moram com cônjuge, filhos e outros parentes, 7% moram sozinhos e 4% com outros parentes.

A identificação dos sujeitos de acordo com o grupo etário será descrita a seguir, considerando as possíveis diferenças entre homens e mulheres.

Com relação ao estado civil, a Figura 6 mostra que o número de casados supera o de solteiros, separados e viúvos, em todos os grupos (I,II e III). O número de casados só é superado entre as mulheres viúvas idosas. O grupo de jovens apresenta um número de

solteiros maior que os outros grupos; há mais sujeitos separados entre os homens de meia idade.

O grupo com mais alto nível de escolaridade é o de jovens, com nível médio e superior, com proporção equilibrada tanto para homens como para as mulheres; os grupos II e III têm uma proporção maior de pessoas que completaram o ensino fundamental; no grupo de meia idade as proporções são mais equilibradas entre ensino médio e superior, sem diferenças entre homens e mulheres; entre os sujeitos mais velhos predominam pessoas com nível fundamental, e há poucas respostas de mulheres com nível superior. Os dados mostram alterações nas oportunidades de acesso à educação formal, ao longo do curso de vida de sucessivas gerações. Os idosos apresentam menor grau de escolaridade, talvez em função de várias dificuldades econômicas, necessidade de trabalhar, valores que discriminavam a mulher quanto a seguir carreira profissional e outras razões políticas. Para eles eram mais raras a s oportunidade de estudar do que para os jovens de hoje.

A grande maioria dos sujeitos dos três grupos responderam que não estão estudando. Embora a maioria das mulheres idosas estivesse freqüentando cursos para a terceira idade, e os adultos de meia idade fizessem cursos de língua estrangeira, eles aparentemente não reconhecem essas atividades como estudo, talvez porque não conduzem a diplomas que dão direito ao exercício de profissões que requeiram nível universitário.

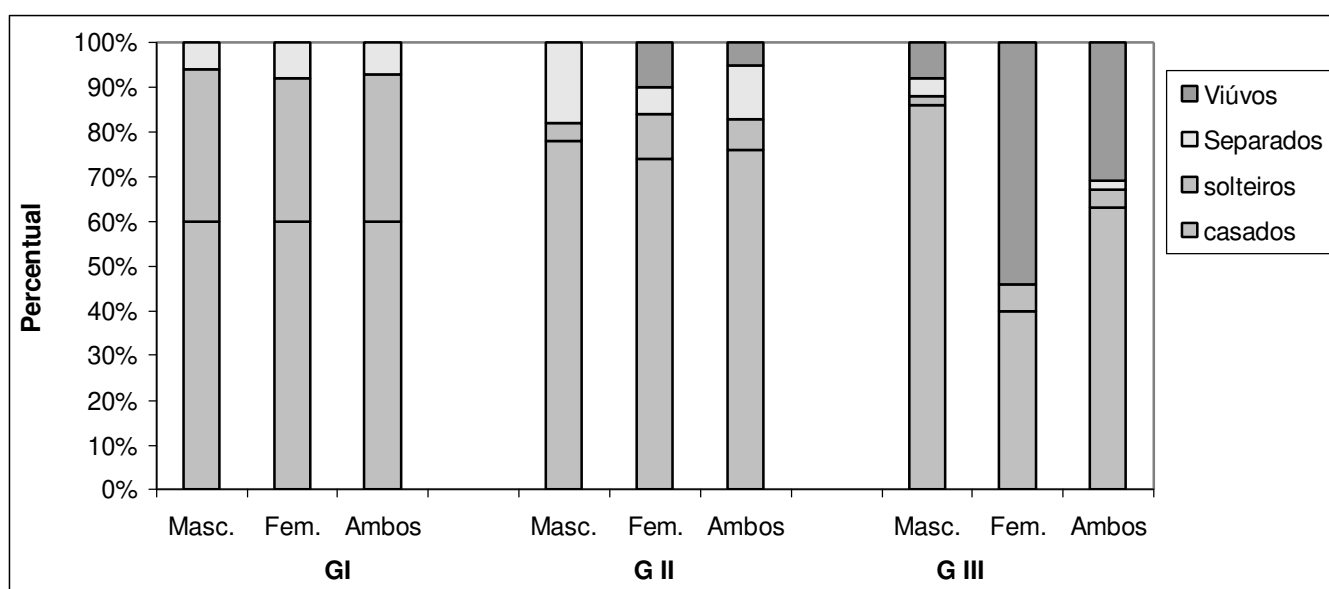


Figura 6. Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos), segundo o estado civil.

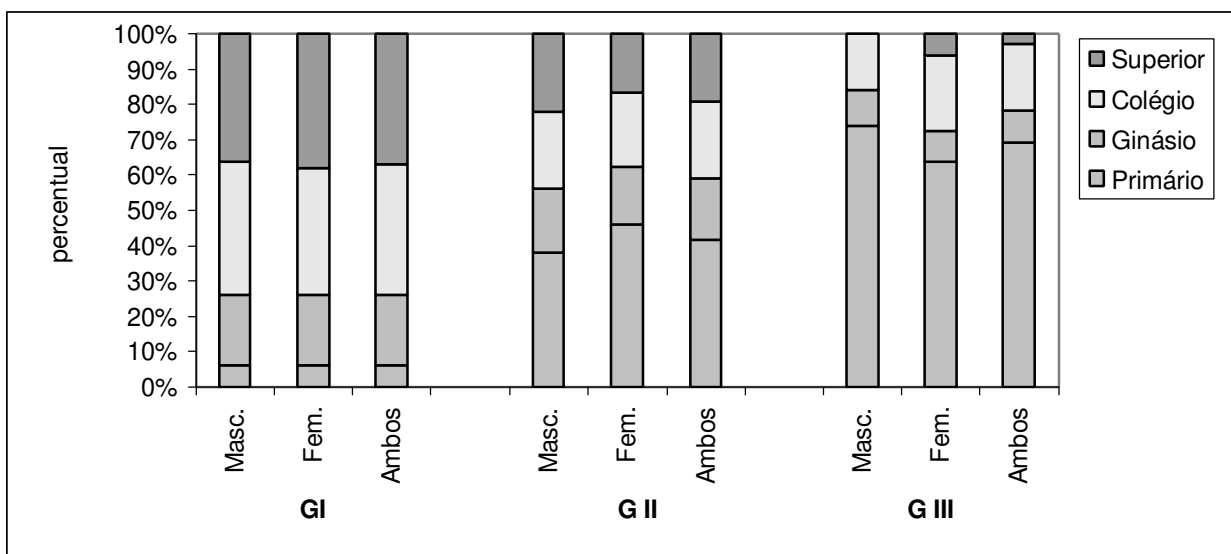


Figura 7. Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos), segundo a escolaridade.

No grupo de jovens, a maioria trabalha atualmente e relata ter renda própria; no grupo de meia idade, também trabalham, embora com uma frequência um pouco mais baixa que os jovens; uma proporção comparável relatou ter renda própria. Em sua grande maioria, os idosos estão aposentados e possuem renda própria, em proporção maior que os outros grupos. Mais homens do que mulheres relatam ter renda própria. Mais mulheres dos grupos I e II, bem como as mais idosas, relataram ter renda própria, talvez advinda de pensões. No entanto, é interessante notar que a grande maioria dos homens identifica sua renda como própria, enquanto que as mulheres tendem a considerar sua renda como familiar.

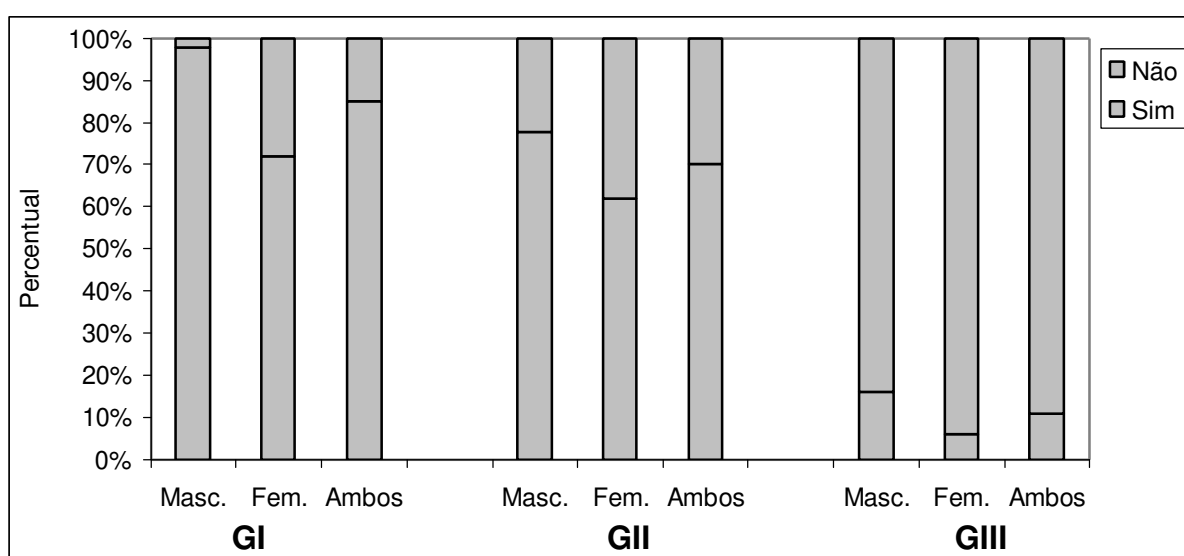


Figura 8. Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que trabalham.

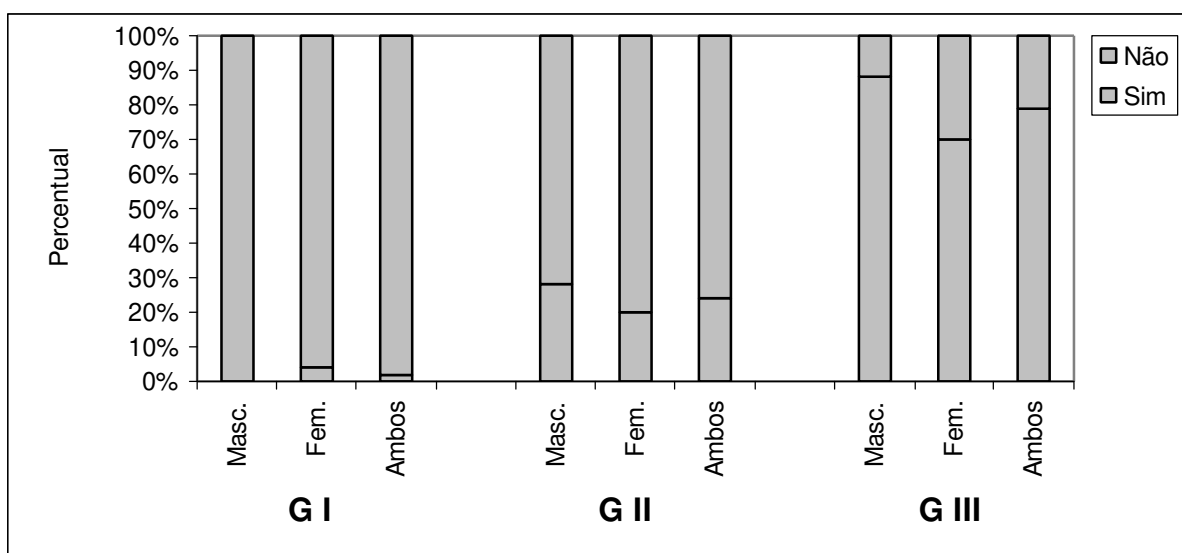


Figura 9. Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculinos, femininos e de ambos os sexos) que estão aposentados.

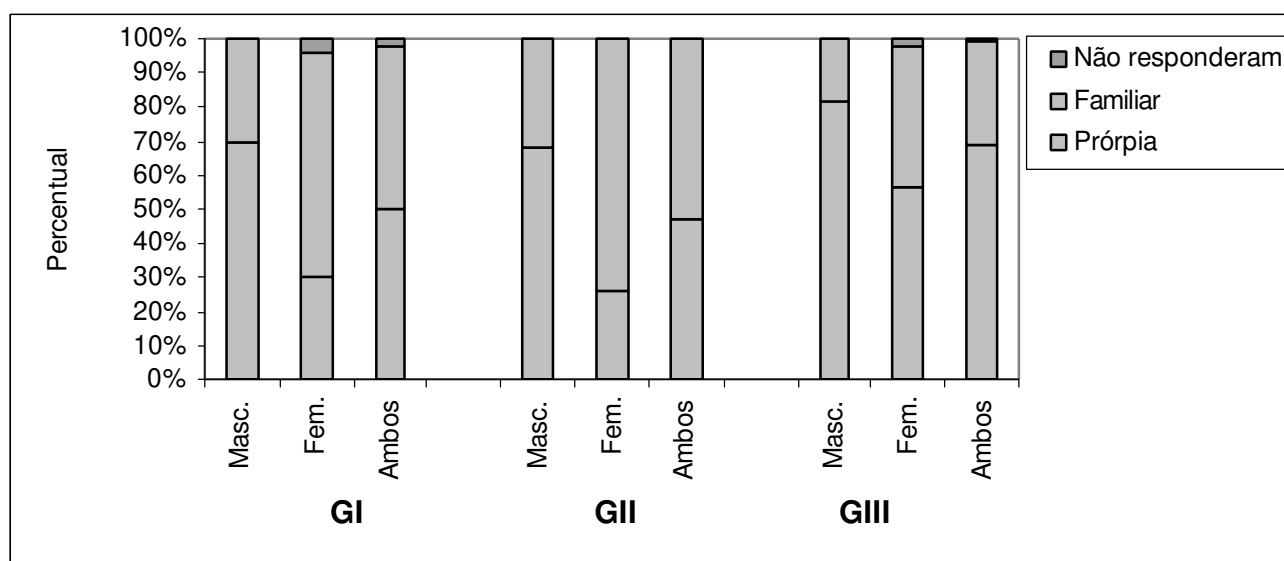


Figura 10. Percentual de sujeitos nos grupos: GI, GII e GIII (masculino, feminino e ambos), segundo a renda financeira.

Os sujeitos, de modo geral, moram com a família, mas o arranjo domiciliar modifica-se um pouco com o decorrer da vida. Os jovens (ver na Tabela 2) moram com o cônjuge e filhos e, em alguns casos, com os pais. No grupo de adultos de meia idade, a maioria mora com o cônjuge e os filhos, mas incluem no arranjo familiar outros parentes morando junto, tais como: sogro(a), pais, genro (nora), sobrinho(a) e neto(a). Os idosos apresentam diferenças entre homens e mulheres: os homens moram com o cônjuge (sem filhos), e as mulheres moram sozinhas. As maiores diferenças entre homens e mulheres, quanto ao arranjo domiciliar, encontram-se no grupo dos idosos, apontando claramente que há mais mulheres idosas sozinhas do que homens. Os homens viúvos tendem a casar-se

novamente (Chaimowicz, 1998), mas as mulheres com uma sobrevida maior (Berquó, 1999) tendem a ficar sozinhas (Capitanini, 2000).

TABELA 4: Tipo de arranjo domiciliar segundo o grupo etário e o gênero dos sujeitos.

		Sozinho	Amigo	Cônjuge	Filhos	Pais	Parente	Cônjuge e Filho	Cônjuge Filho e Parente	Filho e Neto
GI	Masc.	1	0	7	0	16	3	21	3	0
	Fem.	2	0	5	1	13	5	20	4	0
	Total	3	0	12	1	29	8	41	7	0
GII	Masc.	3	1	3	1	4	1	33	4	0
	Fem.	3	1	4	6	2	0	24	10	0
	Total	6	2	7	7	6	1	57	14	0
GIII	Masc.	2	0	25	1	0	0	13	9	0
	Fem.	10	2	15	8	0	4	3	1	7
	Total	12	2	40	9	0	4	16	10	7

Instrumentos

A coleta dos dados foi realizada durante o mês de setembro e primeira quinzena de outubro de 2001, as entrevistas tiveram duração média de 20 minutos. Foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário de caracterização dos sujeitos, um diagrama da rede social da vida adulta e um roteiro de questões complementares.

Questionário para a caracterização dos sujeitos : teve como objetivo levantar o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, no que se refere aos dados pessoais, tais como: idade, gênero, estado civil, escolaridade, ocupação, arranjo domiciliar e renda (Anexo1). Cada uma dessas variáveis foi categorizada, como segue:

?? Idade: grupos I, II e III, designando respectivamente os grupos de 25 a 35 anos (jovens); de 45 a 55 anos (meia idade) e de 65 a 75 anos (idosos).

?? Estado civil: casados, solteiros, separados e viúvos.

?? Escolaridade: ensino fundamental, primário ou 1^a a 4^a série do primeiro grau; ensino fundamental, ginásio ou 5^a a 8^a série do primeiro grau; ensino médio, colegial ou curso técnico, e ensino superior ou faculdade.

?? Ocupação: estudante, aposentado e ou trabalhando (sim / não).

?? Arranjo domiciliar: mora com o pai, mãe, irmão, cônjuge, filho, neto, amigo ou sozinho.

?? Renda financeira: própria e familiar.

O diagrama para avaliação da rede social da vida adulta de Kahn e Antonucci (1980): é composto por três círculos concêntricos. Na versão original os autores colocaram no centro "you", mas para esta pesquisa foi decidido usar o pronome "Eu", acreditando que o sujeito se envolveria ao indicar as pessoas que compõem a sua rede de relacionamentos, de acordo com o grau de proximidade emocional² (Anexo 2).

No diagrama, os sujeitos distribuem as pessoas que fazem parte de sua rede de relacionamentos sociais por critério de proximidade afetiva. São instruídos para colocar no círculo mais interno, as pessoas que lhe são muito importantes e mais próximas; no círculo disposto em posição mediana, as importantes, mas menos próximas; e, no círculo mais externo, as pessoas que são importantes, porém mais distantes. Esse instrumento permite entender a configuração da rede social em termos de afetividade: quanto mais próximo do "Eu", maior a importância sócio-emocional.

Para completar as informações sobre a configuração da rede de relacionamentos sociais, foi preenchido um quadro de respostas, com as seguintes informações sobre as pessoas colocadas na rede: idade, gênero e natureza do relacionamento (Anexo 3).

² A adaptação do instrumento foi realizada pelos componentes do Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento - Faculdade de Educação da Unicamp, no ano de 1999. Um primeiro formato foi utilizado por Capitanini (2000), e continha as menções "importantes e mais distantes", muito importantes mas, menos chegadas" e "muito importantes e mais chegadas". Nesta pesquisa resolvemos deixar os espaços em branco e explicar oralmente aos sujeitos o que se esperava que levassem em conta para responder, para não correr o risco notado por Capitanini de que confundissem proximidade afetiva e proximidade geográfica.

A variável idade dos componentes da rede foi categorizada em termos de:

?? Mais novos.

?? Mesma idade.

?? Mais velhos.

Utilizou-se como ponto de referência a idade dos sujeitos.

Por exemplo: se um sujeito jovem de 32 anos escolheu para colocar na sua rede uma pessoa de 27 anos, essa pessoa foi considerada da mesma idade que o sujeito, pois está dentro da faixa etária do grupo jovem (25 a 35 anos); as pessoas abaixo de 25 anos foram categorizadas como mais novas e as acima de 35, mais velhas que o sujeito. Isso valeu também para as idades limite dos grupos II e III.

Com relação à natureza das relações, foram estabelecidas as seguintes categorias:

?? Família - incluíram-se respostas como: pai, mãe, filho, tio, sobrinho, primo, genro, neto, bisneto, sogro, enteado, padrasto e cunhado.

?? Amizade - incluíram-se respostas como: amigo de infância, de juventude, de escola, de trabalho, de família, de igreja, conhecido, vizinho e compadre.

?? Intimidade - incluíram-se respostas que identificavam relações com envolvimento amoroso: esposa, marido, namorado(a), noivo(a), caso, amante.

?? Outras - houve respostas com baixa frequência de citações (de uma a três citações): aluno, patrão, empregado, afilhado, madrinha, padre, enfermeira, pai do genro, ex-esposa, ex-marido, ex-namorado, ex-cunhado, ex-sogra.

O diagrama e o quadro de respostas possibilitaram responder às seguintes questões de pesquisa:

?? Qual o tamanho da rede social de homens e mulheres, de diferentes grupos etários (jovens, meia idade e idosos)?

?? Quem são as pessoas que fazem parte dessa rede social, são mais homens ou mulheres, mais velhos, mais novos ou da mesma idade dos sujeitos?

?? Qual o tipo de natureza dessas relações?

?? Quais pessoas são colocadas no primeiro, no segundo e no terceiro nível de proximidade afetiva?

Questões complementares: possibilitaram obter informações sobre as funções da rede e a satisfação com as relações sociais, tomando como base a situação atual, a situação atual em comparação com anos antes e a situação atual em comparação com a de outras pessoas da mesma idade que os respondentes (Anexo 4). As funções da rede foram categorizadas como:

?? Emocionais, quando se referiram à possibilidade de fazer confidência, trocar informações pessoais, aconselhamento e similares.

?? Instrumentais, quando referentes à ajuda do dia-a-dia tanto no âmbito do domicílio como fora dele.

?? Informativas, relativas à troca de conhecimentos sobre o mundo social e a natureza.

A função emocional compreendeu apoio em situações íntimas, pessoais. Foi investigada pela primeira questão: *A quem o(a) (Sr/Sra/você) faz confidências?* A segunda questão identificou a função instrumental, ligada à ajuda material: *Quando o(a) (Sr/Sra/você) tem alguma necessidade (material, financeira, ou de fazer algo), com quem pode contar?* A terceira questão refere-se a função informativa: *Com que pessoa o(a) (Sr/Sra/você) troca idéias sobre conhecimentos de uma maneira geral, por exemplo, sobre política e sobre educação, ou seja, que pessoa lhe dá oportunidades para aumentar seus conhecimentos? Ou de quem o(a) (Sr/Sra/você) gosta de ouvir a opinião?* Para cada questão os sujeitos identificaram uma única pessoa da sua rede social.

Essas questões complementares respondem a perguntas sobre a função da rede: quem são as pessoas nos diferentes grupos etários, entre homens e mulheres, que exercem a função de apoio emocional, instrumental e informativo? Em que grau de proximidade afetiva estão localizadas essas pessoas? Qual a natureza das relações dessas pessoas com os sujeitos? Qual a idade e o gênero dessas pessoas?

A última questão complementar refere-se à satisfação relatada. Foi pedido ao sujeito que avaliasse a satisfação em relação a sua rede social, quanto aos aspectos do número de pessoas da rede; seu envolvimento social comparado com pessoas da mesma idade e sua

satisfação com suas relações sociais atuais. Para classificá-la foram oferecidos como opção três graus: pouco satisfeito, mais ou menos satisfeito e muito satisfeito.

Procedimento

Antes da coleta dos dados, foi realizada uma pesquisa piloto para testar os instrumentos e a sequência de aplicação, assim como para treinar duas auxiliares de pesquisa. Foram envolvidos nessa pesquisa piloto, 30 respondentes que não foram sujeitos do estudo principal, incluindo homens e mulheres das mesmas idades que pretendíamos focalizar no estudo. Depois de cada entrevista os respondentes ofereciam opinião sobre o instrumento e sobre a entrevista em si, ressaltando dificuldades ou facilidades para compreensão das instruções e oferecendo sugestões.

Foram realizadas discussões com as auxiliares de pesquisa, sobre a melhor forma de interagir com os respondentes, para conseguir o seu envolvimento até o final da aplicação do instrumento. Também foi elaborada uma padronização das instruções verbais e da ordem de aplicação dos instrumentos. Depois da coleta de dados da pesquisa piloto, foram realizados encontros com as auxiliares de pesquisa, para analisar a situação da entrevista e e possíveis alterações. A forma de manejo dos instrumentos foi modificada, já que foram relatadas dificuldades para o seu preenchimento. Segundo suas aplicadoras, os sujeitos pulavam questões, e quando colocavam a primeira letra do nome de cada membro da rede no diagrama, muitos se esqueciam depois de falar detalhes sobre elas. Também foi notado que havia um excesso de papéis a serem manipulados pelos sujeitos e pelas aplicadoras.

Com base nessa experiência obtida no estudo-piloto, as instruções foram modificadas e foi elaborado um roteiro de entrevista (Anexo 5), padronizado para todos os sujeitos. Todos os instrumentos foram preenchidos pelas pesquisadoras, o que diminuiu o número de respostas em branco. Foram utilizados dois diagramas da rede social (um ficava com o sujeito e outro com a pesquisadora) para facilitar a concentração dos sujeitos. As questões complementares foram reduzidas, assim como o número de papéis a serem

manipulados. Em consequência, foi reduzido o tempo de entrevista e houve possibilidade de uma relação mais informal entre o sujeito e a pesquisadora.

Para a realização das 300 entrevistas, cada questionário foi identificado por um número e assim foram divididos entre as entrevistadoras (Anexo 6). Cada uma esteve encarregada de fazer controle da idade de seus sujeitos, de modo a não se ter uma concentração de pessoas apenas em uma determinada idade. O contato foi realizado sempre pessoalmente, a princípio com conhecidos e depois em escolas, associação dos ferroviários, clube com atividades para terceira idade (ACM), praças, comitês políticos, locais de trabalho e residências. Novas indicações foram feitas pelos sujeitos já contatados, num sistema de seleção conhecido como "bola de neve".

Para cada pessoa entrevistada foi enfatizado o caráter voluntário da participação e a possibilidade de interromper a entrevista a qualquer momento. Houve compromisso com o sigilo das informações e com a identificação do nome da pessoa entrevistada. Por ocasião da entrevista, foram informados os objetivos da pesquisa.

Depois do questionário respondido, era apresentado ao sujeito o diagrama da rede de relações sociais. A entrevistadora dispunha de uma cópia que preenchia com as respostas dos sujeitos, à medida em que transcorria a entrevista.

Preenchido o diagrama, a pesquisadora recolhia o vazio que estava com o sujeito e lhe entregava o preenchido. Comunicava então ao sujeito que ser-lhe-iam feitas perguntas sobre a idade, o sexo das pessoas mencionadas e a natureza dos relacionamentos indicados. Seguir-se-ia uma ordem: primeiro as pessoas do primeiro círculo, depois as do segundo e por último as do terceiro círculo.

Depois dessa etapa, a entrevistadora recolhia o diagrama do respondente e solicitava que escolhesse uma pessoa das suas relações à qual ele faz confidências; depois, que apontasse uma a quem se dirigia quando necessitava de ajuda material, e depois uma com quem discutisse assuntos diversos. Quando o sujeito tinha dúvidas entre muitas pessoas, a entrevistadora insistia na escolha de uma e dava a possibilidade de citação de outras, depois

desta. Porém, para a efeito dos resultados desta pesquisa, apenas a primeira escolha foi analisada.

Finalmente, indagava-se sobre suas relações sociais hoje, se estava muito, mais ou menos ou pouco satisfeito com elas; pedia-se um paralelo com relações de pessoas da mesma idade e para avaliar a satisfação com o número de pessoas que havia indicado no diagrama.

RESULTADOS

Os dados resultantes das entrevistas foram submetidos a tratamento estatístico descritivo, levando-se em consideração comparações entre a totalidade dos homens e mulheres dos três grupos etários pesquisados. Foram empregados testes estatísticos de razão de verossimilhança. Para as comparações das frequências obtidas e esperadas, o teste de χ^2 , tendo em vista comparações intra e intergrupos, conforme os critérios de gênero e idade. O nível de significância adotado para a análise dos dados foi $\alpha = 0.05$ para todas as comparações realizadas.

Os resultados serão relatados seguindo a ordem: estrutura da rede social na vida adulta (o número, a idade, o gênero, o grau de proximidade e a natureza das relações das pessoas escolhidas para compor a rede social); função das relações sociais em termos do apoio emocional, instrumental e informativo, oferecido aos homens e mulheres dos três grupos etários, segundo a idade, o gênero, o grau de proximidade afetiva e a natureza das relações com as pessoas apontadas como fornecedoras de suporte; e a satisfação relatada com a rede social atual, comparada com a rede social de pessoas da mesma faixa etária e com o número de pessoas que compõem a rede de relacionamentos sociais.

Estrutura da rede de relações sociais na vida adulta

A estrutura da rede de relacionamentos sociais refere-se ao tamanho, ou seja, à quantidade de pessoas existentes na rede de relações sociais e à natureza dessas relações (familiar, amizade, intimidade e outras).

Tamanho da rede social

Quanto ao tamanho da rede, pretendeu-se saber o número de pessoas que os homens e as mulheres dos três grupos etários apontaram, assim como características dessas pessoas (idade, sexo, proximidade afetiva).

Em média, o grupo de sujeitos entrevistados apontou 15 pessoas como membros da sua rede social. As mulheres indicaram em média 17 pessoas e os homens 14 pessoas. Na Figura 11 pode-se observar o número médio de pessoas que cada grupo apontou em sua rede social.

A maior média de pessoas citadas foi do grupo de jovens (19 pessoas), seguidos dos grupos de meia-idade (15 pessoas) e de idosos (12 pessoas). Entre os idosos, não houve muita diferença no número de pessoas citadas por homens e mulheres. Porém, no grupo de jovens e no de meia-idade, as mulheres apontaram um número maior do que os homens.

A diferença entre as médias dos grupos I e II não foi estatisticamente significativa, mas, com relação ao grupo de idosos, que teve a média mais baixa, ocorreu diferença significativa em relação aos demais grupos de idade.

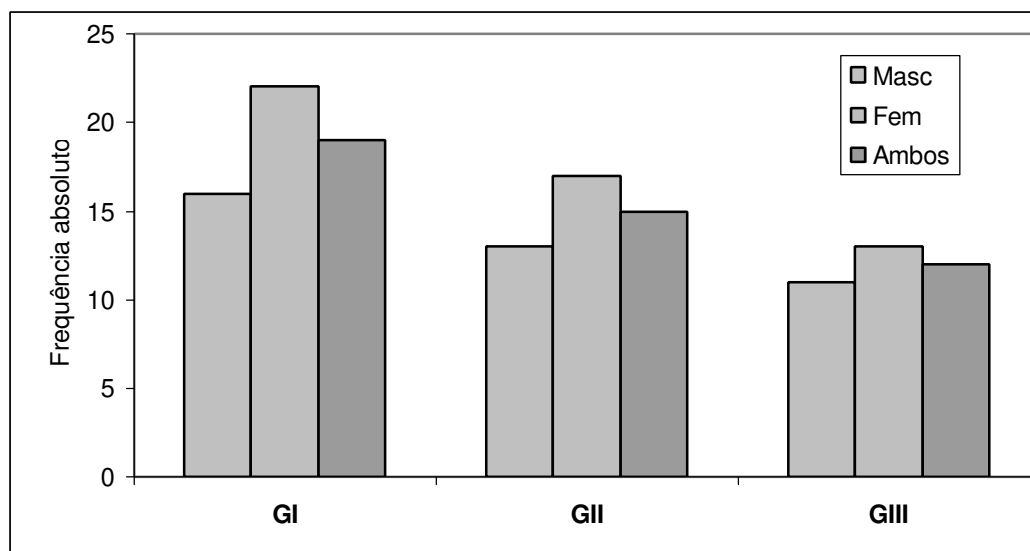


Figura 11. Número médio de homens, mulheres e a soma de ambos, que foram apontadas pelos sujeitos jovens (GI), de meia idade (GII) e idosos (GIII), para compor a rede social.

A Figura 12 mostra a distribuição percentual das pessoas, segundo o grau de proximidade afetiva: algumas foram apontadas como muito próximas; outras como importantes, mas não tão próximas, e outras foram pessoas com quem homens e mulheres mantêm relações sociais mais distantes.

Vê-se que as mulheres superaram os homens quanto ao total de relacionamentos em todos os graus de afetividade, porém não é uma diferença estatisticamente significativa, ($p=0.1194$). Também não houve diferença estatisticamente significativa ($p=0.1254$) entre o número de pessoas colocadas nos três graus de proximidade afetiva, ou seja, os sujeitos apontaram mais ou menos o mesmo número de pessoas nos diferentes graus de proximidade afetiva.

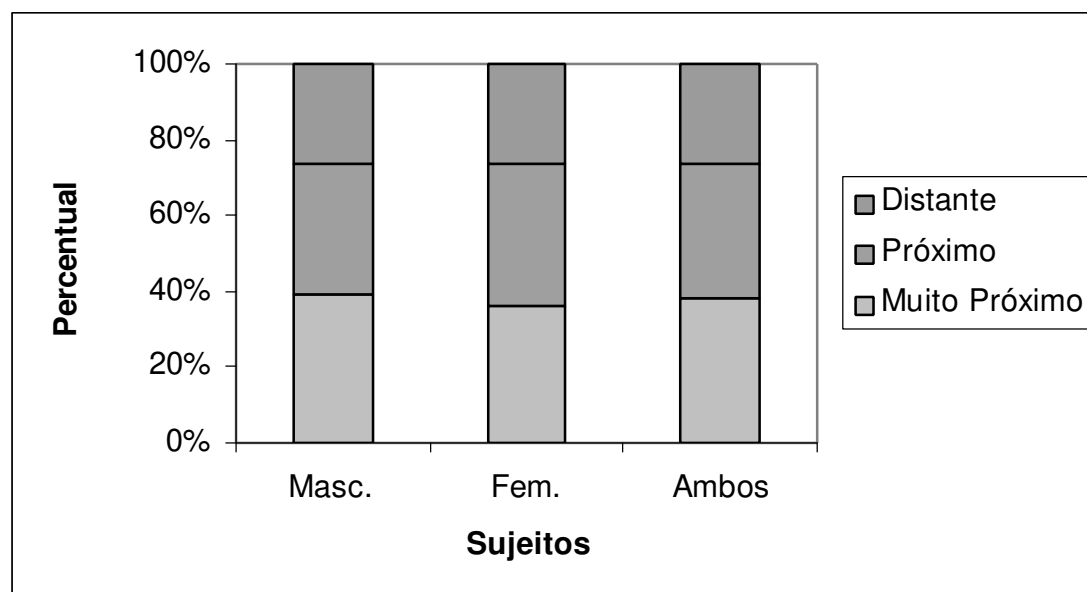


Figura 12. Porcentagem de pessoas colocadas na rede social, separadas de acordo com o grau de afetividade apontada pelos sujeitos.

Características das pessoas apontadas como componentes da rede social dos sujeitos

Idade. A análise da idade das pessoas apontadas na rede foi feita de acordo com o seguinte critério: mais velhos, da mesma idade ou mais novos que os sujeitos. A Figura 13 mostra a tendência de os sujeitos apontarem pessoas mais novas como **componentes da sua rede social. Homens e mulheres tendem a apontar pessoas mais novas, mas existe**

uma diferença quanto ao número de pessoas da mesma idade, que é ligeiramente maior entre os homens.

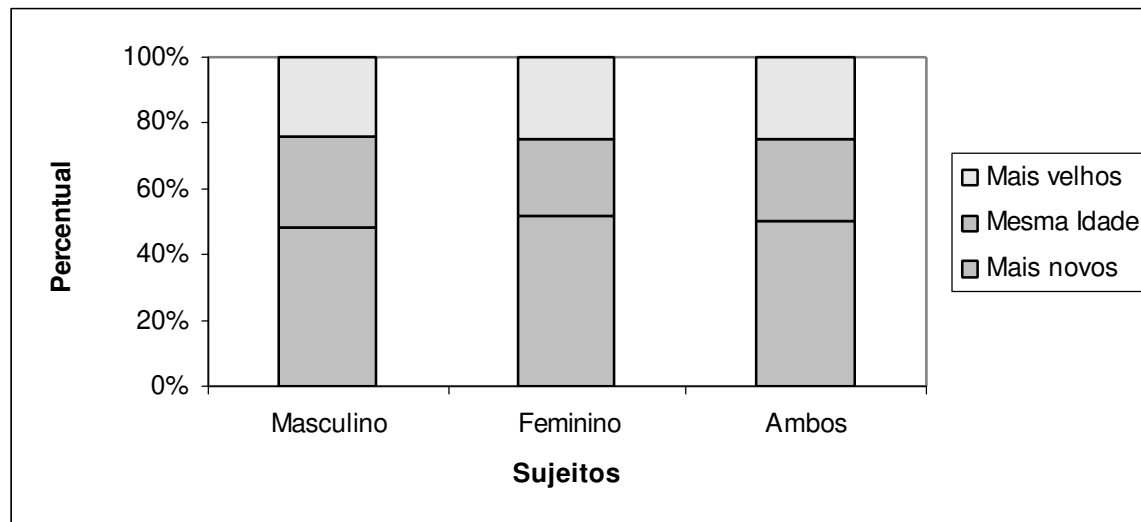


Figura 13. Percentual de pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas, da rede social indicada pelos sujeitos.

Gênero. Na Figura 14 pode-se observar que os sujeitos entrevistados tendem a se relacionar mais com pessoas do mesmo gênero, ou seja, os sujeitos masculinos apontaram mais homens em sua rede, enquanto que os sujeitos do sexo feminino apontaram mais mulheres do que homens em sua rede social.

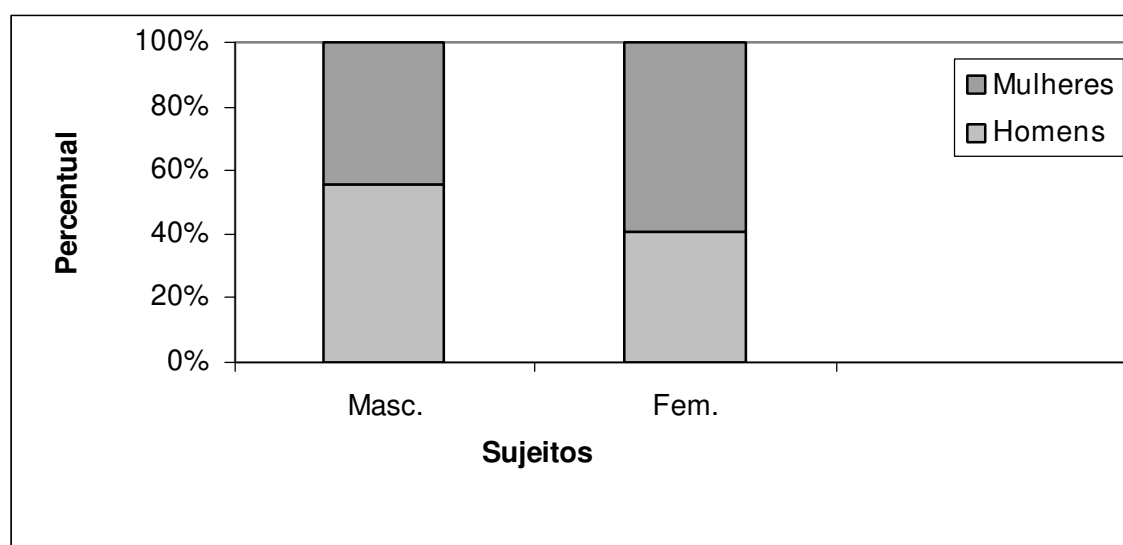


Figura 14. Porcentagem de homens e de mulheres da rede social, apontados pelos sujeitos.

A seguir, serão descritos os resultados relativos às características das pessoas da rede social, quanto ao grau de proximidade, à idade, ao gênero e à natureza das relações.

Grau de proximidade. Os idosos relataram ter uma porcentagem maior de relacionamentos muito próximos, se comparados aos sujeitos de meia idade e jovens. Porém, não há evidência de que as diferenças encontradas sejam estatisticamente significativas, nem quanto ao número por grau de afetividade, nem de acordo com o gênero dos sujeitos (ver Figura 15).

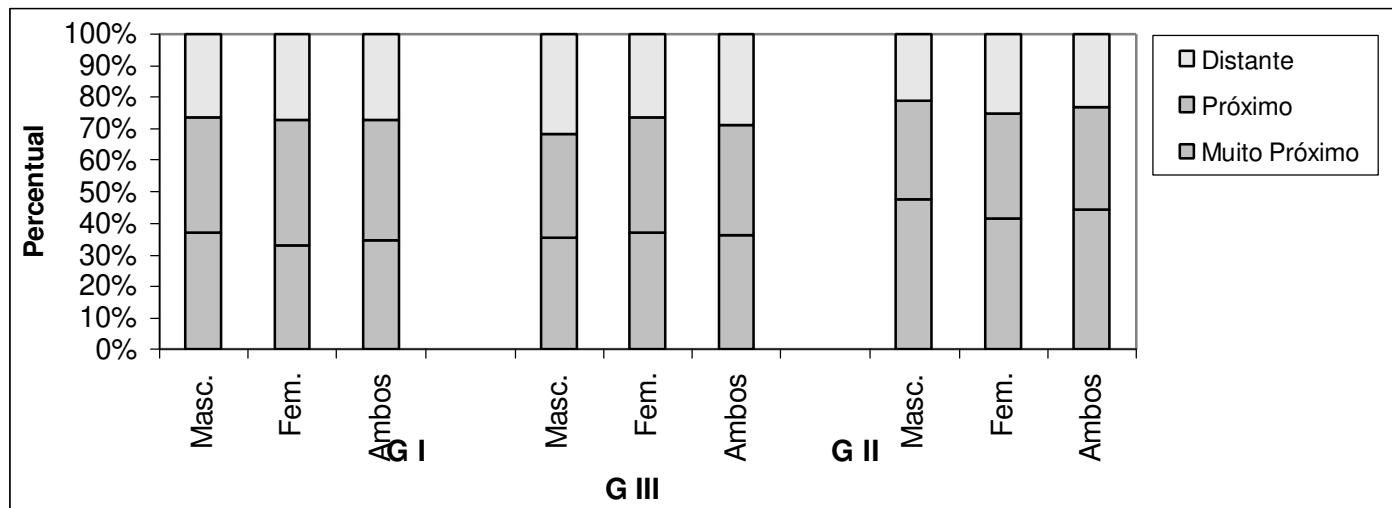


Figura 15. Porcentagem de pessoas próximas, muito próximas e distantes, que foram apontadas pelos sujeitos jovens (GI), de meia idade (GII) e idosos (GIII) para compor a rede social.

Idade. As porcentagens de pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas, que foram indicadas na rede dos grupos aparecem na Figura 16, que permite observar que o grupo de jovens apontou um número maior de pessoas mais velhas como seus relacionamentos preferenciais. Ao contrário, os outros grupos indicaram pessoas mais jovens, diferença essa que se acentua no grupo de idosos.

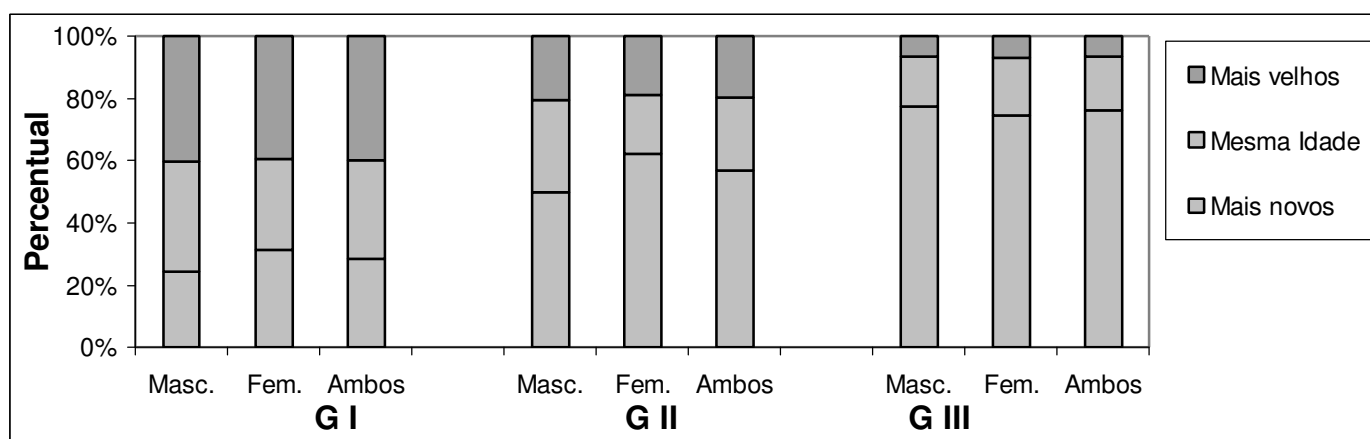


Figura 16. Porcentagem de pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas, apontadas pelos sujeitos dos grupos GI (jovem), GII (meia idade) e GIII (idoso)

Gênero. A Figura 17 mostra que não houve diferença significativa entre os grupos, no que se refere ao padrão de escolha das pessoas segundo o gênero, ou seja, homens e mulheres tendem a preferir relacionamentos sociais com pessoas do mesmo sexo. De modo

geral, foram apontadas mais mulheres para compor a rede nos três grupos etários, mas, quando focalizamos as respostas masculinas, a superioridade é de homens. As mulheres apontaram mais mulheres do que os homens na sua rede social.

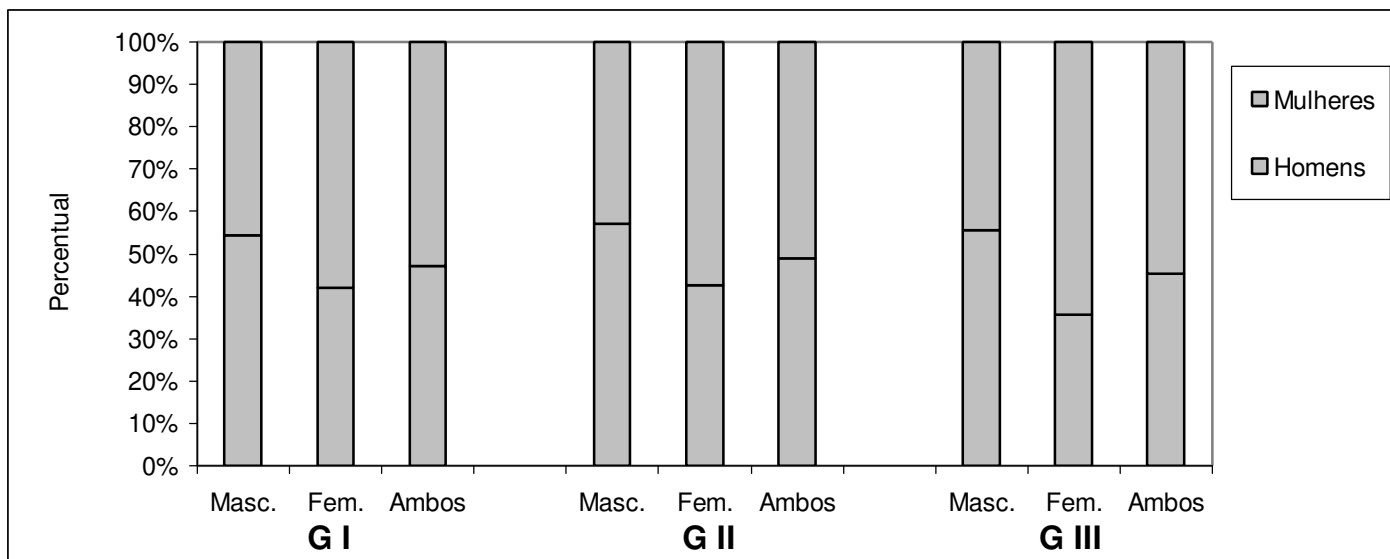


Figura 17. Porcentagem de homens e de mulheres da rede social, apontadas pelos sujeitos nos grupos GI(jovem), GII (meia idade) e GIII (idoso).

Natureza das relações sociais

Para efeito de análise da natureza das relações foram construídas quatro categorias: relações familiares, de amizade, de intimidade e outros tipos de relações, descritas anteriormente. Primeiro será feita uma análise dos resultados sobre o número total de sujeitos, de acordo com o gênero, depois será descrita a natureza das relações por grupo etário.

A Figura 18 mostra que pessoas da família foram as mais indicadas para compor a rede social do grupo de sujeitos entrevistados, sem diferença entre homens e mulheres. Depois foram citados amigos e relações de intimidade.



Figura 18 . Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e de outros tipos apontados pelos sujeitos.

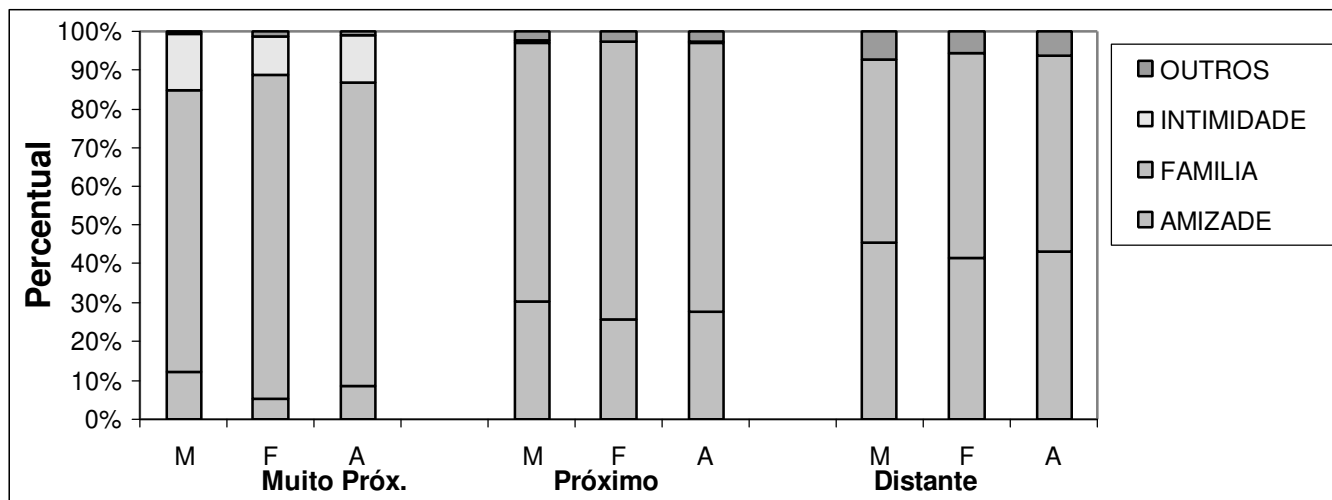


Figura 19. Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outras, distribuídas de acordo com o grau de proximidade afetiva muito próximo, próximo e distante, indicados pelos sujeitos (Masc. Fem e Ambos).

A análise da natureza das relações, de acordo com a proximidade afetiva, (Figura 19) mostra que as relações familiares estiveram presentes nos três graus de proximidade. Porém foram mais frequentemente citadas como muito próximas. É interessante observar que, nos três graus de proximidade afetiva, preponderaram familiares, independentemente do gênero dos sujeitos. As relações de intimidade foram descritas como muito próximas. As relações de amizade são mais frequentes nos níveis de maior distância afetiva, mas os amigos estão presentes em todos os níveis de proximidade afetiva.

Dentro dos três grupos de idade, predominaram relações familiares nos três graus de proximidade afetiva investigados. Na Figura 20, observa-se a natureza das relações apontadas pelos sujeitos jovens, os de meia idade e idosos. A amizade foi apontada com maior frequência pelos homens jovens. As relações íntimas estão todas no grau muito próximo afetivamente apontadas por homens e mulheres.

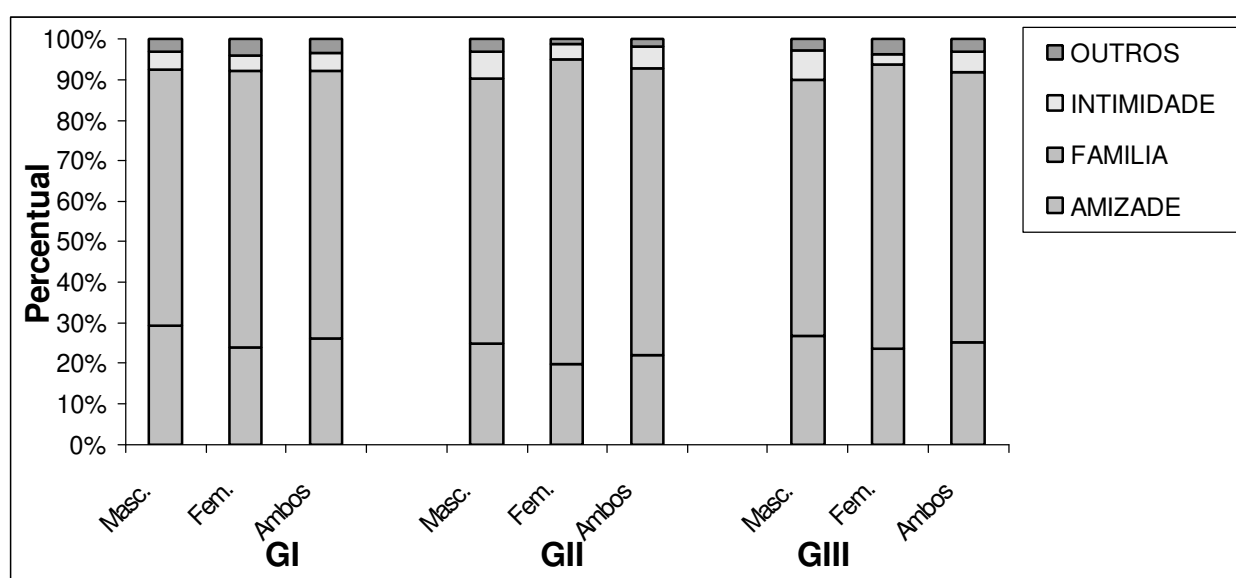


Figura 20. Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outras, da rede do grupo Jovem (GI), meia-idade (GII) e idosos (GIII), indicados pelos sujeitos (Masc., Fem. e Ambos).

As respostas do grupo de adultos de meia-idade também indicam as relações de natureza familiar como as preferenciais nos graus muito próximo e próximo, principalmente segundo as citações das mulheres. Amigos foram mais apontados no grau mais distante de afetividade, e as relações de intimidade muito próximas afetivamente.

As respostas do grupo de idosos apresentadas indicaram os familiares como afetivamente muito próximos e próximos e no grau mais distante, houve um equilíbrio entre amigos e família. Diferente do grupo de meia idade, as indicações de natureza de amizade foram dadas sem diferença entre homens e mulheres. As relações íntimas, como nos outros grupos, foram apontadas também pelos idosos como muito próximas afetivamente.

Os dados relativos à natureza das relações revelaram uma grande preferência pelos relacionamentos familiares nos três grupos etários, assim como indicaram que essas

relações são muito próximas afetivamente. Os homens indicaram mais amigos na sua rede social do que as mulheres.

Funções da rede de relações sociais

Foram investigadas três funções de apoio oferecidas pela rede social: emocional, instrumental e informativa. Os sujeitos identificaram uma pessoa para cada tipo de função. A seguir, para cada função, serão apresentados dados sobre as pessoas escolhidas segundo a idade, o gênero, a natureza e o grau de proximidade afetiva.

Apoio emocional

Do número total de sujeitos entrevistados, 67 responderam que não costumam trocar confidências com alguém ou procurar uma pessoa para apoio emocional. Quatro sujeitos disseram apoiar-se em Deus e 229 (124 mulheres e 105 homens) indicaram uma pessoa da sua rede social a quem recorrem quando necessitam de apoio emocional. Os dados que serão relatados referem-se às características das 229 indicações de pessoas (idade, gênero, natureza e grau de proximidade afetiva).

Idade e Gênero. O grupo como um todo apresentou tendência ligeiramente maior para citar pessoas da mesma idade. Essa tendência foi mais acentuada em homens. As mulheres indicaram pessoas mais novas (Figura 21).

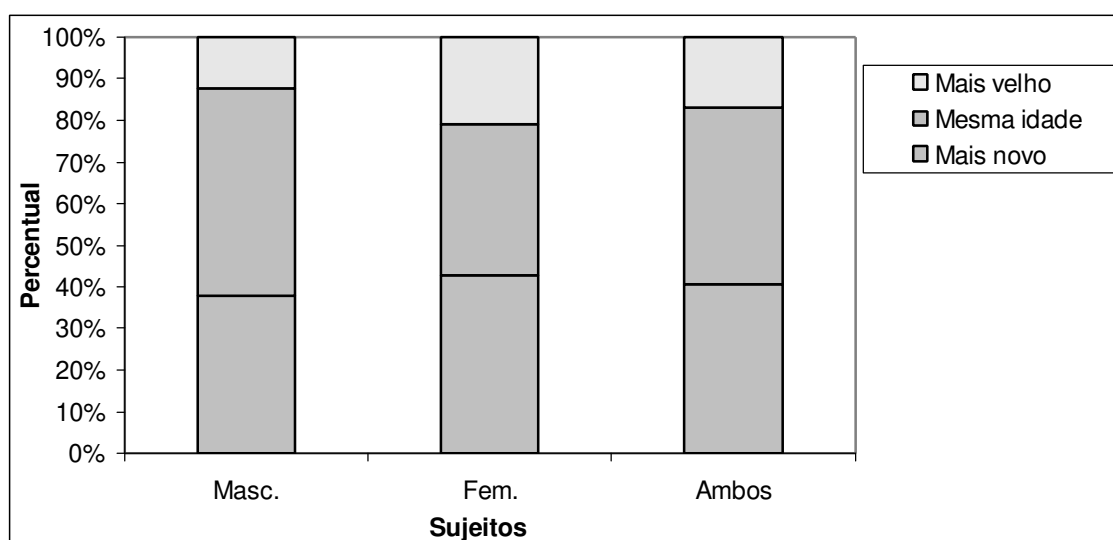


Figura 21. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas como fontes de apoio emocional

As mulheres foram majoritariamente citadas como fonte de apoio emocional pelo grupo como um todo e pelas próprias mulheres (ver Figura 22).

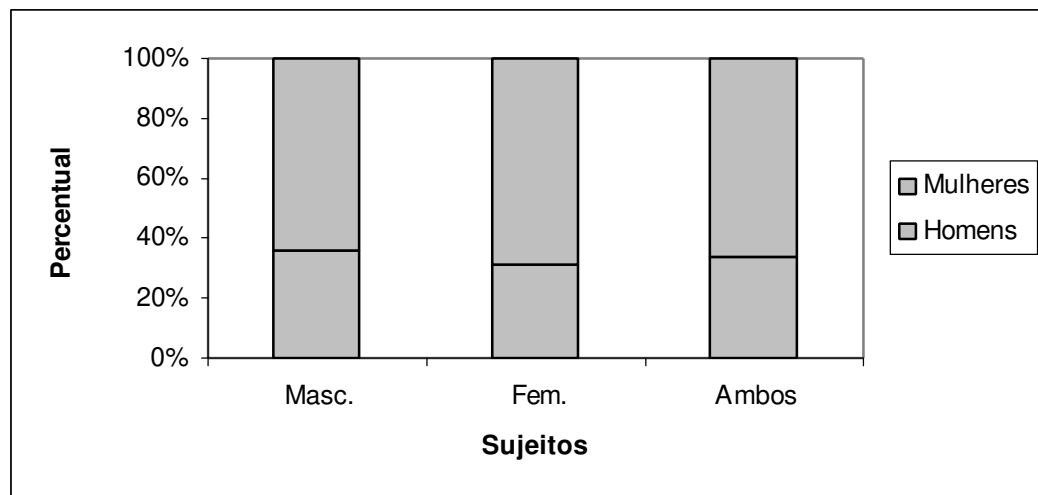


Figura 22. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto como fontes de apoio emocional.

Natureza e Proximidade afetiva. As pessoas da família foram apontadas como a principal fonte de apoio emocional pelas mulheres e pelo grupo como um todo. Relacionamentos íntimos foram mais citados por homens. A frequência de citações dessa natureza quase igualou a de amigos e familiares. (ver Figura 23). A grande maioria dos sujeitos, e entre eles notadamente os homens, apontou como muito próximas do ponto de vista afetivo, as pessoas que lhes ofereciam apoio emocional. As mulheres apontaram um número um pouco maior de pessoas afetivamente próximas, como sendo aquelas que lhes ofereciam apoio emocional. Muito poucos sujeitos relataram contar com apoio emocional proveniente de pessoas afetivamente mais distantes, como mostra a Figura 24.

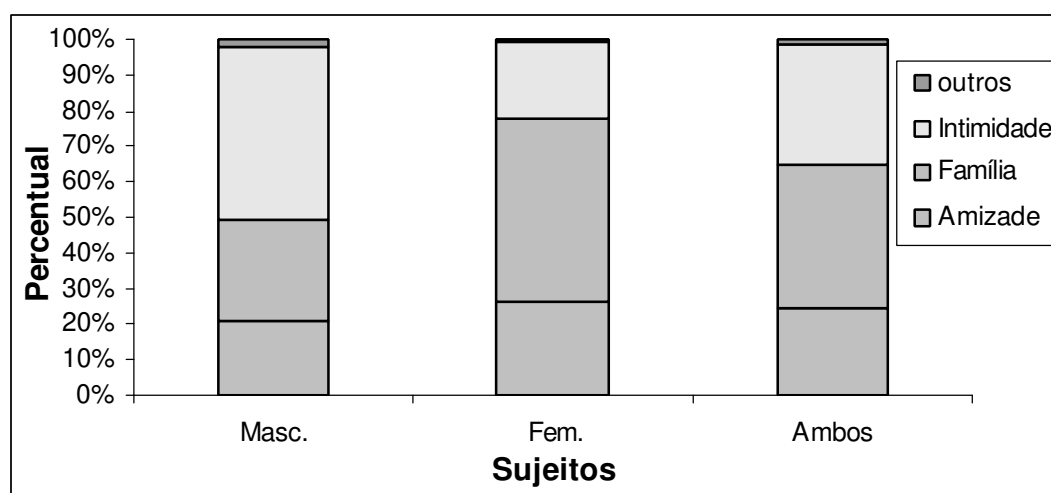


Figura 23. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram amigos, familiares, relacionamentos íntimos e outros tipos de relações como fontes de apoio emocional

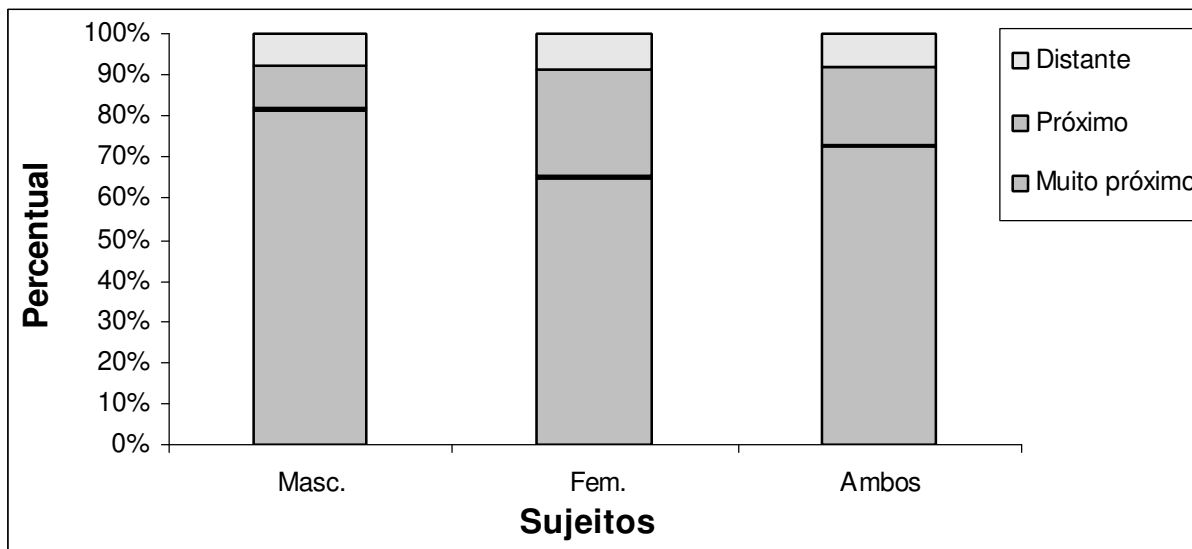


Figura 24. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas afetivamente muito próximas, próximas e distantes, como fontes de apoio emocional.

Os jovens tenderam mais a escolher pessoas da mesma idade como fontes de apoio emocional, enquanto os adultos de meia-idade preferiram pessoas mais novas ou da mesma idade. Já o grupo de idosos tendeu mais a apontar pessoas mais novas, bem como indicou poucas pessoas mais velhas como fonte de apoio emocional. Esses dados podem ser apreciados na Figura 25.

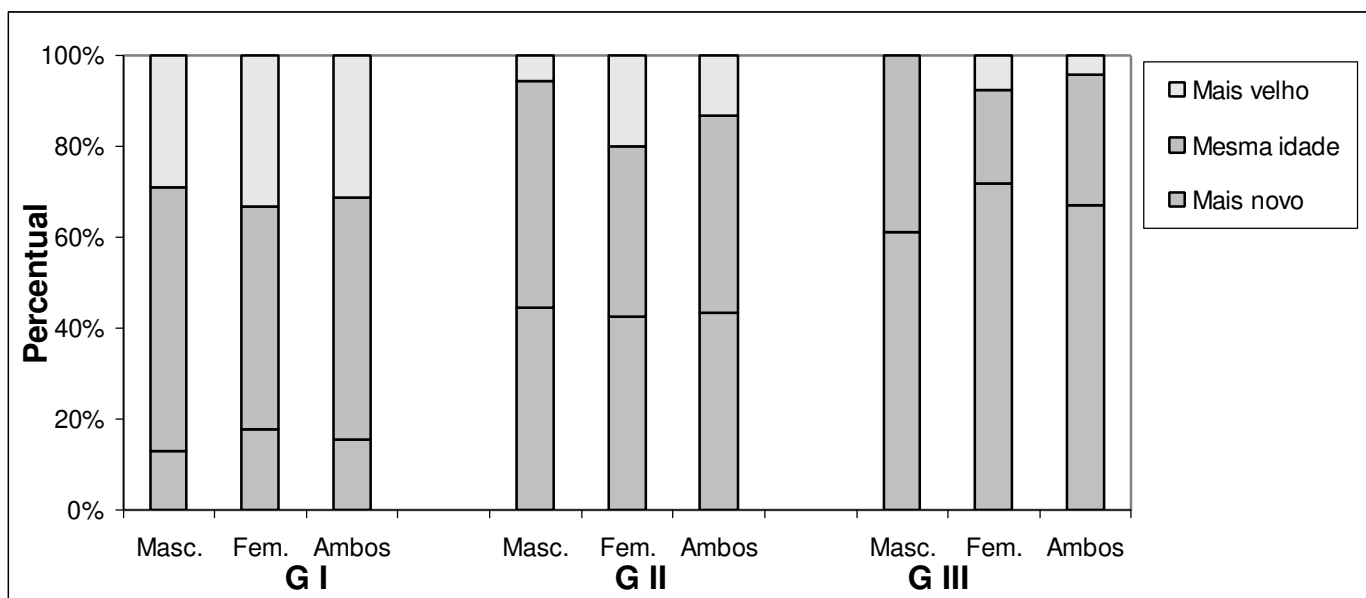


Figura 25. Porcentagem de pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas apontadas como fontes de apoio emocional pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).

No que se refere ao sexo das pessoas apontadas como fontes de apoio emocional, os grupos citaram mais mulheres do que homens. Houve diferença entre os grupos quanto às respostas dos homens de meia-idade, que indicaram muito mais mulheres do que homens, do que os homens jovens e idosos. (Figura 26).

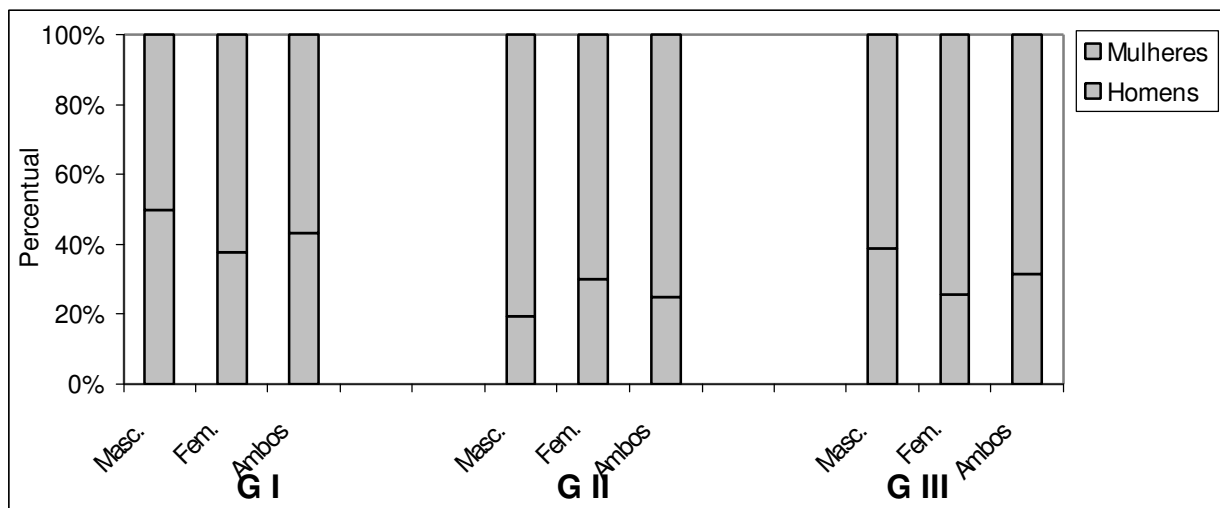


Figura 26. Porcentagem de homens e mulheres apontados como fontes de apoio emocional pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII), e pelos idosos (GIII).

Quanto à natureza das relações, existiu diferença de respostas entre os grupos de idade e sexo. Os homens jovens diferiram dos homens de meia-idade e dos homens idosos, já que tenderam a concentrar suas relações de apoio emocional em amigos, enquanto os homens de meia-idade e os idosos, nas relações de intimidade. No que se refere aos sujeitos do sexo feminino, não ocorreu diferença significativa entre as proporções de escolhas: as mulheres jovens apontaram familiares, amigos e relações íntimas; as mulheres de meia-idade e as idosas indicaram familiares, depois amigos, e por último relações íntimas. Porém, entre as idosas, a presença de familiares foi bem mais forte do que em todos os outros grupos (Figura 27).

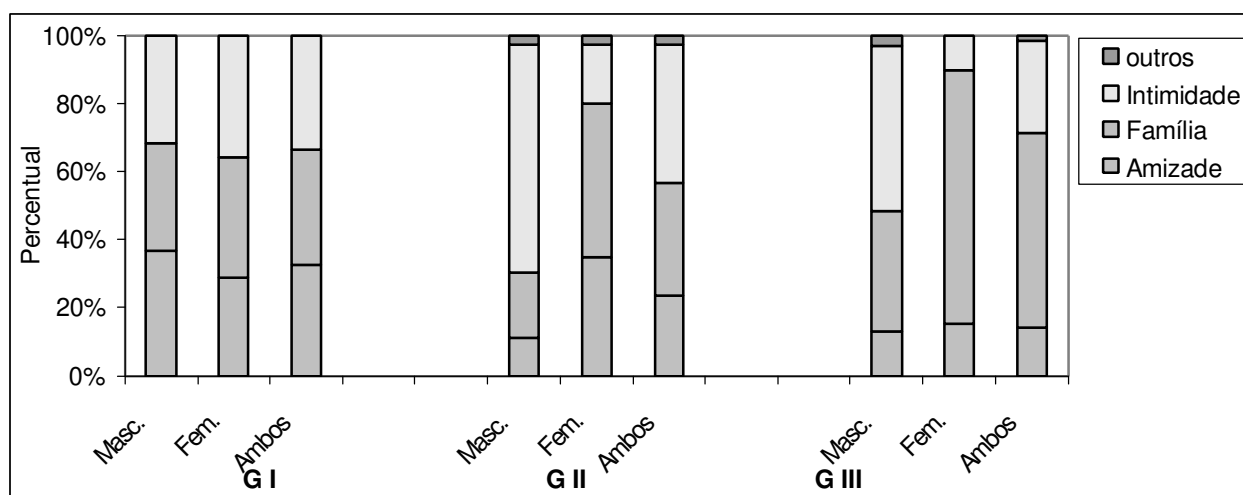


Figura 27. Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outros tipos de relações mencionados como fontes de apoio emocional pelos homens e mulheres jovens (GI), adultos de meia-idade (GII) e idosos (GIII).

O nível de proximidade afetiva atribuída às pessoas que exercem apoio emocional não foi diferente entre as mulheres. Nos três grupos de idade elas apontaram pessoas de muita proximidade afetiva, como mostra a Figura 28. Para os sujeitos do sexo masculino, existiu uma diferença em termos de proporção, os homens apontaram pessoas muito próximas, porém a proporção de citações pelos jovens foi menor e diferiu do grupo de meia-idade e dos idosos.

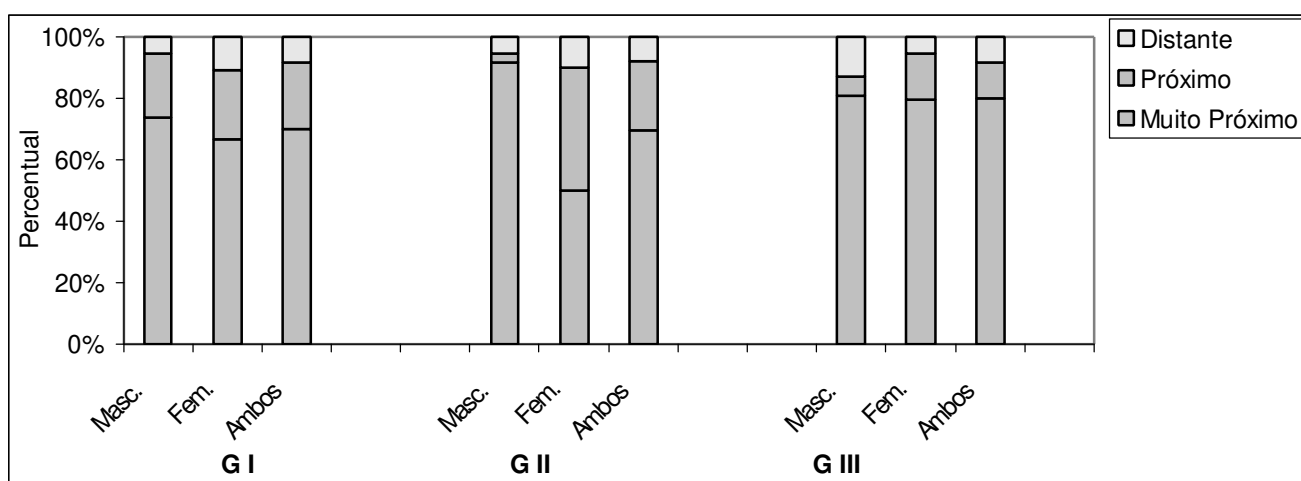


Figura 28. Percentual de pessoas segundo o grau de proximidade afetiva, apontadas para apoio emocional pelos sujeitos dos grupos: GI, GII e GIII.

Apoio Instrumental

A função de apoio instrumental é desempenhada por pessoas com quem se pode contar, por exemplo, quando se necessita de dinheiro, para ficar com os filhos, ou para acompanhar ao médico. No grupo como um todo, 29 sujeitos responderam ninguém (não costumam pedir ajuda); dois sujeitos responderam que pedem ajuda a todos; um não respondeu e 267 sujeitos (133 masculinos e 134 femininos) indicaram fontes de apoio, que analisaremos a seguir.

Idade e Gênero. Quase a metade dos homens e mulheres da amostra total apontaram pessoas mais novas (42%) para a função de apoio instrumental. Os demais (cerca de 58%) dividiram-se em apontar pessoas mais velhas e da mesma idade. Entre as mulheres houve um número um pouco maior de indicações de pessoas mais velhas do que entre os homens e do que de pessoas da mesma idade (Figura 29). Com relação ao gênero, tanto na amostra como um todo como para os homens e as mulheres em separado, as mulheres foram mais citadas como fontes de ajuda instrumental, sendo essa preferência um pouco mais acentuada para os sujeitos masculinos (Figura 30).

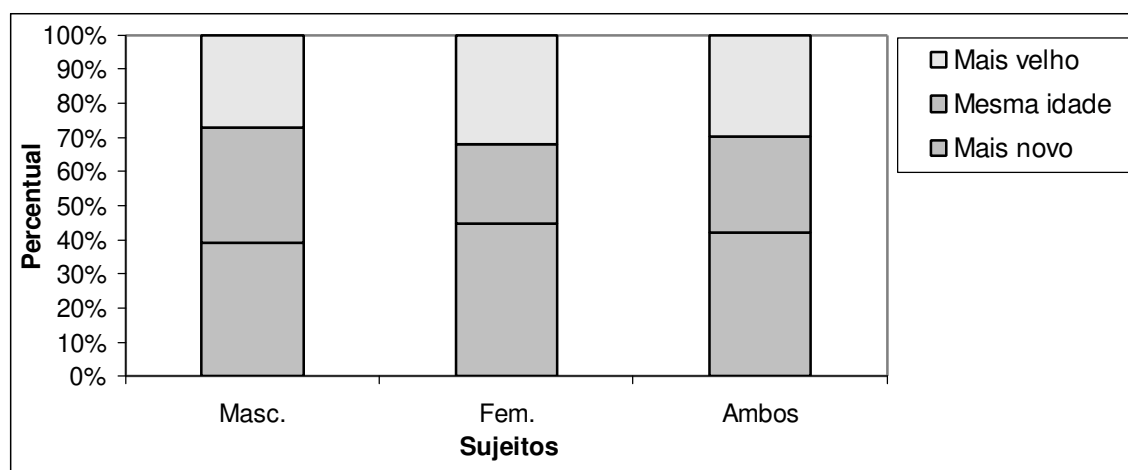


Figura 29. Porcentagens de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas como fonte de apoio instrumental.

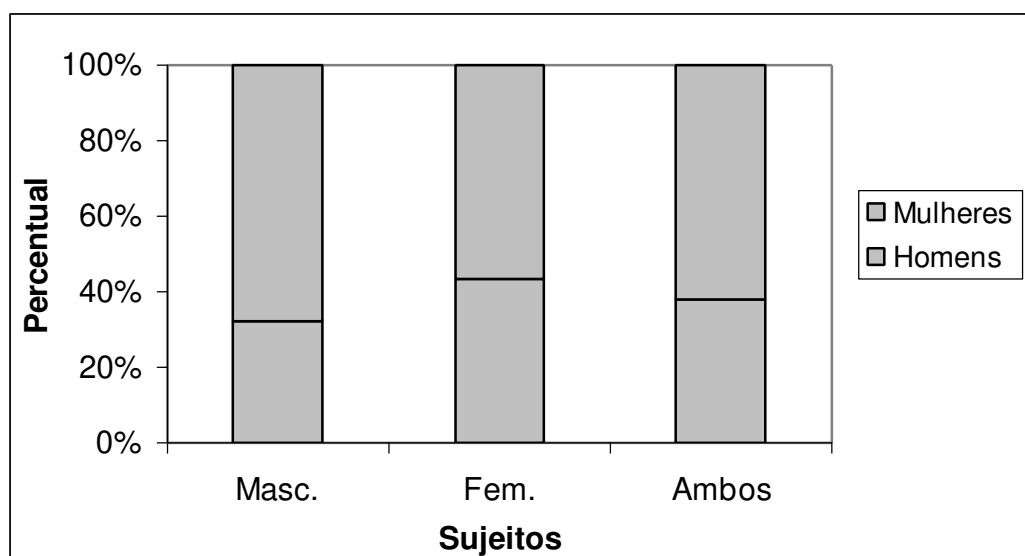


Figura 30. Porcentagem de homens e mulheres que apontam pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto como fontes de apoio instrumental.

Natureza e Proximidade afetiva. A Figura 31 mostra que para homens e mulheres, o apoio instrumental provém principalmente de pessoas da família, mas, para quase metade dos homens, de relacionamentos íntimos. Poucos encontram em amigos a ajuda instrumental de que precisam e, entre esses, as mulheres são mais numerosas. Foram também as mulheres que disseram derivar apoio instrumental de outros tipos de relações sociais, por exemplo: ex-marido, ex-sogra.

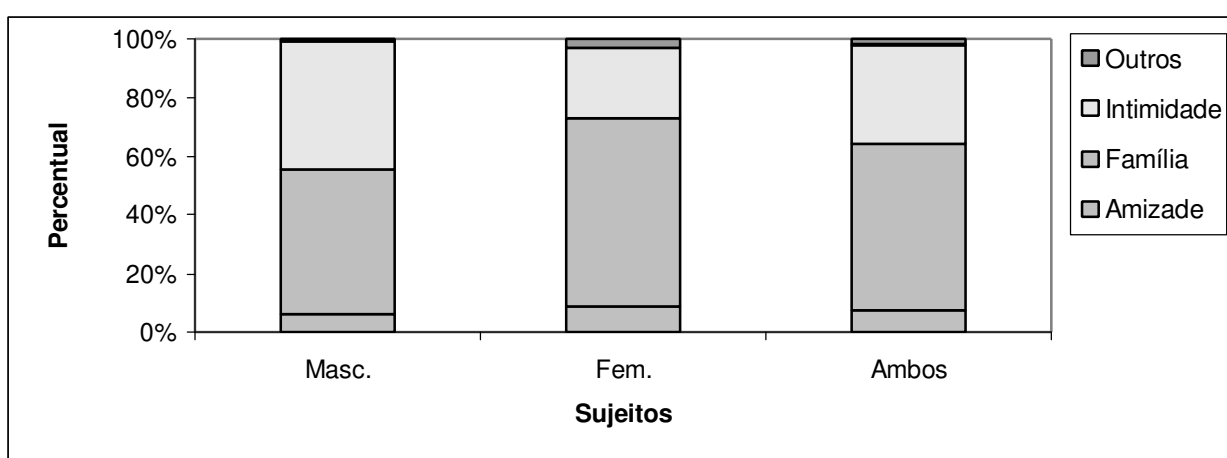


Figura 31. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram amigos, familiares, relacionamentos íntimos e outros tipos de relações como fontes de apoio instrumental..

Para a quase totalidade dos sujeitos de ambos os sexos essas pessoas que dão ajuda instrumental foram classificadas como muito próximas afetivamente (Figura 32). Os homens e mulheres também apresentaram porcentagens comparáveis de respostas indicativas de que essas pessoas pertencem a um grau intermediário de proximidade afetiva. Número menor e comparável nos dois grupos descreveram-nas como afetivamente distantes.

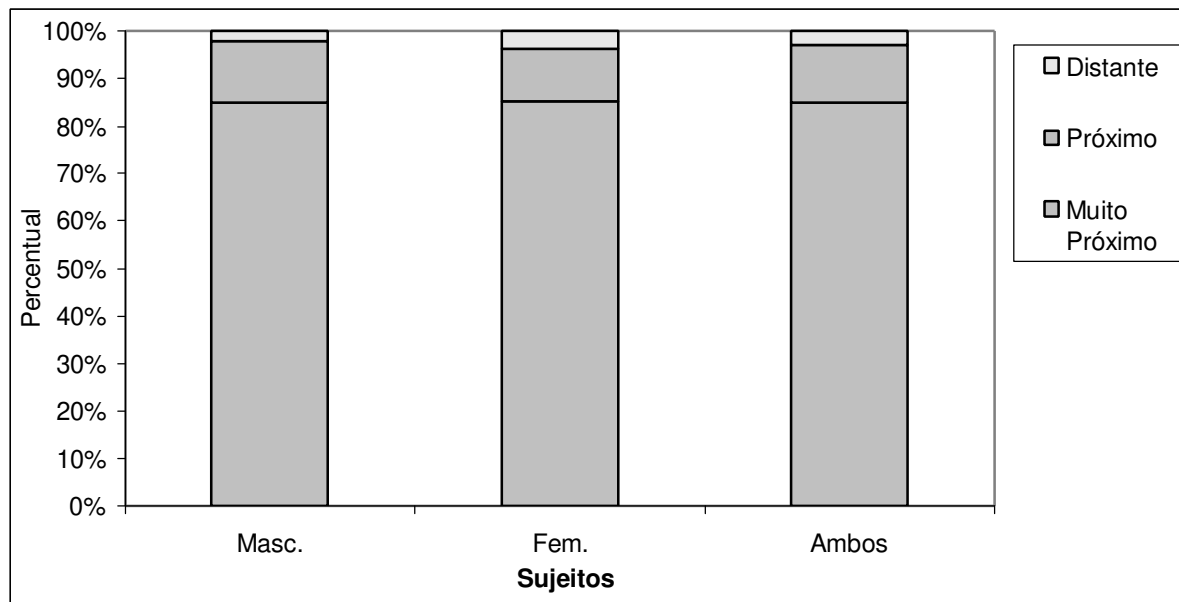


Figura 32. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas afetivamente muito próximas, próximas e distantes como fonte de apoio instrumental.

Idade e Gênero.

Comparando-se os grupos etários entre si quanto à idade das pessoas que oferecem apoio instrumental, observam-se algumas peculiaridades. Os homens e mulheres jovens apontaram um número maior de pessoas mais velhas, enquanto que os idosos indicaram mais pessoas mais novas e os adultos de meia idade citaram mais pessoas da mesma idade. Entre os de meia idade e entre os idosos, a despeito da tendência notada, as mulheres escolhem, mais do que os homens, pessoas mais novas (Figura 33). Como ocorreu com o apoio emocional, as mulheres foram mais apontadas tanto por homens quanto por mulheres, independente da idade, como fontes de apoio instrumental (Figura 34).

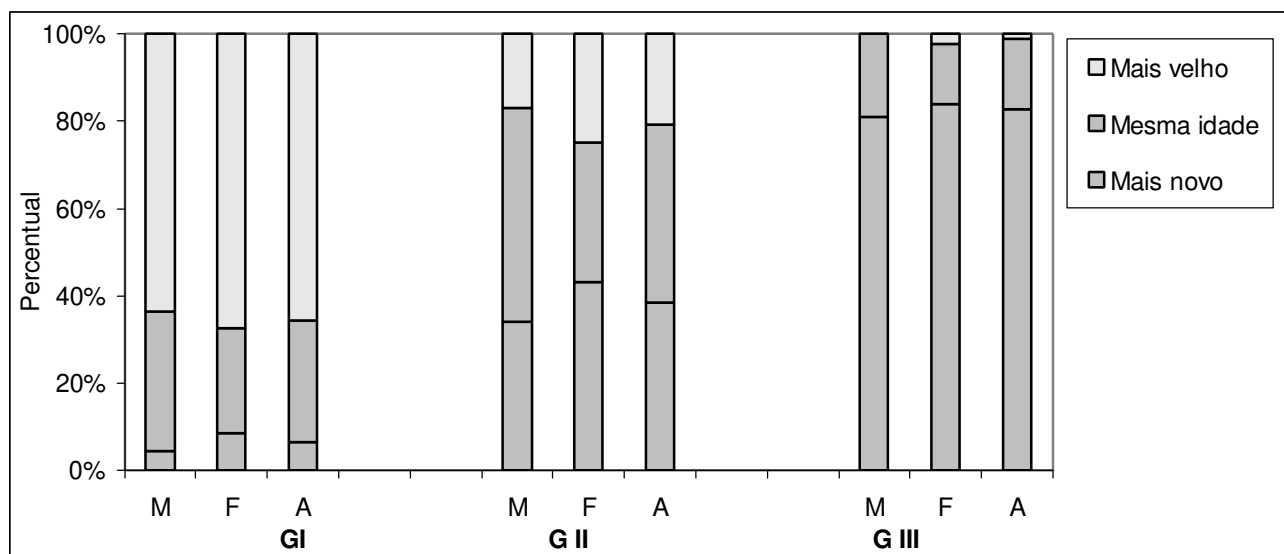


Figura 33. Percentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas como fonte de apoio instrumental pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).

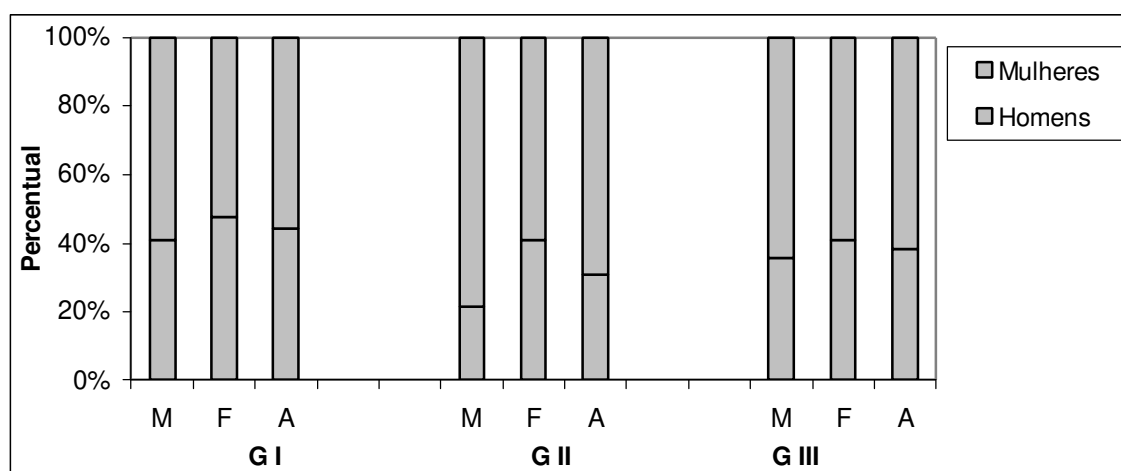


Figura 34. Percentagem de homens e mulheres apontados como fontes de apoio instrumental pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).

Natureza e Proximidade afetiva.

Houve diferenças entre os grupos de idade quanto à natureza das relações com as pessoas indicadas como fontes de apoio instrumental. Essas diferenças podem ser observadas na Figura 35. Os jovens indicaram pessoas da família, enquanto os adultos de meia-idade concentraram suas respostas em relações de intimidade, mas as mulheres ainda apontaram mais pessoas da família. Os idosos, principalmente as mulheres, citaram pessoas da família como fornecedoras de apoio instrumental.

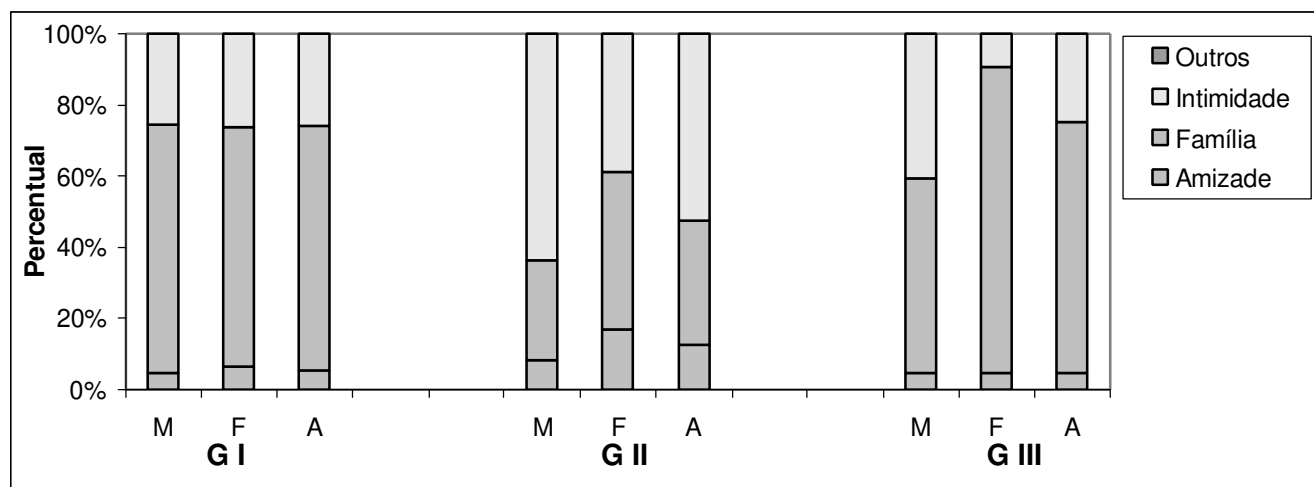


Figura 35. Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outros tipos de relações mencionados como fontes de apoio instrumental pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII).

Não houve evidência de diferença nem entre grupos nem entre os sexos dos sujeitos, no que se refere ao grau de proximidade afetiva das pessoas que exercem apoio instrumental. Os sujeitos indicaram principalmente pessoas muito próximas afetivamente. Um pequeno número indicou pessoas importantes mas menos próximas e pessoas distantes (Figura 36).

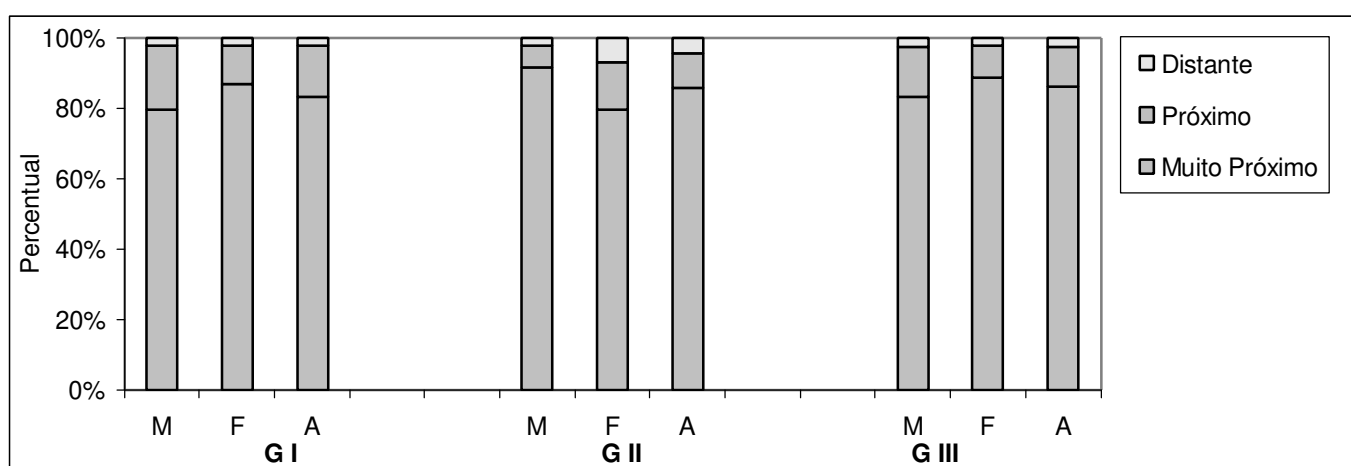


Figura 36. Porcentagem de pessoas que oferecem apoio instrumental apontadas como afetivamente muito próximas, próximas e distantes pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII).

Apoio Informativo

A função de apoio informativo diz respeito à troca abrangente de conhecimentos e de informações sobre o contexto físico e social, envolvendo interações atuais, passadas e prospectivas. Assim, foi solicitado aos sujeitos que apontassem pessoas da sua rede social

com quem costumam discutir quaisquer assuntos e cujas opiniões levam em conta. Na amostra total, 21 sujeitos responderam ninguém, 12 disseram que recebem informações de livros ou pessoas da mídia televisiva, jornalistas, ou pessoas famosas, duas não responderam e 265 apontaram pessoas da sua rede social.

As 265 pessoas apontadas pelos sujeitos (137 apontadas por mulheres e 128 apontadas por homens) serão analisadas, segundo a idade, gênero, natureza da relação e grau de proximidade afetiva, primeiro com relação ao número total de sujeitos, depois por grupo de idade.

Idade e Gênero. Para quase metade da amostra, as pessoas das quais os sujeitos esperam derivar apoio informativo são mais novas do que eles, mas a outra metade privilegiou os da mesma idade. Cerca de 20% dos homens e mulheres apontaram pessoas mais velhas como fontes de apoio informativo (Figura 37). Os sujeitos tenderam a apontar pessoas do mesmo sexo como fontes de apoio informativo, ou seja, as mulheres citaram mais mulheres e os homens, diferentemente do que estavam respondendo sobre os suportes emocional e instrumental, citam mais homens para troca de informações, como mostra a Figura 38.

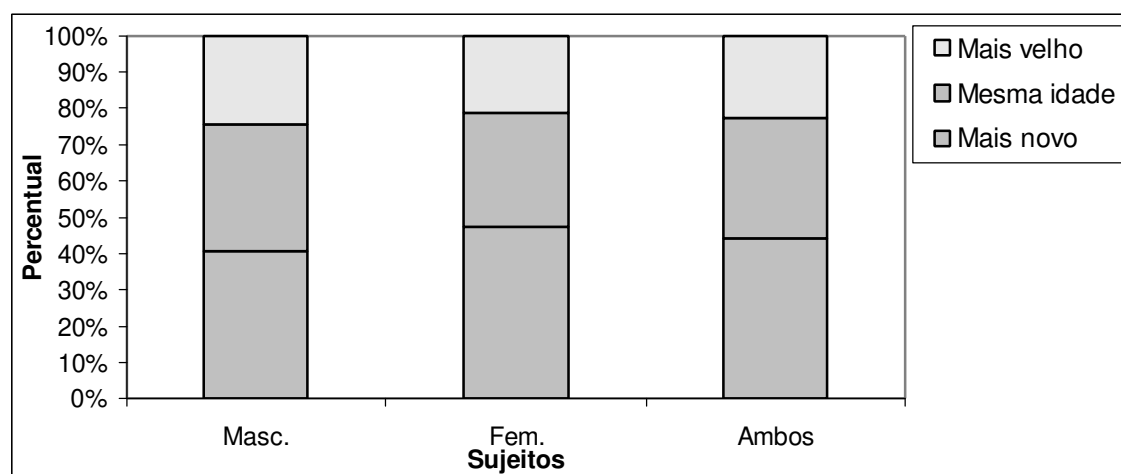


Figura 37. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas mais novas, da mesma idade e mais velhas como fontes de apoio informativo.

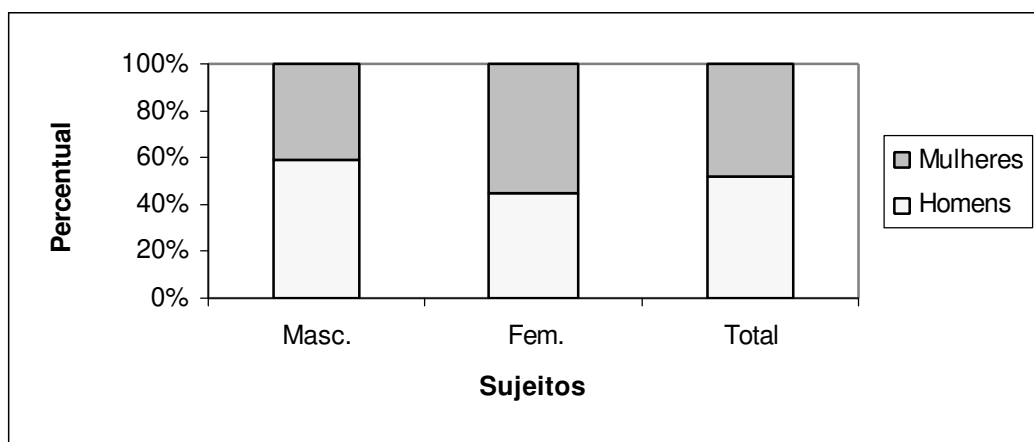


Figura 38. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas do mesmo sexo e sexo oposto como fonte de apoio informativo.

Natureza e Proximidade afetiva. As pessoas que dão apoio informativo estão principalmente na família e tanto os homens como as mulheres as consideram como afetivamente muito próximas, como se pode observar nas Figuras 39 e 40. Os homens tendem a indicar mais relações íntimas e as mulheres, relações familiares. Cerca de 60% dos homens e 70% das mulheres categorizaram essas relações como afetivamente muito próximas. Apenas uma cifra de 10% de homens e mulheres descreveram-nas como afetivamente distantes.

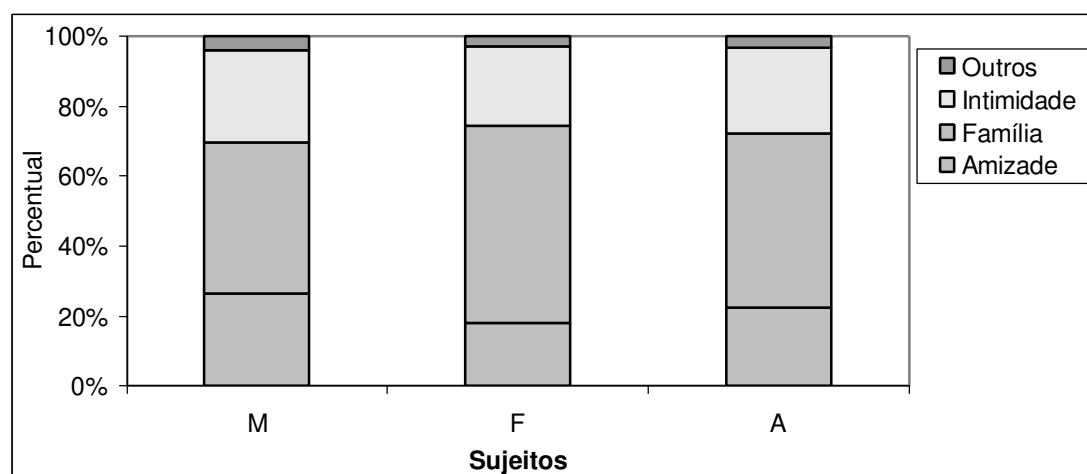


Figura 39. Porcentagem de homens e mulheres que apontam amigos, familiares, relacionamentos íntimos e outros tipos de relações como fontes de apoio informativo.

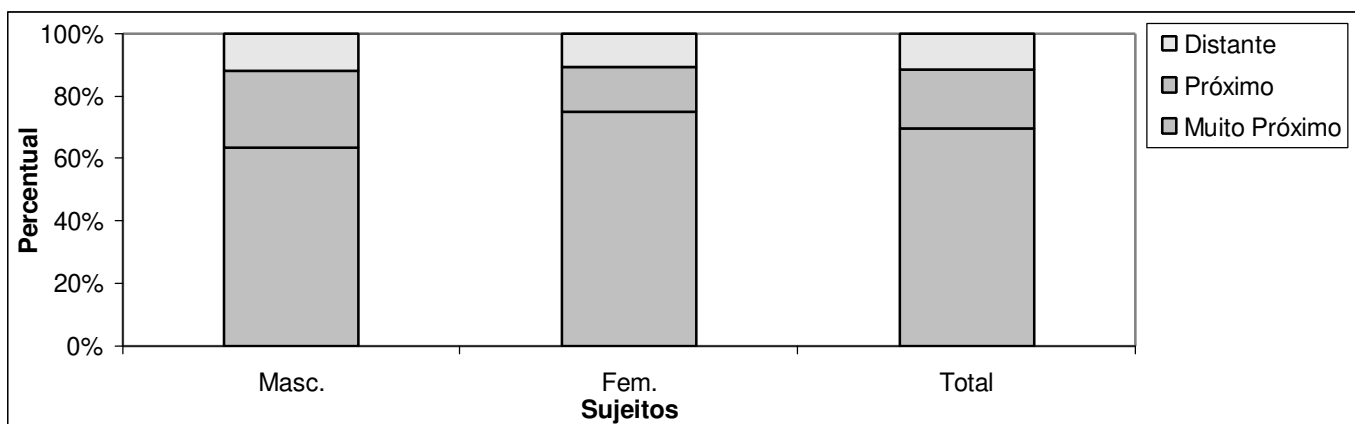


Figura 40. Porcentagem de homens e mulheres que apontaram pessoas afetivamente muito próximas, próximas e distantes como fontes de apoio informativo.

Idade e Gênero.

A análise estatística mostrou que os três grupos etários se comportaram de forma diferente quanto à idade das pessoas que indicaram como fontes de apoio informativo. Os homens jovens preferiram pessoas mais velhas para trocar informações, e entre as mulheres desse grupo, houve uma proporção equilibrada de menções de pessoas da mesma idade e mais velhas. Os idosos foram os que mais citaram pessoas mais novas como fontes de apoio informativo, seguidos dos de meia idade. No grupo de meia idade, as mulheres superaram os homens quanto às indicações de pessoas mais novas (Figura 41).

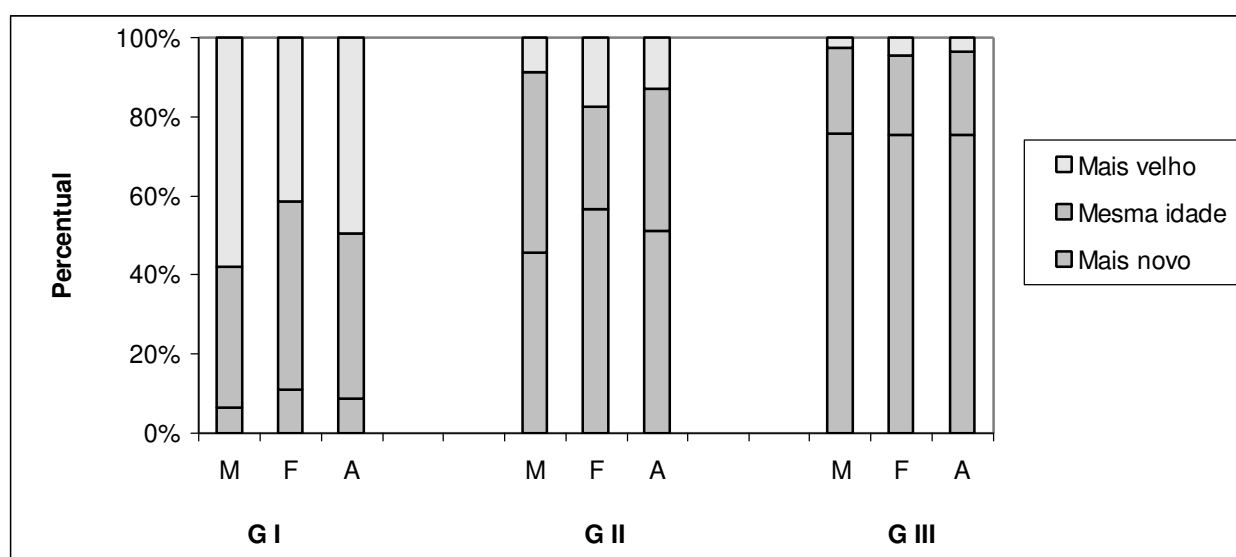


Figura 41. Porcentagem de pessoas mais novas, mesma idade e mais velhas apontadas como fontes de apoio informativo pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII), e pelos idosos (GIII).

Existiu diferença entre as porcentagens das respostas sobre o gênero das pessoas indicadas entre os grupos. A Figura 42 mostra que os jovens citaram mais homens para apoio informativo. Os de meia-idade e os idosos apresentaram um equilíbrio maior na escolha de homens e mulheres(em comparação ao apoio emocional e instrumental) e uma tendência de apontar pessoas do mesmo gênero para apoio informativo.

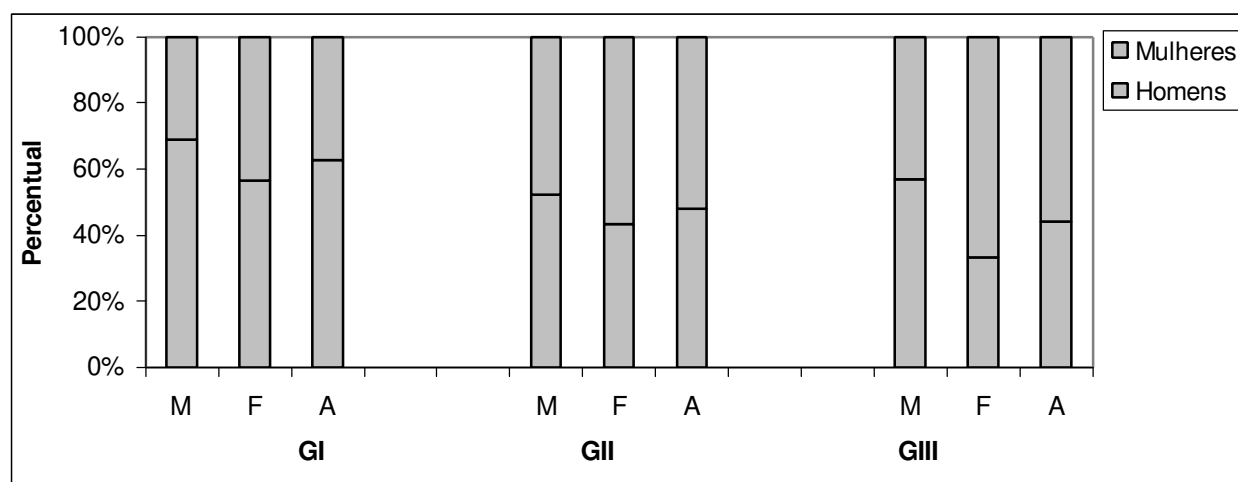


Figura 42. Porcentagem de homens e mulheres apontadas como fontes de apoio informativo pelos jovens (GI), pelos adultos de meia-idade (GII) e pelos idosos (GIII).

Natureza e Proximidade afetiva.

Quanto à natureza das relações das pessoas apontadas para a função de apoio informativo, foram encontradas diferenças entre os grupos e entre o gênero dos sujeitos. Os homens jovens escolheram pessoas das relações familiares, seguidas das relações de amizade; os de meia idade preferiram relações de intimidade e familiares, e os idosos as relações familiares e de intimidade. Sujeitos do gênero feminino também têm diferenças entre os grupos: as mulheres jovens, em igual proporção, citaram pessoas de relações familiares e íntimas. As de meia idade e as idosas citaram pessoas das relações familiares (Figura 43).

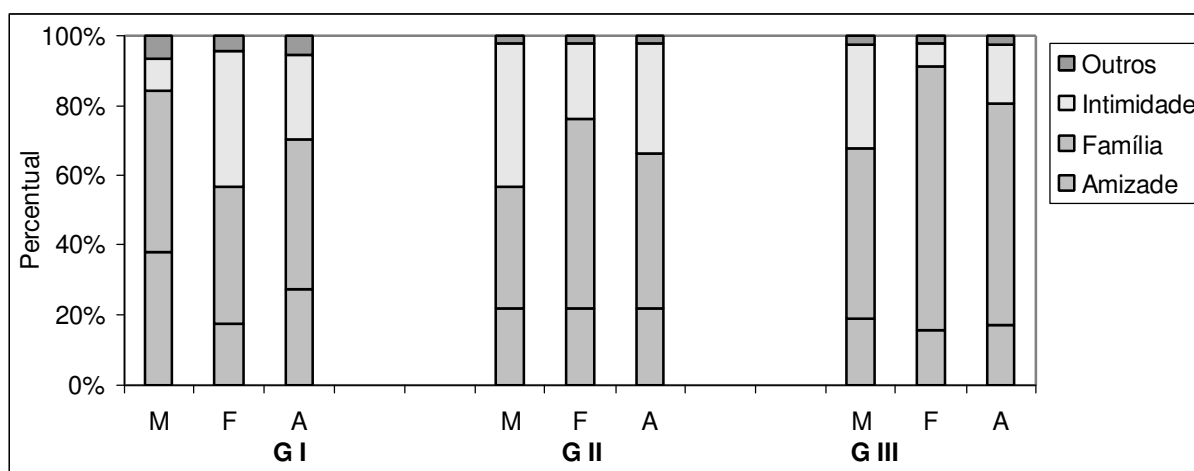


Figura 43. Porcentagem de amigos, familiares, relações de intimidade e outros tipos de relações mencionados como fontes de apoio informativo pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII).

Considerando os dados sobre o grau de proximidade afetiva das pessoas apontadas pelos sujeitos, não houve evidência de diferença significativa nem por idade nem por gênero dos sujeitos, pois todos os grupos apontaram muita proximidade afetiva para com as pessoas que indicaram exercer a função de apoio informativo (Figura 44).

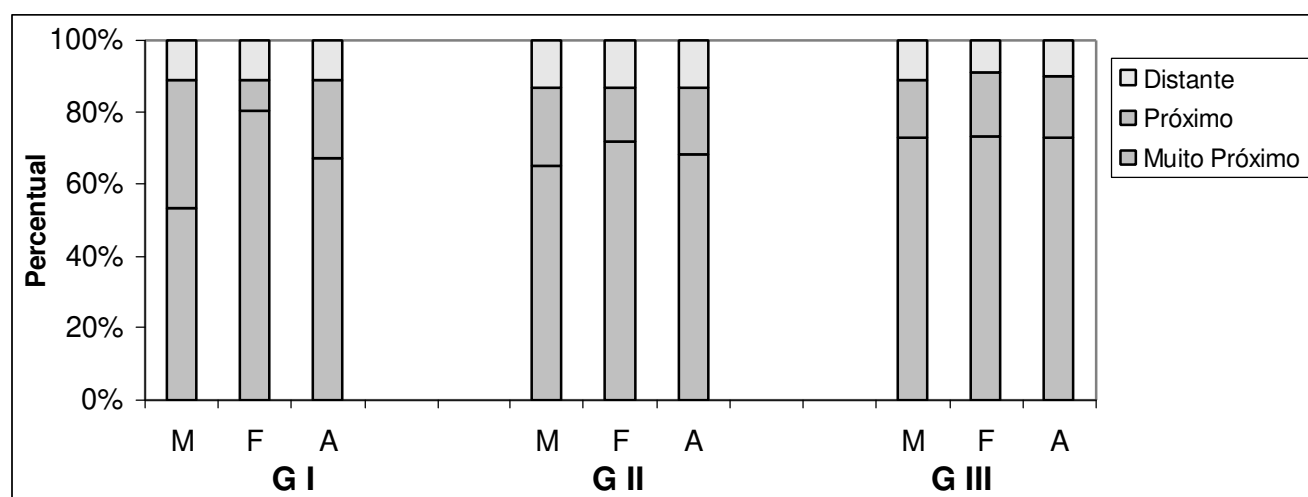


Figura 44. Porcentagem de pessoas que oferecem apoio informativo apontadas como afetivamente muito próximas, próximas e distantes pelos homens e mulheres jovens (GI), de meia-idade (GII) e idosos (GIII).

Satisfação relatada com a rede de relações sociais

A opinião dos sujeitos sobre sua satisfação com a rede de relações sociais foi categorizada, utilizando-se a terminologia: pouca, mais ou menos, e muita satisfação. Os sujeitos foram convidados a dizer qual o seu grau de satisfação com o número de pessoas da rede; com sua rede em comparação à de outras pessoas de sua idade; e a dizer também qual o grau de satisfação global com a sua rede atual.

Satisfação com o número de pessoas na rede social. Os sujeitos entrevistados relataram alta satisfação com o número de pessoas de sua rede social. Menos de 20% dos sujeitos indicaram satisfação moderada e menos de 5% indicaram baixa satisfação (Figura 45). Houve diferença significativa entre os grupos I e III ($p=0.0082$), ou seja, os idosos relataram satisfação alta em percentagem maior que os jovens e que os de meia idade (Figura 46).

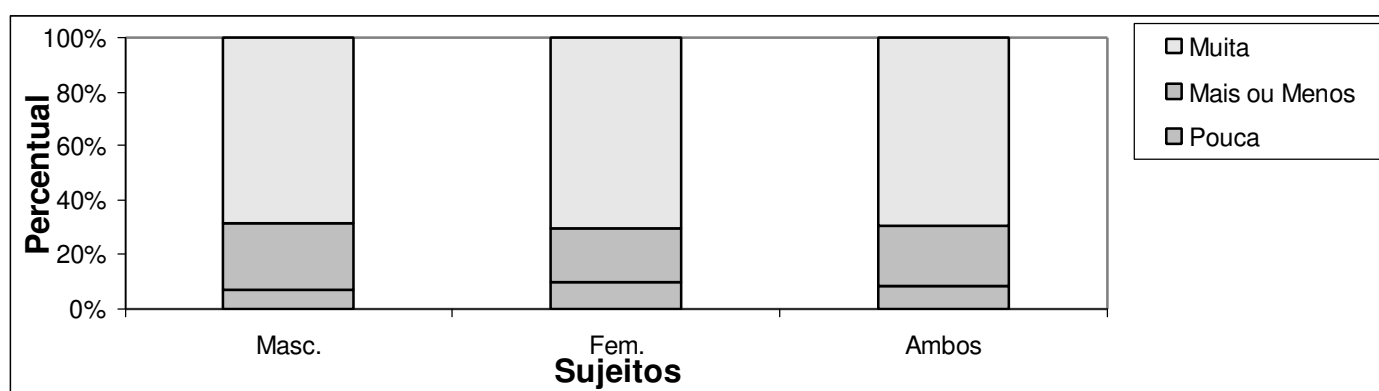


Figura 45. Porcentagem de homens e mulheres que indicaram muita, mais ou menos e pouca satisfação com relação ao tamanho da sua rede de relações sociais.

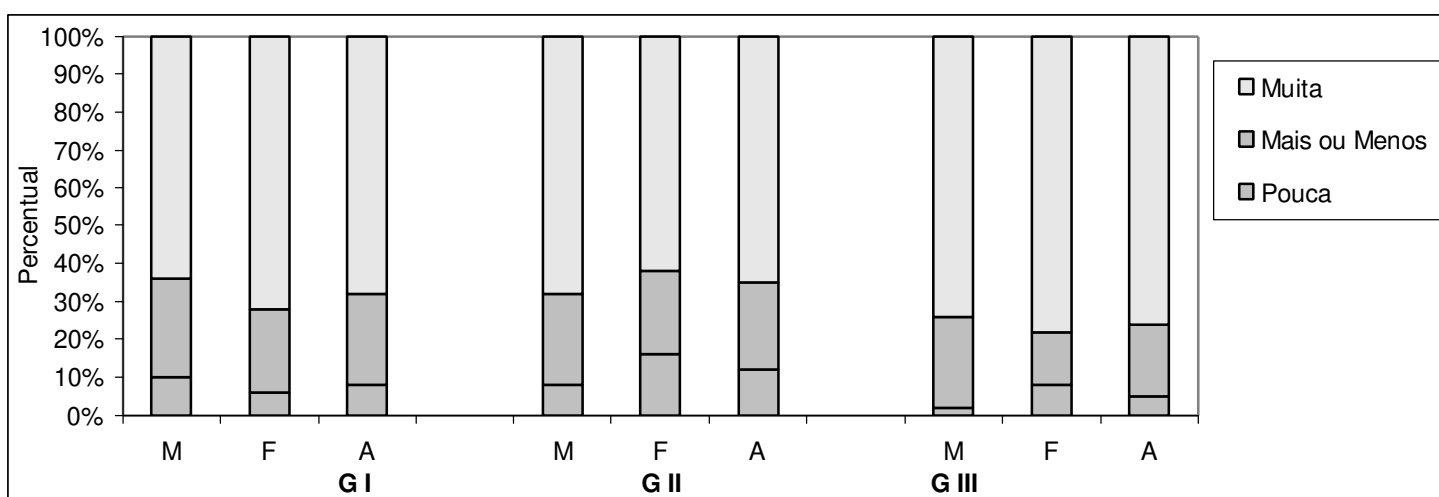


Figura 46. Porcentagem de sujeitos masculinos e femininos jovens (GI), meia-idade (GII) e idosos (GIII) que indicaram muita, mais ou menos e pouca satisfação com o tamanho da sua rede de relações sociais.

Satisfação com a rede social comparada com a de outras pessoas.. Quando os sujeitos compararam a própria rede com a rede de pessoas da mesma idade, disseram estar muito satisfeitos. Não houve diferença entre homens e mulheres ($p=0.1298$) nem entre os grupos de idade ($p=0.8827$), quanto às ocorrências de alta satisfação com a rede, quando comparada à de outros da mesma idade. Porém, mais mulheres se disseram muito satisfeitas e mais homens se declararam moderadamente satisfeitos (Figuras 47 e 48)

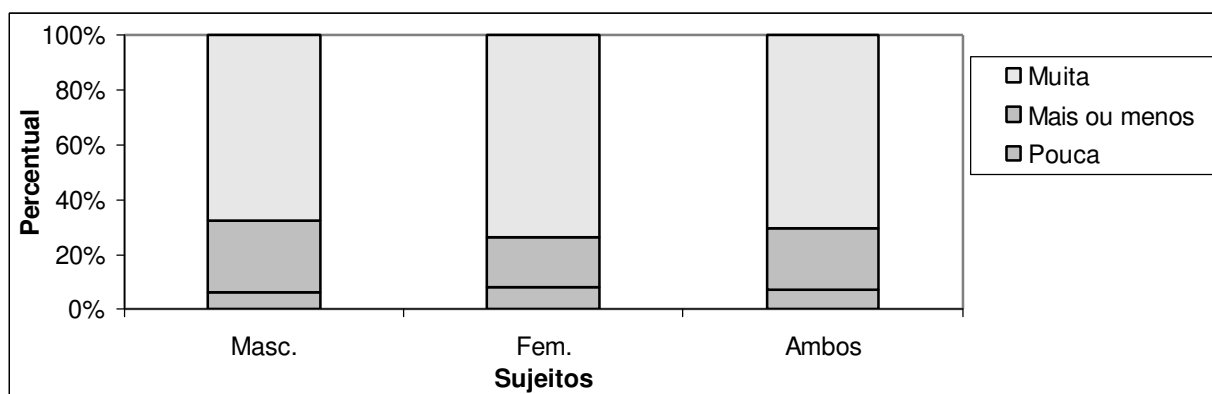


Figura 47. Porcentagem de homens e mulheres que indicaram estar muito, moderadamente e pouco satisfeitos com sua rede social, em comparação com a de outras pessoas da mesma idade.

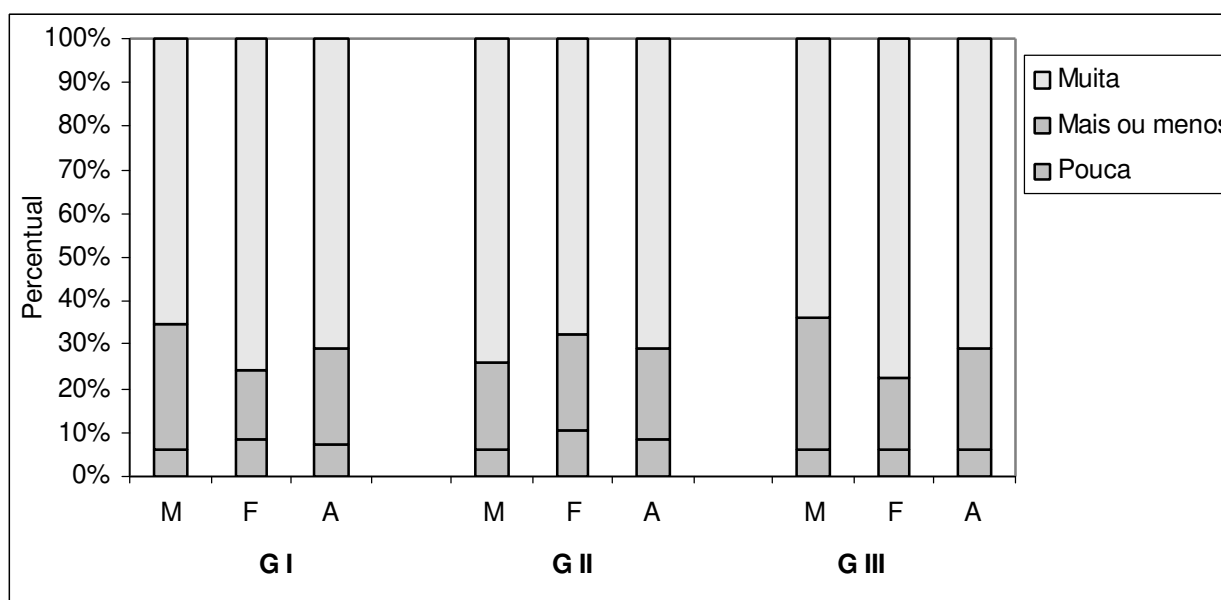


Figura 48. Porcentagem de homens e mulheres do GI (jovens), do GII (meia-idade) e do GIII (idosos), que indicaram alta, moderada e baixa satisfação com a sua rede social, em comparação com a de outras pessoas da mesma idade.

Satisfação com a rede social atual. Os sujeitos relataram muita satisfação com a rede social atual. Não houve evidência de diferença entre homens e mulheres($p=0.1599$) e nem entre os grupos de idade ($p=0.8069$), mas as avaliações de alta satisfação preponderaram sobre as de baixa e moderada satisfação, nos grupos de sexo e de idade (Figura 49 e 50).

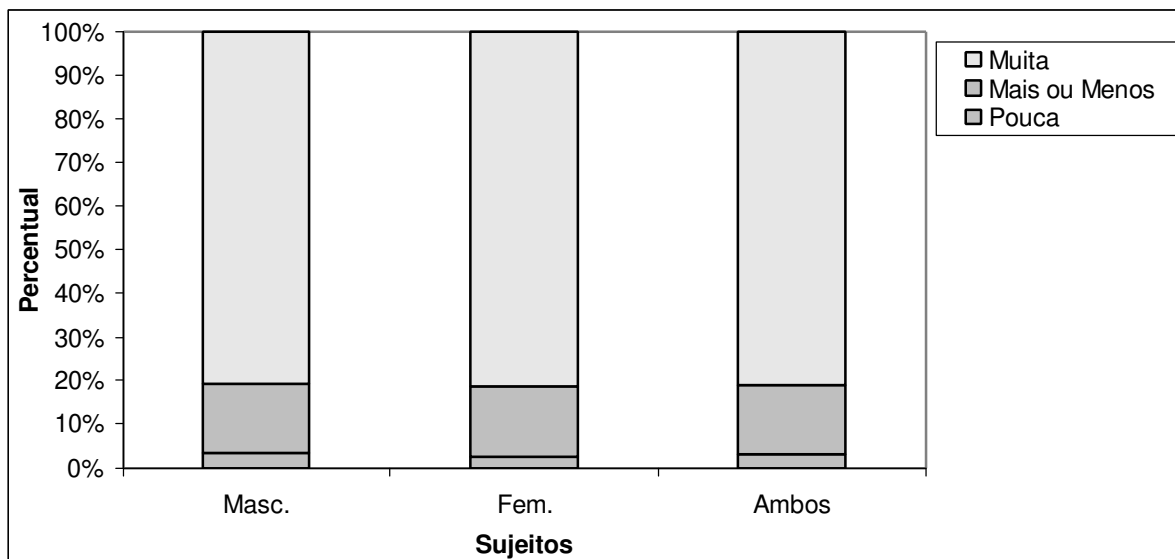


Figura 49. Porcentagem de homens e de mulheres que indicaram alta, moderada e baixa satisfação global com a sua rede social atual.

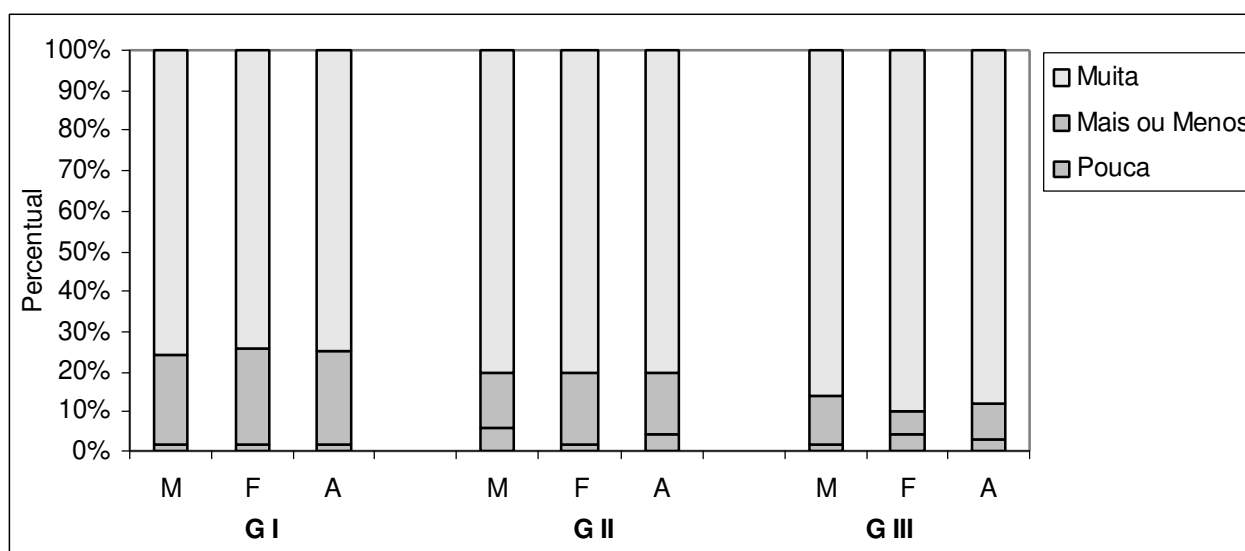


Figura 50. Porcentagem de homens e mulheres jovens (GI), na meia-idade (GII) e idosos (GIII) que indicaram alta, moderada e baixa satisfação global com sua rede atual de relações sociais.

Comparações Intra e Intergrupos

Neste tópico será descrita a configuração da rede de relacionamentos sociais dos grupos etários e de gênero investigados e apresentados os resultados dos testes estatísticos relativos a essas comparações.

Grupo I - Jovens - 25 a 35 anos -

Configuração da rede social

O Grupo de jovens constrói sua rede social com 19 pessoas em média, distribuídas igualmente nos três graus de proximidade afetiva, sendo a maioria mulheres, pessoas mais velhas e do núcleo familiar.

- ?? Os jovens colocaram em média 19 pessoas distribuídas no diagrama da rede social. Houve diferença significativa entre homens e mulheres, quanto ao número de membros da rede. As mulheres colocaram um número maior de pessoas (22) que os homens (16). Porém ambos distribuíram as pessoas de maneira igualitária entre os três graus de proximidade afetiva.
- ?? A rede social dos jovens é formada por pessoas mais velhas. Houve diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres no que se refere à citação de pessoas da mesma idade. Os homens citaram mais pessoas da mesma idade e as mulheres citaram mais pessoas mais novas.
- ?? Existiu diferença estatisticamente significativa entre as respostas sobre o gênero das pessoas da rede social. Os homens jovens apontaram mais homens e as mulheres citaram mais mulheres.
- ?? As relações predominantes são de natureza familiar e de amizade.

Apoio emocional

- ?? Foram citadas pessoas da mesma idade, preferencialmente mulheres, muito próximas afetivamente e que são parte das relações familiares (mãe, irmã). Também citaram pessoas das relações de amizade e intimidade, que foram mais apontadas como as pessoas que os jovens escolhem para confidenciar ou quando querem conversar sobre assuntos pessoais.

Apoio instrumental

?? apoio instrumental para o grupo jovem é exercido preferencialmente por pessoas mais velhas, mulheres e familiares (mãe, irmã, sogra), apontadas como muito próximas afetivamente.

Apoio informativo

?? Para a função de apoio informativo, os jovens citaram mais homens, mais velhos, de natureza familiar (pai, irmãos, cunhado, tio) e de relações de intimidade (marido, noivo), colocados como muito próximos afetivamente.

?? Houve diferença significativa entre homens e mulheres no que se refere a natureza das respostas: os homens escolheram mais familiares e amigos, enquanto as mulheres escolheram os maridos e/ou noivos e pessoas da família.

Não foram encontradas diferenças entre frequências de citações de familiares, amigos e relações de intimidade como fontes de apoios entre os jovens. Exceção foi o apoio informativo em que os homens apontaram mais familiares e amigos, enquanto que as mulheres indicaram mais pessoas de suas relações de intimidade e familiares.

Satisfação

?? Os jovens relataram muita satisfação com o número de pessoas da rede social, quando comparada com a rede de outras pessoas da mesma idade e com a rede social atual, quando comparada com a rede anterior.

A Tabela 5 apresenta os resultados dos testes χ^2 relativos ao grupo I. O teste χ^2 permite verificar se as diferenças entre a frequência de respostas categóricas observadas e as esperadas são estatisticamente significantes. Em todo o tratamento foi adotado o nível de significância de 0.05.

TABELA 5. Resultados do teste χ^2 para as comparações entre homens e mulheres

jovens (Grupo I)

Variáveis focalizadas	Valor de p
<i>Estrutura da rede social - tamanho e natureza - (relativo as pessoas componentes da rede citadas pelos sujeitos)</i>	
Número médio de pessoas componentes da rede	0.0003*
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0020*
Número de homens e mulheres	0.0001*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.1709
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outros	0.0262*
<i>Funções da rede social (pessoas escolhidas como fonte de apoio emocional, instrumental e informativo)</i>	
<i>Apoio Emocional</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.6968
Número de homens e mulheres	0.2630
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.6085
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outros	0.7431
<i>Apoio Instrumental</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.5668
Número de homens e mulheres	0.5092
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0612
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outros	0.7492
<i>Apoio Informativo</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.2829
Número de homens e mulheres	0,2227
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0069*
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outros	0.0057*
<i>Satisfação (avaliação subjetiva dos sujeitos sobre sua rede social)</i>	
Com o número de pessoas da rede	0.9720
Com a própria rede em comparação com de outras pessoas da mesma idade	0.3190
Com a própria rede hoje em comparação com a própria rede no passado	0.6370

(*) significante (α 0.05)

Grupo II - Adulto de Meia-idade - 35 a 45 anos

Configuração da rede social

A rede social do grupo de adultos de meia-idade foi, em média de 15 pessoas, distribuídas igualmente entre os três graus de proximidade afetiva investigados. Predominaram pessoas mais novas, do núcleo de relações familiares.

?? Houve diferença entre homens (citaram 13 pessoas) e mulheres (17 pessoas) e também no que se refere ao gênero das pessoas da rede social.

?? Os homens citaram mais homens e as mulheres, mais mulheres.

?? Os adultos de meia-idade colocaram na rede social, um número maior de pessoas mais novas. Porém, as mulheres citaram mais pessoas mais novas e os homens citaram mais pessoas de mesma idade.

?? A natureza das relações mais citadas entre os adultos de meia-idade foi a familiar.

Apoio emocional

?? As pessoas mais citadas pelos sujeitos de meia-idade para a função de apoio emocional, foram mulheres mais novas que os sujeitos, pertencentes às relações de intimidade: esposas (resposta dada por 24 dos homens) e os filhos (13 citações). Muito próximos afetivamente.

?? Houve diferença entre homens e mulheres quanto ao grau de proximidade e a natureza das relações; os homens escolhem pessoas muito próximas das relações de intimidade e as mulheres citam pessoas da família e amigas próximas afetivamente.

Apoio instrumental

?? Os adultos de meia-idade, de maneira geral, apontaram como fontes preferenciais de apoio instrumental mulheres, pessoas da mesma idade e familiares, todos muito próximos afetivamente.

?? Os homens apontaram muito mais mulheres para a função de apoio instrumental, concentrando as respostas nas relações de intimidade (esposas). As mulheres citaram mais pessoas da família (filhos).

Apoio Informativo

- ?? Não houve diferenças significantes entre as respostas de homens e mulheres adultos de meia-idade; ambos apontaram mais mulheres, pessoas mais novas como fontes de apoio informativo, no grau de afetividade muito próximo. A natureza preponderante foi familiar (filhos, irmãos e cunhados), seguida das relações de intimidade (cônjuge).
- ?? No apoio informativo foi maior o número de citações de amigos (principalmente por parte dos homens).

Foram analisadas as frequências de indicações de pessoas da família, do(a) cônjuge e das relações de amizade, como fontes de apoio informativo, instrumental e emocional, para os homens e as mulheres desse grupo. No âmbito da família os homens apontaram a própria mãe e filhos, e as mulheres preponderantemente os filhos, quando se trata do apoio emocional. A mesma relação apareceu quanto ao apoio instrumental. No apoio informativo, para os homens prevaleceram homens da mesma geração (irmãos e cunhados), mas para as mulheres predominaram os filhos. Os homens apontaram muito mais a esposa como fonte dos três tipos de apoio do que as mulheres o fizeram em relação ao marido, sendo que a diferença ocorreu quanto ao apoio emocional. Essa diferença foi compensada pela citação de amigos que, entre as mulheres foi maior do que para os homens, principalmente quanto ao apoio emocional.

Satisfação

- ?? Adultos de meia-idade declararam muita satisfação com sua rede social atual, quando comparada à rede social de outras pessoas e ao número de pessoas que compõem essa rede.

A Tabela 6 apresenta os dados do teste estatístico para essas comparações.

TABELA 6. Resultados do teste χ^2 para as comparações entre homens e mulheres

adultos de meia idade (Grupo II)

Variáveis focalizadas	Valor de p
<i>Estrutura da rede social - tamanho e natureza - (relativo as pessoas componentes da rede citadas pelos sujeitos)</i>	
Número médio de pessoas componentes da rede	0.0003*
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0001*
Número de homens e mulheres	0.0001*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0647
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outros	0.6709
<i>Funções da rede social (pessoas escolhidas como fonte de apoio emocional, instrumental e informativo)</i>	
<i>Apoio Emocional</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.1570
Número de homens e mulheres	0.2886
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0002*
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0002*
<i>Apoio Instrumental</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.2436
Número de homens e mulheres	0.0426*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.2561
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0321*
<i>Apoio Informativo</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.1153
Número de homens e mulheres	0.4038
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.7145
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.1895
<i>Satisfação (avaliação subjetiva dos sujeitos sobre sua rede social)</i>	
Com o número de pessoas da rede	0.5353
Com a própria rede em comparação com de outras pessoas da mesma idade	0.6818
Com a própria rede hoje em comparação com a própria rede no passado	0.4688

(*) significativa (? 0.05)

Grupo III - Idosos - 65 a 75 anos

Configuração da rede social

Os idosos colocaram em média 12 pessoas na sua rede social (11 os homens e 13 as mulheres), com mais pessoas no grau de muita proximidade afetiva do que os outros grupos. Os homens apontaram mais homens e as mulheres mais mulheres e mais pessoas da família.

Apoio Emocional

?? Para a função de apoio emocional os homens idosos apontaram mais pessoas das relações de intimidade e as mulheres citaram mais pessoas da família.

?? As mulheres mais novas e muito próximas afetivamente são apontadas como principal fonte de apoio emocional.

Apoio Instrumental

?? De modo geral, os idosos apontaram como fontes de apoio instrumental, pessoas mais novas e mulheres muito próximas afetivamente.

?? Homens e mulheres diferiram quanto à natureza das relações. Mulheres disseram preferir pessoas da família e os homens, pessoas das relações de intimidade .

Apoio Informativo

?? Para a função de apoio informativo, os idosos apontaram pessoas mais novas, muito próximas afetivamente. Houve diferenças significantes quanto ao gênero e à natureza das relações. Os homens idosos apontaram um número maior de homens e de pessoas de natureza familiar (filhos, genro). As mulheres citaram em proporção maior pessoas das relações familiares, principalmente as filhas, noras, netas e sobrinhas.

Nesse grupo, a esposa despontou como a principal fonte dos três apoios. Já para as mulheres, os filhos foram os mais citados, mas é importantes notar que nesse grupo o número de viúvas é maior do que nos outros, o que poderia explicar em parte, essa frequência.

Satisfação

?? Os idosos apresentaram muita satisfação com a rede social atual, com o número de pessoas na rede e com a rede social quando comparada com a de outras pessoas da mesma faixa etária, principalmente as mulheres.

A Tabela 7 apresenta os resultados das comparações estatísticas realizadas desse grupo.

TABELA 7. Resultados do teste χ^2 para as comparações entre homens e mulheres idosos (Grupo III)

Variáveis focalizadas	Valor de p
<i>Estrutura da rede social - tamanho e natureza - (pessoas componentes da rede citadas pelos sujeitos)</i>	
Número médio de pessoas componentes da rede	0.3727
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.4088
Número de homens e mulheres	0.0001*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0840
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outros	0.8732
<i>Funções da rede social (pessoas escolhidas como fonte de apoio emocional, instrumental e informativo)</i>	
<i>Apoio Emocional</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0968
Número de homens e mulheres	0.2420
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.2972
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0017*
<i>Apoio Instrumental</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.5049
Número de homens e mulheres	0.6205
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.7520
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0065*
<i>Apoio Informativo</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.9075
Número de homens e mulheres	0.0316*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.9483
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0032*
<i>Satisfação (avaliação subjetiva dos sujeitos sobre sua rede social)</i>	
Com o número de pessoas da rede	0.5019
Com a própria rede em comparação com de outras pessoas da mesma idade	0.2678
Com a própria rede hoje em comparação com a própria rede no passado	0.2051

(*) significativo (α 0.05)

Configuração da rede social da amostra total de sujeitos - (150 homens e 150 mulheres de 25 a 75 anos)

- ?? Homens e mulheres apontaram mais pessoas do mesmo sexo para compor a rede social.
- ?? As mulheres apontaram pessoas mais novas na rede.
- ?? O grupo de jovens apontou mais pessoas mais velhas para compor a rede.
- ?? Os idosos apontaram menor número de pessoas na rede do que os outros grupos, porém citaram um número maior de pessoas como muito próximas afetivamente.
- ?? Com relação ao apoio emocional, as mulheres citaram mais pessoas da família e os homens mais relações de intimidade, muito próximas afetivamente. O grupo de meia idade citou mais pessoas das relações íntimas e os idosos, das relações familiares. A idade, nos três grupos, variou: os jovens citaram mais pessoas da mesma idade - mais pessoas mais novas e da sua idade, e os idosos mencionaram mais pessoas mais novas. O grupo como um todo citou mais mulheres para a função de apoio emocional. Os idosos foram os que apontaram mais mulheres para essa função.
- ?? As mulheres citaram mais pessoas da família e os homens, mais relações de intimidade para a função de apoio instrumental. Para essa função, os jovens e os idosos apontaram mais pessoas da família, e os de meia-idade, mais pessoas das relações de intimidade. A idade das pessoas indicadas como fonte de apoio instrumental variou nos três grupos: os jovens citaram mais pessoas mais velhas, os idosos mais pessoas mais novas e os adultos de meia-idade mais pessoas da mesma idade.
- ?? Os sujeitos citaram pessoas da família como as principais fontes de apoio informativo. A idade e o sexo das pessoas que, segundo os sujeitos, dão mais esse tipo de apoio, diferiu conforme o grupo: os jovens apontaram mais homens e pessoas mais velhas, os idosos e os adultos de meia idade apontam mais mulheres e pessoas mais novas.

Na Tabela 8 podem ser verificados os resultados dos testes estatísticos para as frequências encontradas na amostra total, considerando-se o critério de idade.

TABELA 8. Resultados do teste χ^2 para as comparações entre os grupo de idade (adulto jovens, adultos de meia-idade e idosos)

Variáveis focalizadas	Valor de p
<i>Estrutura da rede social - tamanho e natureza - (pessoas componentes da rede citadas pelos sujeitos)</i>	
Número médio de pessoas componentes da rede	0.0007*
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0001*
Número de homens e mulheres	0.0928
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.1254
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.1745
<i>Funções da rede social (pessoas escolhidas como fonte de apoio emocional, instrumental e informativo)</i>	
<i>Apoio Emocional</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0001*
Número de homens e mulheres	0.0446*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.4592
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0002*
<i>Apoio Instrumental</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0001*
Número de homens e mulheres	0.1641
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.5004
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0066*
<i>Apoio Informativo</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0004*
Número de homens e mulheres	0.0372*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.7311
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0010*
<i>Satisfação (avaliação subjetiva dos sujeitos sobre sua rede social)</i>	
Com o número de pessoas da rede	0.0292*
Com a própria rede em comparação com de outras pessoas da mesma idade	0.8827
Com a própria rede hoje em comparação com a própria rede no passado	0.3655

(*) significante (α 0.05)

Na Tabela 9 estão os dados dos testes que levaram em conta o critério gênero dos sujeitos que compuseram a amostra total.

TABELA 9. Resultados do teste χ^2 para as comparações entre os grupos conforme o critério de gênero (150 homens e 150 mulheres)

Variáveis focalizadas	Valor de p
<i>Estrutura da rede social - tamanho e natureza - (pessoas componentes da rede citadas pelos sujeitos)</i>	
Número médio de pessoas componentes da rede	0.3996
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0016*
Número de homens e mulheres	0.0001*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.1194
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.1875
<i>Funções da rede social (pessoas escolhidas como fonte de apoio emocional, instrumental e informativo)</i>	
<i>Apoio Emocional</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.0775
Número de homens e mulheres	0.4494
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0092*
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0002*
<i>Apoio Instrumental</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.1521
Número de homens e mulheres	0.0650
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.7314
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.0052*
<i>Apoio Informativo</i>	
Número de pessoas da mesma idade, mais velhas e mais novas	0.5346
Número de homens e mulheres	0.0145*
Número de pessoas muito próximas, próximas e distantes afetivamente	0.0595
Número de pessoas de natureza familiar, de amizade, intimidade e outras	0.1726
<i>Satisfação (avaliação subjetiva dos sujeitos sobre sua rede social)</i>	
Com o número de pessoas da rede	0.9440
Com a própria rede em comparação com de outras pessoas da mesma idade	0.1298
Com a própria rede hoje em comparação com a própria rede no passado	0.3655

Resumo dos resultados

1. O perfil dos grupos investigados foi o seguinte:

Grupo I - Adultos jovens - Em sua maioria são casados, têm nível educacional médio ou superior, trabalham, possuem renda própria e moram com o cônjuge e ou com os pais (os solteiros).

Grupo II - Adultos de meia-idade - Em sua maioria são casados, têm nível educacional correspondente ao ensino fundamental ou médio, trabalham, têm renda própria, e moram com o cônjuge e filhos.

Grupo III - Idosos - Em sua maioria são casados e, entre os viúvos, predominam mulheres. O nível educacional predominante é o fundamental, são aposentados ou pensionistas, têm renda própria, não trabalham e moram com cônjuge, ou filhos ou, então, sozinhos. Entre os que moram sozinhos, predominam as mulheres viúvas.

2. Configuração da rede social: Tamanho, Natureza e Função

?? O número médio de componentes da rede social para a amostra como um todo foi de 15 pessoas. Os adultos jovens relataram ter uma rede mais extensa ($M=19$) e os idosos, uma rede menos extensa ($M= 12$). Foram observadas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de idade quanto ao número de pessoas da rede de relações sociais. Foi observada diferença entre o número de componentes da rede das mulheres ($M=17$) e dos homens ($M=14$), mas não foi significativa estatisticamente.

?? Há mais mulheres do que homens na rede de relações de todos os grupos de idade e gênero estudados. No entanto, as mulheres tendem a citar mais mulheres e os homens tendem a incluir mais homens em sua rede de relações. Além disso, as mulheres tendem a citar mais pessoas mais novas do que os homens.

?? Pessoas mais novas que o sujeitos do grupo de meia-idade e idosos são, principalmente, membros da família pertencentes a geração subsequente. No grupo de jovens foram citadas mais pessoas de idade mais velha que os sujeitos, a maioria pertencente às relações familiares.

- ?? O grupo como um todo apontou mais ou menos o mesmo número de pessoas nos níveis de afetividade: muito próximo, próximo e distante. Os idosos indicaram mais pessoas no nível muito próximo afetivamente, do que nos outros dois níveis.
- ?? A natureza dos relacionamentos que prevaleceu nas redes sociais feminina e masculina foram as relações familiares, assim como nos grupos de meia-idade e idosos. No grupo dos jovens, as citações de natureza familiar e de amizade foram quase nas mesmas proporções no segundo círculo do diagrama da rede social.
- ?? Os homens e as mulheres dos três grupos de idade apontaram principalmente pessoas muito próximas afetivamente como fontes de apoio emocional, instrumental e informativo.
- ?? Entre os homens e as mulheres dos três grupos de idade, mas principalmente entre os do grupo de meia-idade, as mulheres foram mais citadas do que os homens como fontes de apoio emocional. Essas mulheres citadas eram principalmente esposas, no caso dos homens, e filhas e irmãs, no caso das mulheres.
- ?? Preponderaram pessoas da mesma idade entre as citações dos mais jovens concernentes as fontes de apoio emocional. Entre essas fontes de mesma idade e de mais velhos, havia um número comparável de amigos, familiares e cônjuges. Os de meia-idade citaram mais pessoas mais novas ou da mesma idade, principalmente familiares (entre as mulheres) e cônjuge (entre os homens). Os idosos citaram mais pessoas mais novas, entre os quais a presença mais forte era de filhos, netos e sobrinhos.
- ?? Homens e mulheres dos três grupos de idade citaram mais mulheres do núcleo familiar como fontes de apoio instrumental. A maioria pertencia ao círculo das relações afetivamente muito importantes. Entre os homens elas eram principalmente as esposas e entre as mulheres pessoas da família. Entre os jovens essas pessoas eram mais velhas e da família. Entre os homens de meia-idade eram as esposas, e entre as mulheres, membros da família e depois os esposos. Entre os idosos, essas fontes de apoio instrumental eram pessoas mais novas e da família. Os homens idosos incluíram principalmente as esposas.
- ?? Para o apoio informativo, as diferenças entre homens e mulheres foram com relação ao gênero das pessoas escolhidas: os homens mostraram preferência por homens e as mulheres, por mulheres; em geral são pessoas muito próximas, mais novas e da família.

Entre os grupos de idade, as respostas diferiram quanto à idade, gênero e natureza: os jovens escolheram pessoas mais velhas e do gênero masculino, com os homens preferindo relações de amizade e familiares, e as mulheres relações da família e de intimidade. Os de meia-idade citaram mais mulheres mais novas, da família. Os idosos citaram mais mulheres, porém os homens citaram mais homens (filho, cunhado, genro, irmão) e as mulheres mais mulheres (filhas, nora).

3. Satisfação com a rede social

Os sujeitos relataram estar muito satisfeitos com o número de pessoas com quem podem contar em sua rede de relações. Declararam-se igualmente muito satisfeitos quando solicitados a avaliar a sua rede atual, em comparação com a de outras pessoas de sua idade ou em relação ao número de componentes da rede. Não houve diferenças significativas entre homens e mulheres ou entre grupos. Os idosos foram superiores aos outros grupos de idade, quanto a satisfação com a rede social atual, principalmente as mulheres idosas.

DISCUSSÃO

Este estudo investigou a rede de relações sociais de homens e mulheres adultos, de meia-idade e idosos, assim como a satisfação por eles relatada com respeito à sua rede social. Foi um estudo de corte transversal, em que o gênero e a idade foram as variáveis escolhidas para comparar os grupos. Estudos de corte transversal agrupam, para comparação, pessoas nascidas no mesmo ano ou em anos próximos, com base no pressuposto sustentado por observações sociológicas, de que existe boa chance de que compartilhem valores, atitudes e crenças e que sejam socializados de modo similar. Espera-se também que pessoas nascidas e socializadas na mesma época compartilhem a vivência dos mesmos eventos normativos do curso de vida individual e societal, bem como compartilhem os eventos típicos de um período sócio-histórico (Schaie e Willis, 1996).

Mesmo adotando o conceito de que a vida adulta e a velhice comportam grande heterogeneidade, a psicologia beneficia-se do uso das noções de coorte e geração veiculadas pela sociologia, para melhor entender e interpretar as mudanças evolutivas que atingem indivíduos e grupos de indivíduos que se movem juntos, ao longo do ciclo vital e da história de uma sociedade (Neri, 2001 a). As variáveis gênero e idade foram escolhidas como base para as comparações intra e intergrupos, acreditando que a sociedade ocidental moderna atribui normas e papéis determinados por ideologias e estereótipos de gênero e idade, os quais podem gerar diferenças comportamentais entre homens e mulheres, ao longo da vida (Debert, 1994).

No Brasil existem poucos dados sobre as relações sociais em adultos e em idosos. São exceções, por exemplo, a pesquisa de Capitanini (2000) sobre rede de relações sociais e sentimentos de solidão em mulheres que vivem sós, a de Erbolato (2001), sobre relações de amizade entre idosos, a de Doll (1999), que investigou essa variável, num trabalho sobre bem-estar subjetivo entre idosos, e as de Neri (1999 e 2000), trabalhos estes que estão em desenvolvimento na UNICAMP. Todos eles resultaram em dados similares aos da literatura internacional, com respeito à satisfação com a rede de relações sociais.

Os trabalhos de Perracini (2001) e Sommerhalder (2001) mostraram que a atuação de uma rede de apoio é fundamental ao bem-estar físico e psicológico de mulheres de meia-idade e idosas encarregadas dos cuidados instrumentais a idosos portadores de dependência. Além da ajuda operacional, as mulheres das duas pesquisas relataram que a ajuda afetiva, a confirmação social e o afeto que recebiam das pessoas da família eram muito importantes ao seu bem-estar subjetivo e ao seu equilíbrio para lidar com as pressões associadas ao papel de cuidar. Houve um dado relatado por Sommerhalder que é importante ressaltar neste contexto. Foi a menção de boa parte das mulheres que entrevistou sobre o ônus e os benefícios associados ao papel de cuidar, quanto a que valorizavam a oportunidade de dar exemplos de dedicação, solidariedade e compromisso que a situação em que viviam ensejava aos próprios filhos. Podemos interpretar esses depoimentos como uma sugestão de preocupação com a geratividade, cuja manifestação acontece no âmbito das relações sociais.

A discussão dos dados desta pesquisa seguirá a seqüência em que foram apresentados os resultados. Discutiremos em primeiro lugar os resultados relativos à configuração da rede social em termos do tamanho, da natureza e das funções, e depois trataremos dos dados relativos à satisfação relatada quanto à rede social. Seguindo a lógica adotada na introdução, buscaremos apoio nos princípios do paradigma do desenvolvimento ao longo da vida, e apontaremos relações entre os dados observados, aspectos motivacionais do desenvolvimento adulto e o cumprimento de papéis e de normas etárias por parte dos sujeitos.

Os objetivos ou as motivações para relacionar-se socialmente mudam ao longo da vida. Os jovens centralizam os interesses na aquisição de conhecimentos e privilegiam as relações com parceiros não ligados à família. Eles são importantes principalmente quando as pessoas precisam aprender algo novo, quando os objetivos emocionais e a motivação para a realização são mais salientes. É o que acontece na vida adulta inicial. Já os adultos de meia-idade atingiram estabilidade profissional, seus filhos estão criados e é comum serem pressionados pelos mais jovens, que lutam por espaço e status.

A maturidade costuma ser uma época de redefinições de metas e projetos de vida e de readaptação do senso de auto-eficácia. À medida em que a pessoa vai ficando mais velha, ocorrem ou acentuam-se algumas perdas biológicas, fica-se mais susceptível a doenças, a mudanças no estilo de vida e à necessidade de adaptação a novos papéis familiares, pós-parentais, pós-carreira. Nessa etapa da vida a manutenção e apoio das relações familiares podem contribuir para o bem estar subjetivo e para o senso de auto-eficácia.

As mudanças relacionadas à idade não são sofridas passivamente pelas pessoas, mas, ao contrário, são o resultado de ações estratégicas mediante as quais selecionam ativamente parceiros significativos que servem ao objetivo de controle das emoções (Carstensen, Gross e Fung, 1997).

Na perspectiva de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life span*) a rede de relações sociais é entendida como um fenômeno multivariado e multidimensional. São levados em conta os aspectos normativos e não-normativos associados ao desenvolvimento psicossocial e biológico e ao contexto sócio-cultural, os quais impulsionam a ação nos diferentes momentos da vida. Mais do que o tamanho da rede e a natureza dos relacionamentos em si mesmas, são levadas em conta a afetividade e as funções que essas relações cumprem na vida das pessoas e da sociedade.

Na análise do tamanho da rede social adulta da amostra dessa pesquisa, alguns resultados se destacaram. Não houve diferença significativa entre homens e mulheres,

quanto ao número de componentes da rede, embora as mulheres tenham citado mais pessoas que os homens. O que foi significativo estatisticamente foram as diferenças entre os grupos de idade: os jovens têm uma rede maior do que os de meia-idade que, por sua vez, é maior que a dos idosos.

As diferenças entre os grupos etários podem ser vistas como decorrências dos motivos que as pessoas têm para se relacionar ao longo da vida. Também parecem ter relação com a demanda por habilidades de relacionamento social em diferentes momentos do ciclo vital.

De acordo com a teoria de Erikson (1971), o foco de interesse na vida adulta é associar-se, procurar relações íntimas e afiliar-se. O desenvolvimento de comportamentos e habilidades para a aquisição de repertórios sociais adaptados a essas necessidades é esperado pela sociedade nessa época da vida, com interesse na profissionalização, na produtividade, na constituição de família e na educação dos filhos. De fato, os jovens da nossa amostra em sua maioria são casados, trabalham e estudam, ou seja, correspondem às expectativas sociais relativas à sua faixa etária.

Em situação oposta está a rede dos idosos, que foi a menor dos três grupos. A maioria dos homens idosos são casados e as mulheres idosas, em sua maioria, são viúvas, não trabalham e nem freqüentam grupos educacionais da terceira idade. Esses fatores sóciodemográficos podem influenciar o tamanho da rede, porém sozinhos não são suficientes para explicar a sua redução. As novas demandas e motivações típicas dessa quadra de vida, bem como as características pessoais, também são importantes preditores do tamanho da rede social (Carstensen, (1992). A resolução do conflito entre integridade versus desespero, a tendência à revisão de vida e a necessidade de aceitação da finitude requerem mais atitudes introspectivas, o que pode ser ocasião para maior necessidade de recolhimento e para a seleção de relações emocionalmente significativas. Não é demais lembrar que as pessoas mais velhas são menos aceitas no mercado de trabalho, têm menor chance de conseguir parceiros conjugais e sociais e, particularmente no Brasil, têm menos

possibilidades de encontrar o que fazer fora de casa, onde inclusive sofrem riscos físicos e psicossociais.

Por outro lado, a tendência à restrição dos relacionamentos a pessoas emocionalmente significativas aumenta com a idade. Esse dado foi confirmado pelas respostas dos idosos quanto ao tamanho da rede, menor do que a dos outros dois grupos. No entanto, esse mesmo grupo teve maior proporção de citações de pessoas muito próximas afetivamente do que os adultos jovens e os de meia-idade. Em conjunto, esses dados parecem significar uma seleção por critérios sócio-emocionais de contatos significativos, o que é coerente com a teoria da seletividade sócio-emocional e com o modelo do comboio de relações sociais. Para este, os relacionamentos sociais mais significativos tendem a ser estáveis e contínuos ao longo do tempo.

Segundo Lang, Staudinger e Carstensen (1998), embora as redes sociais sejam menores na idade madura, o número de relacionamentos próximos não distingue idade. Sugerem que a influência do contexto motivacional é mais forte do que fatores de personalidade na configuração da rede dos mais velhos, e que o engajamento com um número menor de componentes na rede social, mas emocionalmente significativos, permite ajustes sociais que minimizam as experiências negativas e intensificam as positivas. A redução dos contatos sociais atinge principalmente os parceiros sociais periféricos, pois as relações muito próximas afetivamente são mantidas ao longo da vida. Com a idade as pessoas têm uma rede de relações mais restrita, mas continuam a relacionar-se com parceiros sociais emocionalmente próximos, tais como membros da família e amigos antigos (Carstensen, 1992 e Lansford e Antonucci, 1998). Dados como esses permitiram a formulação do modelo comboio de relações sociais.

A redução no contato social relacionado à idade tem sido largamente documentado em estudos longitudinais (Lee e Markides, 1990; Palmore, 1981, apud, Carstensen e Fung, 1997), e de corte transversal (Lawton, Moss e Fulcomer, 1987; Lansford, Sherman e Antonucci, 1998 e Lang e Carstensen, 1994). A rede dos jovens é mais extensa do que a dos adultos e a dos idosos (Antonucci e Akiyama, 1987). Além disso, a frequência de

contatos também diminuí com a idade, em estudo com adultos de diferentes etnias (Ajrouch, Antonucci e Janovic, 2001). No entanto, apesar dessas diferenças, há pesquisas mostrando que os idosos descrevem-se como muito satisfeitos com sua rede de relações e não gostariam de aumentá-la (Carstensen e Fung, 1997).

Os grupos diferiram de forma estatisticamente significativa quanto à idade dos parceiros sociais. Os jovens escolhem principalmente pessoas mais velhas e da mesma idade, enquanto os mais velhos e os de meia-idade apontaram principalmente pessoas mais novas como as mais importantes.

Esses dados poderiam ser interpretados de acordo com a descrição de Carstensen (1992) quanto às diferenças nas motivações para busca de contato social ao longo das idades. Entre jovens prevalece a busca de informação. Para tanto, a diversidade e a ampliação do número de componentes possibilita a ampliação de conhecimentos em diferentes áreas. Com o passar da idade, passamos a adquirir informações por outros meios. Ou seja, o contato social envolvendo grupos diversos e numerosos tende a tornar-se menos atraente, porque o ganho de informações é menor. Além disso, entra em cena o processo de seletividade de objetivos e de motivações.

Quanto à escolha de componentes da rede social segundo o critério de gênero, a rede de todos os grupos da amostra apresentou mais mulheres do que homens. Porém diferenças significativas foram encontradas entre o comportamento de homens e mulheres: nos três grupos de idade, ambos preferem pessoas do mesmo gênero. Talvez isso aconteça porque grande parte do comportamento social em adultos é dirigida à manutenção do autoconceito (Carstensen, 1995). Em geral, as pessoas buscam parceiros sociais que confirmem suas autopercepções. Pessoas do mesmo gênero tendem a confirmar as autopercepções, pois têm maneiras semelhantes de entender o mundo.

Em pesquisa brasileira sobre amizade em três grupos etários, Erbolato (2001) apontou a tendência de jovens, adultos e idosos em indicar amigos do mesmo gênero, o que seria em parte indicativo do cumprimento de expectativas sociais, em parte sugestivo da

funcionalidade dessas escolhas. Isto porque pessoas do mesmo sexo podem funcionar melhor como modelos de como o indivíduo deve ser. A preferência por amizades do mesmo gênero pode ser observada desde crianças em idade escolar, dissolve-se na adolescência, quando são incorporados aos grupos pares de ambos os sexos, muito embora os amigos íntimos sejam quase sempre do mesmo sexo. Os adultos continuam a selecionar as pessoas de acordo com características com as quais se identificam, sejam elas gênero, nível educacional, status social, preferências culturais, artísticas ou políticas, características de personalidade, e outras.

Os dados do presente estudo, relativos à natureza das relações, confirmam a importância da família na rede social. Nossos sujeitos revelaram grande preferência pelos relacionamentos familiares, assim como indicaram que essas relações lhes são muito importantes e próximas afetivamente. Tais dados condizem com os obtidos por Capitanini (2000) e Freire (2001). Já quanto a citações dos amigos, não houve diferença entre os jovens e os idosos. Foram os de meia-idade que relataram possuir um número menor de amigos. Possivelmente esse dado se deva ao efeito do maior número de relacionamentos próximos entre os velhos da amostra, os quais teriam incluído familiares e amigos antigos. Assim, ele teria se equiparado estatisticamente ao dos jovens, mas as funções desses amigos são diferentes para os dois grupos.

A família é percebida como importante, principalmente em tempos de crise e na velhice (Antonucci e Jackson, 1997), pois é uma importante fonte de apoio informal. Segundo Levitt, Weber e Guacci (1993), o apoio derivado da família tende a aumentar com a idade. No entanto, pesquisas que consideram o apoio social numa perspectiva de intercâmbio entre gerações analisam não só o receber ajuda como também o dar ajuda na velhice, o que de todo modo é mais coerente com o próprio conceito de rede de relações sociais.

O estudo de Saad (1999) encontrou os seguintes dados quanto aos intercâmbios de apoio entre idosos brasileiros e seus filhos:

??? Quanto mais rico o idoso, maior a ajuda material oferecida aos filhos; quanto mais pobre o idoso, menor o apoio material recebido dos filhos.

??? Quanto mais velho o idoso, maior a ajuda instrumental recebida e menor a oferecida.

??? Quanto mais baixo o nível educacional do idoso, menor o apoio instrumental recebido.

??? As mulheres idosas ajudam mais os filhos do que os homens idosos.

??? A co-residência está associada ao aumento de probabilidade de receber ajuda para o manejo de incapacidades funcionais.

No âmbito internacional existem dados bem estabelecidos por estudos longitudinais e comparativos sobre os intercâmbios familiares (Por exemplo Shi, 1993; Hoyert, 1991; Antonucci, 1990):

??? A intensidade e a direção do fluxo de apoio entre pais idosos e filhos adultos estão fortemente associadas ao status conjugal de ambos: os homens idosos são os que mais recebem ajuda e os filhos casados os que mais dão ajuda; os filhos casados são os que recebem menos ajuda e as filhas divorciadas e separadas as que mais recebem.

??? Quanto maior o número de filhos, maior o apoio aos pais idosos.

??? Os filhos adultos recebem mais ajuda dos pais idosos quando têm filhos pequenos.

??? As mulheres dão mais ajuda do que os homens: as filhas dão mais apoio do que os filhos e as mães idosas ajudam mais os filhos do que os pais idosos.

??? Quanto menor a renda e pior a saúde dos idosos, maior a chance de receberem apoio informal e menor a chance de oferecerem apoio aos filhos adultos.

Na grande maioria dos casos, o apoio de que os idosos necessitam é no âmbito das informações que possam ajudá-los a tomar decisões de ordem prática e a utilizar os recursos disponíveis para a manutenção e a melhoria de seu bem-estar. Os idosos podem também precisar de ajuda para a realização de atividades práticas especializadas que ocorrem fora de casa (Exs: compras, pagar contas e receber pensão), ou dentro de casa (Exs: pequenos consertos, cozinhar e cuidar da casa). Ajudas a essas atividades geralmente

não são definidas como assistência e, com frequência, envolvem reciprocidade, ou seja, os filhos ajudam e em troca os pais ficam com os netos ou prestam ajudas instrumentais, mesmo que tenham problemas crônicos de saúde que não lhes impeça o funcionamento. Uma minoria de idosos necessita de cuidados contínuos e intensivos para garantir a sua sobrevivência. Quando isto acontece a designação de pessoas da família que irão assumir o papel segue normas culturais: geralmente são mulheres de meia-idade ou idosas, filhas mais velhas de meia-idade, com marido e filhos, ou esposas do membro focal da rede. O capital social acumulado pelas mulheres vem ao seu encontro nessas situações, ou então sinalizam para o grupo uma ocasião para a atribuição de tarefas que lhes são onerosas do ponto de vista físico, emocional e social (Neri e Sommerhalder, 2001).

As repostas sobre as funções da rede social, mais especificamente, sobre as pessoas-fonte de apoio emocional, instrumental e informativo desta pesquisa apontaram as mulheres e, dentre elas, preferencialmente as esposas, como a principal fonte de apoio emocional e instrumental. Em contrapartida os homens pertencentes ao núcleo das relações de amizade foram mais escolhidos como fontes de apoio informativo, e isto principalmente entre os jovens, por razões que já comentamos. Nas respostas dos jovens existiu semelhança entre o número de pessoas da família, das relações de intimidade e de amigos. Porém nas respostas dos homens de meia-idade e idosos preponderaram indicações da esposa, e entre as mulheres desses dois grupos, membros da família.

Reis (2001) verificou que homens e mulheres relataram menos experiências de isolamento e de abandono quando têm confidentes. Essa questão é mais importante entre os homens, que tendem a escolher como confidentes primariamente mulheres, com as quais interagem com mais frequência e por mais tempo. Segundo o autor, as diferenças de gênero quanto às experiências e à expressão emocional são influenciadas por normas culturais - as mulheres são mais inclinadas que os homens a mostrar seus problemas emocionais para uma rede mais ampla de pessoas.

As mulheres investem mais em domínios relacionados ao estabelecimento de interações sociais e ao bem-estar da família, ao passo que os homens tendem a investir mais

em domínios ligados à carreira profissional (Freire, 2001). As mulheres são mais envolvidas e mais expressivas, características essas tidas como indicativas de feminilidade e do exercício de papéis femininos, não só no contexto da família, como também no contexto social mais amplo. A mulher tende a ser vista como integrada e agregadora, e é socialmente incentivada a relacionar-se mais com as pessoas. Isso possivelmente a ajuda a desenvolver e a manter um repertório social mais amplo que o dos homens (Antonucci e Akiyama, 1987 e Antonucci, 1990), o que explica o fato de serem mais citadas do que os homens como fontes de apoio instrumental e afetivo. Pelo mesmo motivo, as mulheres têm uma rede de relações sociais maior do que a dos homens.

Conforme Kahn e Antonucci (1980), há diferenças de gênero no apoio dado e recebido. A função de manter a união da família geralmente é desempenhada pelas mulheres, e isso inclui certificar-se de que as pessoas que necessitam de apoio de fato o recebem e responder pelos apoios. Os homens costumam ser responsáveis pelo apoio instrumental, sob a forma de serviços, bens ou dinheiro.

A tendência em indicar mulheres como fonte de apoio emocional e instrumental pode ser confirmada em duas pesquisas brasileiras. Sommerhalder (2001) relata que as principais fontes de apoio emocional a mulheres cuidadoras eram outras mulheres. Erbolato (2001) investigou relações de amizade em jovens adultos e idosos e questionou os sujeitos sobre tipos de apoio que receberiam de amigos: confidências, comunicação, segurança, apoio na tristeza e valorização. As mulheres foram as mais indicadas para todas as funções nos três grupos de idade, mas os idosos preferem ouvir conselhos de homens, assim como a identificação com crenças e valores também foi maior em relação às fontes masculinas, tanto no grupo de jovens quanto no grupo de idosos.

Os grupos apresentaram diferenças quanto à idade dos indivíduos apontados como fontes de apoio emocional, informativo e instrumental. Para apoio emocional, jovens preferem pessoas da mesma idade, amigos e ou namorado(a), esposa, irmãos. Os de meia-idade, citaram na mesma proporção mesma idade (esposa, amigo) e mais novos (filhos). Os idosos apontaram principalmente pessoas mais novas (filhos, esposa). Para apoio

instrumental, os jovens citaram mais velhos (pais, sogros), os de meia-idade, o cônjuge da mesma idade e os idosos pessoas mais novas (filhos, genro, nora). No apoio informativo, idosos e adultos de meia-idade citaram pessoas mais novas (filhos e amigos) e os jovens mais velhos (amigos e pais).

Uma possibilidade de análise desse dado é oferecida pelo argumento de Dowd (1984, apud Antonucci, 1994). Segundo esse autor, com o passar da idade, as pessoas vão ficando menos poderosas, portanto, numa situação desigual, e acabam recorrendo ao poder dos mais jovens (e mais poderosos) para troca de apoio instrumental, informativo e emocional. Outro argumento para análise refere-se a um sentimento que passa por gerações: os pais cuidam de seus filhos e depois os filhos cuidam de seus pais. Essa norma de reciprocidade é bastante forte nas sociedades humanas (Nogueira e Sommerhalder, 2000).

Considerou-se satisfação com a rede de relações sociais como decorrência de um processo de avaliação realizado pelos sujeitos envolvendo a comparação entre as circunstâncias atuais e as consideradas ideais pelo grupo de referência ou pelo próprio indivíduo, com relação à configuração e às funções exercidas pelos componentes da rede.

Os dados dessa pesquisa mostraram que os três grupos etários estavam muito satisfeitos, sem diferenças significativas estatísticas, segundo os critérios de gênero e idade. Porém é interessante observar que as porcentagens mais elevadas de satisfação estiveram entre as mulheres idosas, o que confirma dados internacionais. Não sabemos em que medida as respostas refletiram a ação de mecanismos de auto-regulação da personalidade, questões sócio-cognitivas ou ainda influência de novas exigências do ambiente. Também não perguntamos separadamente e nem tampouco sabemos como os sujeitos levaram em conta os diferentes atributos de sua rede, pois fizemos uma pergunta global sobre a satisfação com a rede de relações. Nosso intuito era de fato saber em que medida ela era avaliada como suficiente para dar conta das demandas sócio-emocionais dos indivíduos.

No entanto, a observação da realidade cotidiana dos idosos de grandes cidades metropolitanas localizadas nas regiões mais desenvolvidas do País permite sugerir que os idosos estão se tornando cientes de suas possibilidades e desejam cada vez mais quebrar restrições impostas pela sociedade. Talvez por se verem vivenciando um processo de mudança das concepções sobre velhice, os idosos e as idosas em particular mostrem-se tão satisfeitos com as suas relações sociais, que são por eles apontadas como fontes de bem-estar e como indicadores da própria adequação social (Capitanini, 2000; Neri, 2001e).

Carstensen, Gross e Fung (1997) relatam que os idosos apontam altos índices de felicidade, pouca solidão, descrevem seus relacionamentos como muito bons e citam menos experiências emocionais negativas que os jovens. As autoras justificam os resultados pela seleção de parceiros, de acordo com motivos emocionais. Conservar as relações mais significativas e descartar as demais reduz a chance de frustrações, ou decepção com os relacionamentos e disso decorre em parte a satisfação dos mais velhos com sua rede de relações.

O bem-estar subjetivo não declina com a idade, mesmo na presença de prejuízos a fatores objetivos, tais como renda e saúde. Os jovens avaliam mais negativamente sua qualidade de vida em comparação os mais velhos possivelmente porque são mais exigentes, ou então porque os mais velhos são mais flexíveis. Os homens são mais satisfeitos do que as mulheres, assim como pessoas pertencentes a gerações sucessivas são mais satisfeitas (Diener e Suh, 1998).

Podemos concluir que a rede de relações dos três grupos investigados apresentou características estruturais comuns, que se espelharam em hierarquias parecidas; na maior presença de mulheres e de pessoas das relações familiares; no fato de as fontes de apoio serem pessoas classificadas como afetivamente muito próximas e na predominância de mulheres como fontes de apoio emocional e instrumental, e homens no apoio informativo.

A amostra como um todo estava muito satisfeita com a própria rede social, com o número de componentes, e quando comparada com a rede de pessoas da mesma idade. A

avaliação sobre a satisfação foi o último item investigado na entrevista, e o que foi possível observar informalmente é que as pessoas, após conversarem sobre suas relações, faziam uma espécie de balanço. Ou seja, parece que a pergunta sobre satisfação as remetia a lembranças sobre pessoas e situações positivamente significativas e esta cognição se traduzia numa resposta de satisfação.

Homens e mulheres nos três grupos diferiram na escolha de pessoas para fonte de apoio; ficou evidente a preferência de mulheres por membros da família e dos homens pelas relações conjugais em momentos de necessidade de apoio emocional e instrumental. As questões associadas à natureza das funções de apoio poderiam ser aprofundadas, em novas pesquisas, que privilegiassem análise de reciprocidade ou de aspectos motivacionais, ligadas a essas escolhas.

Não focalizamos a reciprocidade das funções de apoio social, o que teria sido importante para melhor entender as trocas sociais entre adultos. Também não consideramos a frequência dos contatos, a proximidade geográfica e os aspectos relacionados à personalidade das pessoas. Por não termos empreendido uma pesquisa de caráter longitudinal, não temos informação sobre como a rede de relações muda ao longo do desenvolvimento adulto.

O diagrama para avaliação da rede social e as questões que se seguiram possibilitaram entrar em aspectos da avaliação emocional dos sujeitos. Muitos deles relataram terem gostado de falar a respeito e descobriram pessoas que estão no dia-a-dia oferecendo apoio e não tinham notado que eram tão importantes. Por isso acreditamos que este instrumento possa servir de referência a outros objetivos, inclusive na área da psicologia clínica, pois permite avaliar facilmente o contexto social da pessoa, a partir de seu auto-relato. Além disso, parecem evocar emoções e revisões de vida, bem como integração das experiências, o que pode cumprir objetivos clínicos.

Novas pesquisas poderão investigar as relações entre a configuração e as funções da rede e o estado civil, a escolaridade e a ocupação. Outras questões a investigar dizem

respeito ao tipo de relação de parentesco mantido pelos sujeitos-focais e as pessoas que apontaram como significativas em termos de apoio. Pode ser interessante igualmente saber por que alguns sujeitos declararam não ter pessoas como fontes de apoio ou por que outras respondem Deus, ou ainda, por que mencionaram os três tipos de apoio para a mesma pessoa. Outras pesquisas poderão investir nos processos responsáveis pela manutenção das relações sociais na vida adulta, ou pela reconstrução de redes, frente a situações de perdas sociais.

Finalmente, será interessante planejar pesquisas longitudinais de caráter multidisciplinar, para que se possa melhor compreender detalhes da complexidade da configuração e das funções das redes sociais na vida adulta e na velhice.

CONCLUSÕES

Nesse estudo sublinhamos alguns pontos específicos sobre as relações sociais no ciclo vital: o tamanho, a natureza e as funções de apoio social e a satisfação com a rede. Utilizamos como referências de análise, o modelo do comboio social e a teoria da seletividade socioemocional, numa perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida (*life span*).

Os referenciais teóricos utilizados refletem a noção de que as redes sociais são desenvolvidas ao longo do desenvolvimento e que os comportamentos se alteram de acordo com as mudanças de metas, de objetivos, de acordo com as motivações implementadas pelas tarefas evolutivas. Muito cedo na vida, a interação social passa a ser o meio primário de aquisição de informação, de desenvolvimento e manutenção do autoconceito e de regulação das emoções.

As trocas sociais entre as pessoas são definidas pelo contexto cultural dentro do qual as redes sociais estão inseridas. Os parceiros sociais muito significativos, emocionalmente ligados, acompanham as pessoas durante a vida e são importantes na manutenção da saúde mental. As preferências por parceiros sociais podem indicar, portanto, a maneira como o indivíduo desenvolve suas emoções e as relações de apego que lhe dão senso de segurança ou insegurança. Identificar essas preferências sociais e as funções dos parceiros pode ajudar a entender o processo de desenvolvimento e planejar intervenções preventivas, que aprimorem a qualidade de vida de indivíduos, grupos e nações.

As comparações entre os grupos de gênero e idade resultaram em indicações de que existem diferenças e semelhanças com relação aos padrões de estruturação e às funções da rede de relações entre homens e mulheres adultos e idosos. As afiliações a parceiros significativos sempre estão associadas a ganhos evolutivos, mas as motivações parecem ser diferentes, em diferentes momentos da vida. Os jovens precisam de uma rede maior, composta por pessoas mais velhas e da mesma idade e mais diversificada em termos da natureza das relações, porque sua principal função é informativa e estão numa fase de aquisição dos múltiplos papéis adultos.

Adultos de meia-idade apresentaram redes menores e centradas na família, o que parece próprio do momento que vivem, em que, ao mesmo tempo em que se espera que se dediquem aos outros, também se espera que invistam na própria maturidade. As mulheres dessa idade foram indicadas como fontes preferidas de apoio instrumental e emocional por homens da mesma idade e por homens e mulheres mais jovens e idosos. Isso dimensiona a importância do seu papel de cuidadoras dos membros da família, dos filhos, dos netos, eventualmente dos pais idosos, do cônjuge e das relações de amizade, dimensiona também sua natureza integradora e seu envolvimento com relacionamentos sociais.

A rede dos idosos quanto ao número de componentes foi a menor, porém com um número maior de pessoas importantes afetivamente, da família, e com maior satisfação com a rede social, o que sugere seletividade ativa nos relacionamentos com ênfase nos aspectos emocionais, para a escolha dos componentes. Na escolha de pessoas para apoio emocional, instrumental e informativo, os idosos escolheram pessoas mais novas, preferencialmente os filhos. Tais dados podem revelar uma norma social que privilegia as boas relações familiares como ideal e indicadores de adequação social: os pais cuidam dos filhos e, depois, os filhos cuidam dos pais.

Os instrumentos utilizados para essa pesquisa poderão ser utilizados em outras faixas de idade, ou com outros modos de perguntar, investigando aspectos da adaptação das pessoas à configuração de sua rede social, os mecanismos de desenvolvimento e manutenção de parceiros significativos, as características da rede mais associadas à

satisfação, o efeito da presença de outros significantes, por ocasião da ocorrência de eventos de vida negativos, aspectos esses não analisados nessa pesquisa.

Informação de pesquisa sobre as relações sociais ajudam a entender aspectos psicológicos do desenvolvimento humano, que interferem no bem estar subjetivo das pessoas, em diferentes momentos do ciclo vital. Pesquisas sobre o assunto parecem relevantes, principalmente num contexto de mudança do perfil populacional e tecnológico, que amplia a expectativa de vida das pessoas e tende a modificar as relações interpessoais. Dados sobre a rede social adulta podem servir como elementos diagnósticos para intervenções clínicas e educacionais, para o planejamento de rede de apoio formal, institucional, ou para a realização de trabalhos de apoio às relações intergeracionais, que privilegiem entender o ser humano como um todo, integrado a um contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJROUCH, K.J. ; ANTONUCCI, T. C. e JANEVIC, M. R. Social networks among blacks and whites: The interaction between race and age. Journal of Gerontology: Social Sciences, vol. 56B, N2, pp.S112-S118, 2001.

ALDWIN, C.M. Stress, coping and development. An integrative perspective. New York: Guilfor, 1984.

ALVAREZ, A. Tendo que cuidar: A vivência do idoso e de sua família cuidadora no processo de cuidar e ser cuidado em contexto domiciliar. Florianópolis: Tese de Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ANESHENSEL, C.S.; PEARLIN, L. I.; MULLAN, J.T.; ZARIT, S.H. e WHITLACH, C.J. Profiles of caregiving: The unexpected careers. San Diego, CAL: Academic Press, 1995.

ANTONUCCI, T. C. Social support and the maintenance of competence. In: S.L. WILLIS; K.W. SCHAIE e M. HAYWARD. Societal mechanisms for maintaining competence in old age. New York: Springer, pp. 182-231, 1997.

ANTONUCCI, T. C. Social support and social relationships. In: R.H. BINSTOCK e L.K. GEORGE (eds.). Handbook of aging and the Social Sciences, 3rd.Edition. New York: Van Nostrand, pp. 205-227, 1990.

_____. A life-span view of women's social relations. In: B.F. TURNER e L.E. TROLL. Women growing older: Psychological perspectives. Thousand Oaks: SAGE, pp. 239- 269, 1994.

_____. Attachment, social support, and coping with negative life events in mature adulthood. In: E.M. CUMMINGS; A.L. GREENE e K.H. KARRAKER (eds.), Life-span developmental psychology: Perspectives on stress and coping. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, pp.261-276, 1991.

ANTONUCCI, T. C. e JACKSON, J.S. Apoyo social, eficacia interpersonal y salud: Una perspectiva del transcurso de la vida. In: L.L. CARSTENSEN e B.A. EDELSTEIN. Intervención psicológica y social. Martínez Roca, pp.129-148, 1997.

ANTONUCCI, T. C. e AKIYAMA, H.. Personal characteristics, social support and social behavior. In: R.H. BINSTOCK e E. SHANAS (eds.). Handbook of aging and the Social Sciences. 2nd ed. New York: Van Nostrand Reinhold, pp. 94-128, 1985.

BALTES, M. M. e CARTENSEN, L.L.. Social-psychological theories and their applications to aging: From individual to collective. In: V.L. BENGTON e K.W. SCHAIE Handbook of Theories of Aging. New York: Springer Publishing, pp. 209-226, 1999.

BALTES, P.B. e BALTES, M.M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: P.B. BALTES e M.M. BALTES (eds.) Successful aging. Perspectives from the behavioral sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BERQUÓ, E.S. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: A.L. NERI e G.G. DEBERT (orgs.) Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Papirus, pp.11-40, 1999.

BISCONTI, T. L. e BERGEMAN, C.S.. Perceived social control as a mediator of the relationships among social support, psychological well-being, and perceived health The Gerontologist, Vol 39, (1), pp. 94–103, 1999.

BOWLBY, J.. Apego: A natureza do vínculo. vol. 1. Trad. por Álvaro Cabral (do original em inglês Attachment and loss, de 1969). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CAPITANINI, M.E.. Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós. 117p. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2000.

CARSTENSEN, L. L.; GROSS, J. J. e FUNG, H. H. The social context of emotional experience. In: K.W. SCHAIE e M.P. LAWTON. Annual Review of Gerontology e Geriatrics, v 17, pp. 325-352, 1997.

CARSTENSEN, L.L. Cambios relacionados con la edad en la actividad social. In: L.L. CARSTENSEN e B.A. EDELSTEIN. Intervención psicológica y social. Martínez Roca, pp.58-73, 1997a.

CARSTENSEN, L. L. The social context of emotional experience. In: K.W. SCHAIE e M.P. LAWTON. Annual Review of Gerontology and Geriatrics: Focus on Emotion and Adult Development. Springer Publishing ,V17, pp. 325-352, 1997b.

_____. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: Uma teoria de seletividade socioemocional. In: A. L. NERI (org.). Psicologia do envelhecimento. Campinas: Papirus, pp. 111-144, 1995.

CARTER, B. e MCGOLDRICK, M.. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. Por Maria Adriana Veríssimo Veronese do original de 1989. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CACHIONI, M. Envelhecimento bem-sucedido e participação numa universidade para a Terceira Idade: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Tese de Mestrado, Faculdade de Educação - Campinas: Unicamp, 1998.

CUMMINGS, E. e HENRY, W. E. Growing old: The process of disengagement. New York: Basic Books, 1961.

CHAIMOWICZ, F. Os idosos no século XXI: Demografia, saúde e sociedade. Belo Horizonte: Postgraduate, pp.61-72, 1998.

DEBERT, G.G. Gênero e envelhecimento. Estudos Feministas, ano 2, (1), pp. 33-51, 1994.

_____. A Reinvenção da velhice. São Paulo; EDUSP - FAPESP, 1999.

DIENER, E. e SUH, M. E.. Subjective well-being and age: An international analysis. In: K.W. SCHAIE e M.P. LAWTON. Annual Review of Gerontology and Geriatrics: Focus on Emotion and Adult Development. Springer Publishing . V17, pp. 304-324, 1997.

DOLL, J. Satisfação de vida de homens e mulheres idosos no Brasil e na Alemanha. Cadernos Pagú - Gênero e Gerações, V13, pp. 109-116, 1999.

DYKSTRA, P. A.. Loneliness among the never and formerly married: The importance of supportive friendships and a desire for independence. Journal of Gerontology: Social Sciences, nº 5, pp. 321-329, 1995.

_____. Disentangling direct and indirect gender effects on the supportive network. In: K.C.M. KNIPSCHEER e T.C. ANTONUCCI. Social Network Research: Substantive Issues and Methodological Questions. Amsterdam: Swets e Zeitlinger, pp. 55-66, 1990.

ERBOLATO, R.M.P.L. Contatos sociais: relações de amizade em três momentos da vida adulta. Tese de Doutorado em Psicologia . Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puc-Campinas), SP, pp.294, 2001.

ERIKSON, E.H.. O ciclo de vida completo. Trad. por Maria Adriana V. Veronese (do original em inglês The life circle completed, de 1997). Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

_____. Childhood and society. Nova York: W.W. Nostrand, 1950. Publicado em português pela Editora Zahar, do Rio de Janeiro em 1965.

ERIKSON, E.H.; ERIKSON, J.M. e KIVNICK, H.Q. Vital involvement in old age. Nova York: Norton, 1986.

FRANSSEN, M.J. e KNIPSCHEER, R.C.P.M.. Normative influences of the intimate social network on health behavior. In: K.C.M. KNIPSCHEER e T.C. ANTONUCCI. Social Network Research: Substantive Issues and Methodological Questions. Amsterdam: Swets e Zeitlinger, pp. 17-30, 1990.

GATZ, M. e ZARIT, S. H. Good Old Age: Paradox or Possibility. In: V.L. BERGSON e K.W. SCHAIE (editors) Handbook of Theories of Aging. New York: Springer Publishing Company, 1999.

GROSS, J.J. e FUNG, H. H.. The social context of emotional experience. In: K.W. SCHAIE e M.P. LAWTON. Annual Review of Gerontology and Geriatrics, Focus on Emotion and Adult Development, V17, pp. 325-352, 1997.

GROSS, J. J. ; CARSTENSEN, L.L.; PASUPOTHI, M.; TSAI, I.; SKROPEN, C.G. e HSU, A.Y.C.. Emotion and Aging: Experience, Expression and Control. Psychology and Aging, V12, (4), pp. 590-599, 1997.

HAVIGHURST, R.J. e ALBRECHT, R. Older people. New York: Mackay, 1953.

HAVIGHURST, R.J. Developmental tasks and education. New York: Longman Green, 1951.

HECKHAUSEN, J. Developmental regulation across the life span: An ation-phase model of engagement and disengage with developmental goals. In: J. Heckhausen (ed.), Motivational psychology of human development. Developing and motivating development. Amsterdam: Elsevier, pp. 213-231, 2000.

HOYERT, D.L. Financial and Household Exchanges Between generations. Research on Ageing, 13(2), pp.205-225, 1991.

KAHN, R. S. e ANTONUCCI, T.C.. Convoys over the life course: attachment, roles, and social support. In: P.B.BALTES e O. G. BRIM (eds.). Life span development and behavior. New York: Academic Press, vol.3, pp. 253 - 283, 1980.

KIMMEL, D.C.. Adulthood and aging. An interdisciplinary developmental view. New York: John Wiley & Sons, 1990.

KRAUSE, N. e BORAWSKI-CARK, E.. Social class diferences in social support among older adults. The Gerontologist, V35, (4), pp. 498-508, 1995.

LANG, F. R.; STAUDINGER, U. M. e CARSTENSEN, L.L.. Perspectives on socioemotional selectivity in late life: How personality and social context do (and do not) make a difference. Journal of Gerontology: Psychological Sciences. V 53b, (1), p. 21-30, 1998.

LANG, F. R. e CARSTENSEN, L. L. Close Emotional Relationships in Late Life: Further Support for Proactive Aging in the Social Domain. Psychology and Aging. V9, (2), 1994.

LANSFORD, J. E.; SHERMAN, A. M. e ANTONUCCI, T. C.. Satisfaction with social networks: An examination of socioemotional selectivity theory across cohorts. Psychology and Aging. Vol. 13, (4), pp. 544-552, 1998.

LEVITT, M.I.; WEBER, R.A. e GUACCI, N.. Convoys of social support: An intergenerational analyses. Psychology and Aging, Vol. 8, (3), pp. 323- 326, 1993.

LEVINSON, D.J.. A conception of adult development. American Psychologist, 41(1), pp.3-13, 1986.

MCADAMS, D.P.; HART, H.M. e MARUNA, S. The anatomy of generativity. In: D.P. MACADAMS; H.M.HART e S. MARUNA (eds.), Generativity and Adult Development - How and Why we care for the next generation. Whashington, DC: American Psychological Association, 1998.

MOOTZ, M.. Attitudes towards health in social networks. In: KNIPSCHEER, K.C.P.M. e ANTONUCCI, T.C. Social network research: Substantive issues and methodological questions. Amsterdam: Swets e Zeitlinger, pp. 41-54, 1990.

NERI, A. L. Paradigmas comtemporâneos sobre o desenvolvimento humano em Psicologia e em Sociologia. In: NERI,A. L. (org.) Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, Psicológicas e Sociológicas . Campinas, SP: Papyrus, 2001a.

_____. O Fruto dá sementes: processo de amadurecimento e envelhecimento. In: Neri, A. L.(org.) Maturidade e Velhice: Trajetória individuais e socioculturais. Campinas, SP: Papirus, pp. 11-52, 2001b. (coleção vivacidade)

_____. Bienestar subjetivo en la vida adulta y en la vejez: rumbo a una Psicología positiva en America Latina. Revista Interamericana de Psicología, 2001c, no prelo.

_____. Palavras-chave em gerontologia. Campinas, SP: Alínea, 2001d.

_____. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, A. L. (org.) Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas . Campinas, SP: Papirus, 2001e.

_____. Indicadores de bem-estar subjetivo em mulheres de meia idade e idosos. Campinas: Unicamp (relatório técnico), 2000.

_____. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: A. L. NERI (org) Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas, SP: Papirus, pp. 13 - 40, 1995.

NERI, A. L. e DEBERT, G.(orgs.). Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Papirus. (Coleção Vivacidade), 1999.

NERI, A. L. e SOMMERHALDER, C. As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In: NERI, A.L. (org.) Cuidar de idosos no contexto familiar: Questões psicossociais. Campinas: Alínea, 2001.

PAVARINI, S.C.I. e NERI, A.L. Compreendendo dependência, independência e autonomia no contexto domiciliar. In: I.A.O. DUARTE e M.I.D' Élboux DIOGO (orgs.) Atendimento domiciliar. Um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu, pp. 49-70, 2000.

PERRACINI, M.R. e NERI, A.L. Dimensões de significado das tarefas de cuidar: com a palavra mulheres que cuidam de idosos de alta dependência. In: A.L. NERI (org.) Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicossociais. Campinas: Alínea, 2001.

REIS, H. T. Relationship experiences and emotional well-being. In: RYFF,C.D. e SINGER, B.H.. Emotion, social relationship and health. NY: Oxford University Press, pp. 57-96, 2001.

RIEGEL, K.F. The dialectics of human development. American Psychologist, vol. 31, pp.689-700, 1976.

ROWE, J.R. e KAHN, R.L. Successful aging. New York: Pantheon Books, 1998.

SAAD, P.M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A.A. (org.) Muito além dos 60: Os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

SETTERSEN JR., R.A e MAYER, K.U. The measurement of aging structure and the life course. Annual Review of Sociology, 23: 243 -261,1997.

SCHAEIE, K.W. e WILLIS, S.L.. Adult development and aging. N.Y.: Harper Collins, 1996.

SCHÜTZE, Y. e LANG, F. R.. Integration in family, kinship and friendship networks. In: MOLLENKOPF, H. (org.). Elderly people in industrialized societies. Berlim: Sigma, pp. 25-41, 1996.

SHI, L. Family financial and household support exchange between generations: A survey of Chinese rural elderly. The Gerontologist. 33(4), pp. 468-480, 1993.

SOMMERHALDER, C.. Significados associados à tarefa de cuidar de idosos de alta dependência no contexto familiar. Tese de Mestrado, Faculdade de Educação, Campinas : Unicamp, 2001.

SOMMERHALDER, C. e NOGUEIRA, E.J.. As Relações entre Gerações. In: A.L. NERI e S.A. FREIRE (orgs.). E por falar em boa velhice . Campinas, SP: Papyrus, pp. 101-112, 2000.

TILBURG, T.. Losing and gaining in old age: Changes in personal network size and social support in a four-year longitudinal study. Journal of Gerontology: Social Sciences, Vol. 53B, (6), pp. S313-S323, 1998.

TUCKER, J. S.; SCHWARTZ, J.E.; CLARK K.M. e FRIEDMAN, H.S.. Age-related changes in the associations of social network ties with mortality risk. Psychology and Aging. Vol. 14, (4), pp. 564-571, 1999.

UNGER, J. B.; McAVAY, G.; BRUCE, M.L.; BERKMAN, L. e SEEMAN, T.. Variation in the impact of social network characteristics on physical functioning in elderly persons: McArthur studies of successful aging. Journal of Gerontology: Social Sciences. Vol. 54B, (5), pp. S245-S251, 1999.

VEGA, J. L. e MARTINEZ, B.B.. Desarrollo Adulto y Envejecimiento. Madrid, Espanha: Editorial Síntesis, 1996.

WAGNER, M.; SHÜTZE, Y. e LANG, F.R.. Social relationship in old age. In: P.B. BALTES e C.U. MAYER (eds). The Berlin Aging Study. Cambridge: Cambridge University Press, pp.282-301, 1998.

WEISS, R. Loneliness: The experience of emotional and social isolation. Cambridge, MA: MIT Press, 1973.

WU, Z. e POLLARD, M. S. Social support among unmarried childless elderly persons. Journal of Gerontology: Social Sciences. Vol. 53B, (6), pp. S324-S335, 1998.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário de dados pessoais dos sujeitos

Respondente Nº

Grupo

Data da entrevista: ___/___/___

Questionário 1 – Caracterização dos Sujeitos

1. **Sexo :** Fem. () Masc. ()

2. **Data de nascimento :** ___/___/___

3. **Estado civil :**

Casado () Separado ()

Solteiro () Viúvo ()

4. **Escolaridade :**

Ensino fundamental / primário / ou 1^a a 4^a série do primeiro grau ()

Ensino fundamental / ginásio / ou 5^a a 8^a série do primeiro grau ()

Ensino médio / colegial / ou curso técnico ()

Ensino superior / faculdade ()

5. **Ocupação:**

Estudante ()sim ()não Aposentado ()sim () não

Trabalha () sim () não

6. **Com quem mora?**

() pai, a mãe e irmão(s)

() cônjuge e filho(s)

() cônjuge

() cônjuge, filho(s) e neto(s)

() filho(s)

() filho(s) e neto(s)

() amigos

() sozinho

7. **Sustenta-se por renda :**

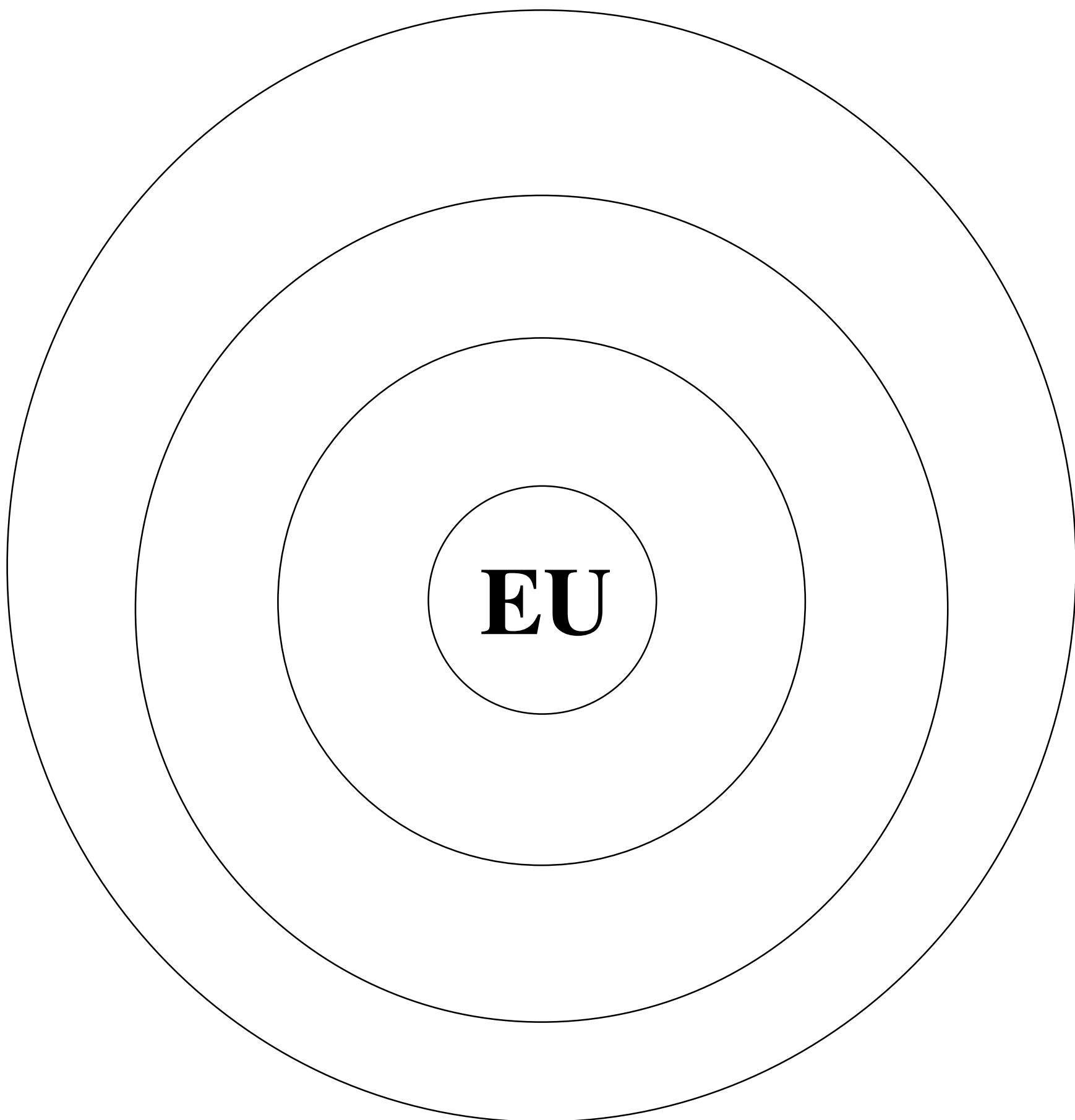
própria ()

familiar ()

Anexo 2 - Diagrama da Rede Social na Vida Adulta

Respondente Nº

Grupo :



Anexo 3 - Quadro de resposta sobre a rede social do Diagrama

Respondente Grupo

Círculo 1 – (muito próximo)

Pessoa	Idade	Sexo M / F	Tipo Relação (natureza)

Círculo 2 – (próximo)

Pessoa	Idade	Sexo M / F	Tipo Relação (natureza)

Círculo 3 – (distante)

Pessoa	Idade	Sexo M / F	Tipo Relação (natureza)

Anexo 4 - Questões complementares

Entrevista complementar

Respondente Grupo

1. A quem o(a) (Sr/Sra/você) faz confidências?

2. Quando o(a) (Sr/Sra/você) tem alguma necessidade (material, financeira, ou fazer algo), com que pessoa pode contar?

3. Com que pessoa o (Sr/Sra/você) troca idéias sobre conhecimentos de uma maneira geral, por exemplo sobre política e sobre educação. Ou seja, que pessoa lhe dá oportunidades para aumentar seus conhecimentos, ou de quem o (Sr/Sra/você) gosta de ouvir a opinião?

4. Gostaria que o(a) (Sr/Sra/você), avaliasse sua satisfação em relação aos aspectos de suas relações sociais, e assinalasse o um número que melhor representa o seu grau de satisfação, com relação a:

Seu envolvimento social hoje	<input type="text"/>	1	Pouco satisfeito
	<input type="text"/>	2	Mais ou menos satisfeito
	<input type="text"/>	3	Muito satisfeito
Seu envolvimento social em comparação com o de outras pessoas da sua idade .	<input type="text"/>	1	Pouco satisfeito
	<input type="text"/>	2	Mais ou menos satisfeito
	<input type="text"/>	3	Muito satisfeito
O número de pessoas da sua Rede social.	<input type="text"/>	1	Pouco satisfeito
	<input type="text"/>	2	Mais ou menos satisfeito
	<input type="text"/>	3	Muito satisfeito

Anexo 5 - Exemplo do roteiro da coleta dos dados

O roteiro abaixo foi utilizado para descrever passo a passo a aplicação dos instrumentos para coleta de dados, com objetivo de padronizar o comportamento da pesquisadora e das duas auxiliares de pesquisa.

Instruções gerais:

1. Para cada entrevista deverá ser registrado um número para o respondente, identificando também seu grupo, de acordo com a faixa etária (**G1** = 25 a 35; **G2** = 45 a 55; **G3** = 65 a 75 anos). Antes de iniciar cada entrevista, deve-se preencher o número do respondente (de acordo com a tabela recebida) e o código do grupo:

Respondente: N^o *Grupo*

2. As seguintes instruções devem ser lidas para todos os respondentes:

_ Esta é uma pesquisa sobre relações sociais, estamos entrevistando pessoas adultas, e gostaria muito que o(a) (Sr/Sra/você) colaborasse. A entrevista é totalmente voluntária. Se ao ver uma questão o(a) (Sr/Sra/você) não quiser responder, apenas avise, e podemos ir para as outras questões ou interromper a entrevista em qualquer momento.

3. Todos os instrumentos devem ser preenchidos pelas pesquisadoras, as pessoas entrevistadas respondem oralmente.

4. Primeiro instrumento: Caracterização dos sujeitos.

_ Por favor, antes de começar a montar a sua rede de relações sociais, gostaria de obter alguns dados pessoais. (faça as questões como se estivesse conversando: qual a data completa de seu nascimento? O(a) (Sr/Sra/você) é casado.., solteiro.., separado.., ou viúvo? Até que ano estudou? Atualmente, trabalha, estuda ou está aposentado? Qual sua ocupação? O(a) (Sr/Sra/você) mora com quem?, Sua renda é própria ou familiar? Anote as respostas e se observações que considerar interessante).

5. Instruir:

_ Essa pesquisa é sobre sua rede de relacionamentos sociais, sobre as pessoas que atualmente são importantes na sua vida. Eu gostaria que o(a) (Sr/Sra/você) me ajudasse a montar sua rede de relações.

Fornecer o Diagrama da Rede Social na Vida Adulta (anexo 2a), e ficar com um outro em branco (anexo2b).

Mostrar o Diagrama, apontando os círculos de acordo com a explicação:

_ Este diagrama é formado por círculos. No meio deles está o(a) (Sr/Sra/você), simbolizado pela palavra "EU", depois um círculo mais próximo, um intermediário e outro mais distante.

_ O primeiro círculo inclui somente as pessoas que o(a) (Sr/Sra/você) sente que são mais próximas, afetivamente mais chegadas e que seria difícil imaginar a vida sem elas. (apontar)

_ O segundo círculo inclui pessoas que não são tão próximas, mas que ainda são muito importantes para o(a) (Sr/Sra/você). (apontar)

_ E o terceiro círculo inclui pessoas que não são tão próximas, mas importantes o suficiente para serem incluídas entre seus relacionamentos. (apontar)

_ Tudo bem? Alguma dúvida?

_ Então agora eu gostaria que o(a) (Sr/Sra/você) pensasse nas pessoas que lhe são mais próximas e chegadas, aquelas sem as quais seria difícil imaginar a sua vida. Concentre-se nessas pessoas e fale o primeiro nome, ou as iniciais ou apelido, para que eu possa escrever no primeiro círculo. Depois pense nas pessoas que lhe são importantes mas não tão chegadas, e fale seus nomes para serem colocadas no segundo círculo. Finalmente pense nas pessoas importantes para

o(a) (Sr/Sra/você), porém mais distantes, menos chegadas, que podem ser colocadas no terceiro círculo.

6. Após o preenchimento do diagrama, o pesquisador deverá instruir:

_ Agora eu gostaria de saber um pouco sobre essas pessoas que foram colocadas na sua rede.

Utilize o roteiro de questões e preencha o quadro correspondente (Anexo 3), para todas as pessoas que foram colocadas na rede.

O pesquisador deverá colocar o nome de cada pessoa escolhida pelo respondente, de acordo com os respectivos círculos e na seqüência colocada pelo respondente.

_ Essa pessoa (aponte ou fale o nome) é homem ou mulher?

_ Qual idade aproximada dela?

_ Qual o tipo de relação ela tem com o(a) (Sr/Sra/você), isto é, ela é parente: tio(a), mãe, pai, irmã(o), primo(a); é amigo(a): de infância, de escola, vizinho, de trabalho antigo; é de relações no trabalho: chefe, subordinado, trabalham juntos; ou é de uma relação amorosa: namorado(a), esposo(a).

7. Após o preenchimento do quadro das pessoas da rede, iniciar as perguntas complementares, lendo literalmente as questões do instrumento, anexo 4, sobre apoio emocional, instrumental e informativo de pessoas da rede, seguido de questões relacionadas a satisfação que também devem ser lidas para o respondente.

Finalize a entrevista agradecendo a colaboração, reforçando que os dados da pesquisa que quando publicada não tratará de dados individuais.

Anexo 6 - Tabela dos números dos respondentes para cada pesquisador

NÚMERO DOS RESPONDENTES - Para primeira auxiliar

G 1 - (25 –35) - ANOS DE NASCIMENTO – 1975 – 74 –73 –72 –71 –70 –69 –68 –67 –66 –65

G2 - (45 – 55) – Anos – 1955 – 54 –53 –52 –51 –50 –49 –48 –47 –46 –45

G3 - (65 – 75) – Anos – 1935 – 34 –33 –32 –31 –30 –29 –28 –27 –26 –25

GRUPO 1 (25 –35)					GRUPO 2 (45 – 55)					GRUPO 3 (65 – 75)				
HOMENS					HOMENS					HOMENS				
001	002	003	004	005	101	102	103	104	105	201	202	203	204	205
006	007	008	009	010	106	107	108	109	110	206	207	208	209	210
011	012	013	014	015	111	112	113	114	115	211	212	213	214	215
016	017	018	019	020	116	117	118	119	120	216	217	218	219	220
MULHERES					MULHERES					MULHERES				
051	052	053	054	055	151	152	153	154	155	251	252	253	254	255
056	057	058	059	060	156	157	158	159	160	256	257	258	259	260
061	062	063	064	065	161	162	163	164	165	261	262	263	264	265
066	067	068	069	070	166	167	168	169	170	266	267	268	269	270

NÚMERO DOS RESPONDENTES - Para a segunda auxiliar

G 1 - (25 –35) - ANOS DE NASCIMENTO – 1975 – 74 –73 –72 –71 –70 –69 –68 –67 –66 –65

G2 - (45 – 55) – Anos – 1955 – 54 –53 –52 –51 –50 –49 –48 –47 –46 –45

G3 - (65 – 75) – Anos – 1935 – 34 –33 –32 –31 –30 –29 –28 –27 –26 –25

GRUPO 1 (25 –35)					GRUPO 2 (45 – 55)					GRUPO 3 (65 – 75)				
HOMENS					HOMENS					HOMENS				
021	022	023	024	025	121	122	123	124	125	221	222	223	224	225
026	027	028	029	030	126	127	128	129	130	226	227	228	229	230
031	032	033	034	035	131	132	133	134	135	231	232	233	234	235
036	037	038	039	040	136	137	138	139	140	236	237	238	239	240
MULHERES					MULHERES					MULHERES				
071	072	073	074	075	171	172	173	174	175	271	272	273	274	275
076	077	078	079	080	176	177	178	179	180	276	277	278	279	280
081	082	083	084	085	181	182	183	184	185	281	282	283	284	285
086	087	088	089	090	186	187	188	189	190	286	287	288	289	290

NÚMERO DOS RESPONDENTES - Para a terceira auxiliar

G 1 - (25 –35) - ANOS DE NASCIMENTO – 1975 – 74 –73 –72 –71 –70 –69 –68 –67 –66 –65

G2 - (45 – 55) – Anos – 1955 – 54 –53 –52 –51 –50 –49 –48 –47 –46 –45

G3 - (65 – 75) – Anos – 1935 – 34 –33 –32 –31 –30 –29 –28 –27 –26 –25

GRUPO 1 (25 –35)					GRUPO 2 (45 – 55)					GRUPO 3 (65 – 75)				
HOMENS					HOMENS					HOMENS				
041	042	043	044	045	141	142	143	144	145	241	242	243	244	245
046	047	048	049	050	146	147	148	149	150	246	247	248	249	250
MULHERES					MULHERES					MULHERES				
091	092	093	094	095	191	192	193	194	195	291	292	293	294	295
096	097	098	099	100	196	197	198	199	200	296	297	298	299	300

